

# XX ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL

## II ENCONTRO NACIONAL DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL



**Período: 24, 25 e 26 de outubro de 2023**

**Local: Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)**

### Realização



### Apoio



### Patrocínio





## ORGANIZADORES DOS ANAIS:

CLARICE FERREIRA GUIMARÃES DIÓGENES

MARIANNE DA CRUZ MOURA

# CADERNO DE PROGRAMAÇÃO E ANAIS DO XX ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL E DO II ENCONTRO NACIONAL DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

NATAL/RN

2023

1ª EDIÇÃO

[www.enei.ce.ufrn](http://www.enei.ce.ufrn)





**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO DA INFÂNCIA – COLÉGIO DE APLICAÇÃO (NEI-CAp)**

**Reitor:** Prof. Dr. José Daniel Diniz Melo

**Diretor do Centro de Educação:** Prof. Dr. Jefferson Fernandes Alves

**Coordenadora do PPGED:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Luciane Terra dos Santos Garcia

**Diretora do Nei:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maristela de Oliveira Mosca

### FICHA CATALOGRÁFICA

Sistema de Bibliotecas da UFRN  
Biblioteca Setorial do Núcleo de Educação da Infância (NEI/CAp)

Encontro Nacional de Educação Infantil (20.: 2023: Natal, RN)  
Caderno de programação e anais do 20. Encontro Nacional de Educação Infantil e 2. Encontro Nacional dos anos Iniciais do Ensino Fundamental [recurso eletrônico] / Clarice Ferreira Guimarães Diógenes, Marianne da Cruz Moura (Organizadoras). – Natal, RN: Núcleo de Educação da Infância, 2023.  
246 p.: il. -

Modo de acesso: <http://enei.ce.ufrn.br>  
ISBN: 978-65-00-84512-9

1. Educação infantil – Congresso. 2. Ensino fundamental – Congresso. 3. Infância – Congresso. I. Diógenes, Clarice Ferreira Guimarães. II. Moura, Marianne da Cruz. III. Núcleo de Educação da Infância. IV. Título.

Bibliotecária: Milena de Macedo Barbosa Nascimento CRB15-381



## COMISSÕES

### COORDENAÇÃO GERAL DO EVENTO

JANAINA SPÉGLICH DE AMORIM CARRICO – UFRN

ANA KARLA PESSOA PEIXOTO BEZERRA – UFRN

### COMISSÃO ORGANIZADORA

DANIELLE MEDEIROS DE SOUZA - UFRN

SANDRO DA SILVA CORDEIRO– UFRN

KÍVIA PEREIRA DE MEDEIROS FARIA– UFRN

DENISE BORTOLETTO – UFRN

### COMISSÃO DE PUBLICAÇÃO

CLARICE FERREIRA GUIMARÃES DIÓGENES – UFRN

MARIANNE DA CRUZ MOURA - UFRN

ANA CAROLLYNE DE MEDEIROS – UFRN

### SECRETARIA

MARIA JOSÉ CAMPOS FERREIRA – UFRN

ADELE GUIMARÃES UBARANA SANTOS - UFRN

BÁRBARA RAINARA MAIA SILVA – UFRN

ANA KARLA PESSOA PEIXOTO BEZERRA - UFRN

### COMISSÃO CIENTÍFICA - COORDENADORES:

REBECA RAMOS CAMPOS DE OLIVEIRA – UFRN

ELAINE TAYSE DE SOUSA – UFRN

KÍVIA PEREIRA DE MEDEIROS FARIA – UFRN

GILVÂNIA PONTES – UFRN

MARIA DA CONCEIÇÃO DE OLIVEIRA ANDRADE – UFRN

### COMISSÃO CIENTÍFICA - AVALIADORES:

ADELE GUIMARAES UBARANA SANTOS – UFRN

ANA CATHARINA URBANO MARTINS DE SOUSA BAGOLAN – UFRN

AYSLLANE JUNIE PESSOA DA CUNHA – UFRN

BÁRBARA RAINARA MAIA SILVA– UFRN

BÁRBARA RAQUEL COUTINHO TOSCANO AZEVEDO – UFRN

BLENDA CARINE DANTAS DE MEDEIROS – UFRN

CAMILA RODRIGUES DOS SANTOS – UFRN

CLARICE FERREIRA GUIMARÃES DIÓGENES – UFRN

CLAUDIA ROBERTO SOARES DE MACEDO NAZÁRIO – UFRN

DANIELLE MEDEIROS DE SOUZA – UFRN

DENISE BORTOLETTO – UFRN

EDLA CRISTINA SARMENTO COSTA DA SILVA – UFRN

ELAINE SANTANA DE OLIVEIRA – UFRN

ELAINE TAYSE DE SOUSA – UFRN

ESTHEPHÂNIA OLIVEIRA MAIA BATALHA – UFRN



GILVÂNIA LIMA DE SOUZA MIRANDA – UFRN  
ISAURA DE FRANCA BRANDAO – UFRN  
IVONE PRISCILLA DE CASTRO RAMALHO – UFRN  
JANAÍNA SPEGLICH DE AMORIM CARRICO – UFRN  
JOYCE MARIANA ALVES BARROS – UFRN  
KÍVIA PEREIRA DE MEDEIROS FARIA – UFRN  
LAIANY RODRIGUES DE SOUSA – UFRN  
LUANNA PRISCILA DA SILVA GOMES – UFRN  
LUCINEIDE CRUZ ARAÚJO – UFRN  
MARIA DA CONCEIÇÃO DE OLIVEIRA ANDRADE – UFRN  
MARIA IZABEL JERÓNIMO – UFRN  
MARIA JOSÉ CAMPOS FAUSTINO DA SILVA – UFRN  
MARIA JOSÉ CAMPOS FERREIRA – UFRN  
MARIANNE DA CRUZ MOURA – UFRN  
MARISTELA DE OLIVEIRA MOSCA – UFRN  
MILENA OLIVEIRA DE LIRA – UFRN  
MILENE DOS SANTOS FIGUEIREDO – UFRN  
NEYSE SIQUEIRA CARDOSO – UFRN  
PATRÍCIA REGINA VIEIRA VIANA DE ANDRADE – UFRN  
PAULO EMILIO EURICH MAITO – UFRN  
REBECA RAMOS CAMPOS DE OLIVEIRA – UFRN  
RIVALDO BEVENUTO DE OLIVEIRA NETO – UFRN  
ROZANA RAMOS NEVES – UFRN  
SANDRO DA SILVA CORDEIRO – UFRN  
SARA MARIA PINHEIRO PEIXOTO – UFRN  
TERESA REGIA ARAÚJO DE MEDEIROS – UFRN  
UILIETE MARCIA SILVA DE MENDONCA PEREIRA – UFRN

#### **COMISSÃO CULTURAL**

LAIANY RODRIGUES DE SOUSA – UFRN  
CAMILA RODRIGUES DOS SANTOS – UFRN  
VÂNIA ROSEANE PASCOAL MAIA – UFRN

#### **COMISSÃO DE DIVULGAÇÃO**

IVONE PRISCILLA DE CASTRO RAMALHO – UFRN  
GILVANIA MIRANDA – UFRN  
LUANNA PRISCILA DA SILVA GOMES, – UFRN  
RIVALDO BEVENUTO DE OLIVEIRA NETO – UFRN  
SARA MARIA PINHEIRO PEIXOTO – UFRN

#### **COMISSÃO DE PATROCÍNIO**

UILIETE MARCIA SILVA DE MENDONCA PEREIRA – UFRN  
ANA KARLA PESSOA PEIXOTO BEZERRA – UFRN  
ELAINE SANTANA DE OLIVEIRA – UFRN  
LUCINEIDE CRUZ ARAÚJO – UFRN



### **COMISSÃO DE INFRAESTRUTURA**

JOYCE MARIANA ALVES BARROS – UFRN  
ADRIANA PAULA DA SILVA ELEUTERIO – UFRN  
AYSLLANE JUNIE PESSOA DA CUNHA – UFRN  
BÁRBARA RAQUEL COUTINHO TOSCANO AZEVEDO – UFRN  
NEYSE SIQUEIRA CARDOSO – UFRN  
PAULO EMILIO EURICH MAITO – UFRN  
ROSANGELA DE ANDRADE SILVA – UFRN

### **COMISSÃO DE ACESSIBILIDADE**

ANA CATHARINA URBANO MARTINS DE SOUSA BAGOLAN – UFRN  
RIVALDO BEVENUTO DE OLIVEIRA NETO – UFRN  
SARA MARIA PINHEIRO PEIXOTO – UFRN

### **COMISSÃO DE VISITA AO NEI**

SANDRO DA SILVA CORDEIRO – UFRN  
DANIELLE MEDEIROS DE SOUZA – UFRN  
ANA KARINA DE LIRA SANTOS – UFRN  
GILSON FREIRES DE ARAÚJO JUNIOR – UFRN  
JEKSON MAFRA LIRA DOS SANTOS – UFRN



## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO .....	08
PROGRAMAÇÃO GERAL .....	10
CONFERÊNCIAS .....	11
MESAS VIRTUAIS .....	12
DIÁLOGOS PEDAGÓGICOS .....	13
PROGRAMAÇÃO (SIMPÓSIOS) .....	15
PROGRAMAÇÃO (GTs) .....	18
ANAIS .....	33



## APRESENTAÇÃO

O Encontro Nacional de Educação Infantil, em sua 20ª edição, e o Encontro Nacional dos anos iniciais do Ensino Fundamental, em sua 2ª edição, trazem o tema *Infâncias à margem? Democracia, protagonismo e diferença na educação*. Almejamos, juntos, tecermos os caminhos de uma educação emancipatória, aquela que emerge no cotidiano do espaço escolar, que considera a criança como o centro de todo o processo de ensino e aprendizagem, a partir da diferença inerente a cada aprendiz.

Diante dos desafios atuais, interpostos à educação no cenário político e social brasileiro, abordaremos as possibilidades de a escola corroborar com uma formação de sujeitos autônomos, protagonistas de todo o processo educativo. Em tempos de interconexão com a cultura digital na escola, torna-se imprescindível refletir sobre a educação a partir de propostas pedagógicas ativas e da organização de contextos escolares provocadores e significativos. Diante disso, nossos pensamentos e princípios se alinham com as práticas pedagógicas que se constroem nas interações, no movimento e no debate democrático. É nessa tônica que apostamos na ecologia dos saberes e em temáticas emergentes, estratégicas e propositivas. Reconhecemos a pluralidade dos saberes e a necessidade de valorização da diferença, a fim de realizarmos, na escola, ações efetivamente emancipatórias.

Este evento científico é uma realização do Núcleo de Educação da Infância, vinculado ao Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. É planejado, organizado e executado por uma equipe de professores, gestores e de servidores técnicos, cujas atividades e reflexões estão sempre voltadas para a construção colaborativa e consciente de uma educação inovadora de qualidade. Em suas edições anteriores, favoreceu o intercâmbio de conhecimentos e possibilitou trocas com uma expressiva comunidade de educadores de diferentes regiões do Brasil, trazendo para o foco da discussão questões relevantes e necessárias para a Educação do país. Nesta edição, o ENEI/ENEF convida os participantes a debater a educação a partir de reflexões sobre a diferença, a democracia e o protagonismo das





infâncias. Em sua organização, o ENEI se apresenta em conferências, mesas-redondas destinadas às temáticas da Educação Infantil e do Ensino Fundamental, grupos de trabalho, diálogos pedagógicos, simpósios e uma visita ao Núcleo de Educação da Infância. Destacamos, como novidade da presente edição do evento, a interlocução direta, no chão da escola, com professores do Núcleo de Educação da Infância, cujo objetivo é oportunizar a imersão dos participantes do evento no Colégio de Aplicação, a fim de dialogar com a prática construída nesta instituição. Vale ressaltar também a continuidade dos simpósios que surgiram na edição anterior do evento, como um fórum dedicado às pesquisas científicas.

A equipe organizadora do ENEI/ENEF se sente honrada em receber pensadores da educação que, com suas vozes, práticas, estudos e ideias, trarão cor, criatividade e competência para o nosso evento, na celebração de seu vigésimo ano do evento.

**Equipe Organizadora do ENEI/ENEF**



## PROGRAMAÇÃO GERAL

	24/10 (terça-feira)	25/10 (quarta-feira)	26/10 (quinta-feira)
MANHÃ	Solenidade de abertura 9h00 às 09h30 <b>Local: AUDITÓRIO DA REITORIA</b>	Diálogos Pedagógicos (1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10) 09h00 às 11h00 <b>Local: CENTRO DE EDUCAÇÃO</b>	Grupos de Trabalho (GT) (1, 2, 3, 5 e 6) 08h00 às 09h30 <b>Local: CENTRO DE EDUCAÇÃO</b>
	Conferência 01 - com <b>ANETE ABRAMOWICZ</b> 09h30 às 10h30 <b>Local: AUDITÓRIO DA REITORIA</b>		-
	Café 10h30 às 11h00 <b>Local: AUDITÓRIO DA REITORIA</b>		Grupos de Trabalho (GT) (4 e 7) 10h00 às 11h30 <b>Local: CENTRO DE EDUCAÇÃO</b>
	Mesa 01 <b>EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO RACIAIS NA ESCOLA DAS INFÂNCIAS</b> 11h00 às 12h00 <b>Local: AUDITÓRIO DA REITORIA</b>		Simpósios (1 e 2) 10h00 às 11h30 <b>Local: CENTRO DE EDUCAÇÃO</b>
		Visita de Estudos (Grupo de pré-inscritos) <b>Local: NEI-CAP</b>	Visita de Estudos (Grupo de pré-inscritos) <b>Local: NEI-CAP</b>
	ALMOÇO	ALMOÇO	ALMOÇO
TARDE	Mesa 02 <b>GÊNERO E EDUCAÇÃO</b> 14h00 às 15h00 <b>Local: AUDITÓRIO DA REITORIA</b>	Mesa 03 <b>EDUCAÇÃO INCLUSIVA NA ESCOLA DAS INFÂNCIAS</b> 14h00 às 15h00 <b>Local: AUDITÓRIO DA REITORIA</b>	Conferência 03 com <b>JOSÉ EDUARDO LANUTI</b> 14h00 às 15h00 <b>Local: AUDITÓRIO DA REITORIA</b>
	Café 15h00 às 15h30 <b>Local: AUDITÓRIO DA REITORIA</b>	Café 15h00 às 15h30 <b>Local: AUDITÓRIO DA REITORIA</b>	Encerramento das conferências com a participação remota <b>PAULO FOCHI</b> 15h00 às 16h00
	Conferência 02 com <b>MAGDA PUCCI</b> 15h30 às 16h30 <b>Local: AUDITÓRIO DA REITORIA</b>	Mesa 04 <b>PROTAGONISMOS DAS INFÂNCIAS NOS PROCESSOS DE ENSINO - APRENDIZAGEM</b> 15h30 às 16h30 <b>Local: AUDITÓRIO DA REITORIA</b>	Café e Lançamento de Livros 16h00 às 16h30 <b>Local: AUDITÓRIO DA REITORIA</b>
	Apresentação cultural 16h30 às 17h00 <b>Local: AUDITÓRIO DA REITORIA</b>	Mostra Cultural das Crianças 16h30 às 17h00 <b>Local: AUDITÓRIO DA REITORIA</b>	Apresentação cultural de encerramento 16h30 às 17h00 <b>LOCAL: AUDITÓRIO DA REITORIA</b>

## CONFERÊNCIAS

### Conferência 1 - “Infâncias: afirmando diferenças!”



**Anete Abramowicz:** Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (1979), mestrado em Educação: História, Política, Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1992) e doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (1998). Atualmente é professora Titular da Faculdade de Educação de Universidade de São Paulo. É Professora Titular Sênior da Universidade Federal de São Carlos.

### Conferência 2 - “A escuta do mundo pluricultural em processos educativos”

**Magda Pucci:** Musicista (arranjadora, compositora e cantora) e pesquisadora independente de músicas do mundo e das culturas indígenas brasileiras. Formada em Música pela Universidade de São Paulo, é mestre em Antropologia pela PUC-SP e Doutora em Pesquisa Artística pela Universidade de Leiden, na Holanda. É diretora musical e fundadora do Mawaca, um grupo de música com sede em São Paulo, que pesquisa e performa músicas em mais de 20 línguas tendo recebido alguns prêmios na área de música.



### Conferência 3 - “O que pode uma escola para todos? Considerações a partir da diferença de cada criança”



**José Eduardo Lanuti:** Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Três Lagoas, e presidente da Comissão Multidisciplinar Permanente de Acessibilidade da mesma instituição. Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Inclusão (NEPI/UFMS) e pesquisador do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino e Diferença (LEPED) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), onde concluiu o Doutorado em Educação. Mestre em Educação e licenciado em Pedagogia e Matemática.



## MESAS REDONDAS

24 e 25 de outubro de 2023 (terça-feira e quarta-feira)

### **MESA 1 - Educação das relações étnico raciais na escola das infâncias.**

Palestrantes: José Glebson Vieira (UFRN) e Daiane Daine de Oliveira Gomes (UFRN)

Mediador da mesa: Uiliete Marcia Silva de Mendonca Pereira (UFRN)

24 de outubro

11h00 às 12h00

Local: AUDITÓRIO DA REITORIA

### **MESA 2 – Gênero e Educação**

Palestrantes: Elisete Schwade (UFRN) e Evanilson Gurgel (UFERSA)

Mediador da mesa: Isaura Brandão (UFRN)

24 de outubro

14h00 às 15h00

Local: AUDITÓRIO DA REITORIA

### **MESA 3 - Educação inclusiva na escola das infâncias**

Palestrantes: Jefferson Fernandes (CE/UFRN), Elaine Santana de Oliveira - (UFRN),

Rivaldo Bevenuto de Oliveira Neto (UFRN)

Mediador da mesa: Cláudia Nazário (UFRN)

25 de outubro

14h00 às 15h00

Local: AUDITÓRIO DA REITORIA

### **MESA 4 - Protagonismos nos processos de aprendizagem**

Palestrantes: Fernanda Mendes Cabral (UFPB) e Saimonton Tinôco (UFPB)

Mediador da mesa: Blenda Carine Dantas de Medeiros (UFRN)

25 de outubro

15h30 às 16h30

Local: AUDITÓRIO DA REITORIA



## **DIÁLOGOS PEDAGÓGICOS**

**25 de outubro de 2023 (quarta-feira)**

**09h00 às 11h00**

### **Diálogo 1 – Gênero e prática pedagógica.**

Evanilson Gurgel de Carvalho Filho

LOCAL: CENTRO DE EDUCAÇÃO, SALA 303

### **Diálogo 2 – Educação inclusiva: teoria e prática**

Adele Guimaraes Ubarana Santos, Clarice Ferreira Guimarães Diógenes e Maria José Campos Ferreira

LOCAL: CENTRO DE EDUCAÇÃO, SALA 304

### **Diálogo 3 – Teatro, corpo e inclusão**

Uiliete Marcia Silva de Mendonça Pereira, Sara Maria Pinheiro Peixoto e Ana Catharina Urbano M de S Bagolan

LOCAL: CENTRO DE EDUCAÇÃO, SALA 305

### **Diálogo 4 – Povos originários e equidade Racial na escola**

Bárbara Rainara Maia Silva e Daiane de Oliveira Gomes

LOCAL: CENTRO DE EDUCAÇÃO, SALA 306

### **Diálogo 5 – Literatura e protagonismo infantil**

Gildene Lima de Souza Fernandes e Estrela Santos

LOCAL: CENTRO DE EDUCAÇÃO, Auditório

### **Diálogo 6 – Ensino de artes na escola**

Gilvânia Pontes, Ivone Priscilla de Castro Ramalho e Karine Coutinho

LOCAL: CENTRO DE EDUCAÇÃO, SALA 403



**Diálogo 7 – Educação, alimentação e meio ambiente**

Dominique Cristina Souza de Sena Maranhão e Juliana Morais de Sousa

LOCAL: CENTRO DE EDUCAÇÃO, SALA 302

**Diálogo 8 – Educação e Cuidado com bebês e crianças bem pequenas**

Marianne da Cruz Moura e Elaine Luciana Sobral

LOCAL: CENTRO DE EDUCAÇÃO, SALA 404

**Diálogo 9 – A construção de práticas pedagógicas inovadoras a partir das mídias**

Lucineide Cruz Araújo e Milene dos Santos Figueiredo

LOCAL: CENTRO DE EDUCAÇÃO, SALA 405

**Diálogo 10 – Escola e práticas pedagógicas emancipatórias: protagonismos das crianças na educação das infâncias**

Elaine Santana de Oliveira

LOCAL: CENTRO DE EDUCAÇÃO, SALA 406



## SIMPÓSIOS

### **SIMPÓSIO 1 – EDUCAÇÃO, CRIANÇA, INFÂNCIA E DESENVOLVIMENTO**

**DATA:** 26 de outubro / **HORÁRIO:** 10h00 às 11h30 / **LOCAL:** Centro de Educação (Sala 406)

**PROFESSORES MEDIADORES:** Denise Bortoletto; Camila Rodrigues dos Santos; Cristina Leandro

<p><b>1 - NO TECIDO DA MEMÓRIA: RETRATOS DO JARDIM DE INFÂNCIA</b>  <b>MODELO DE NATAL</b>  Sarah de Lima Mendes</p>
<p><b>2 - REFLEXÕES SOBRE A PARTICIPAÇÃO DAS CRIANÇAS NA INTERFACE COM A DEMOCRACIA</b>  Rafael Araújo da Silva  Luiz Hilário Mulatinho Junior</p>
<p><b>3 - A CRIANÇA E SUA INFÂNCIA: UM OLHAR A PARTIR DA SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA</b>  Gillyane Dantas dos Santos</p>
<p><b>4 - AS EMOÇÕES E A SOCIALIZAÇÃO: A VIVÊNCIA DA PESQUISA COM CRIANÇAS</b>  Rebeca Domitila Tavares de Azevedo Maurício dos Santos  Milena Fernanda Lopes de Souza</p>
<p><b>5 - DIREITOS DAS CRIANÇAS E A PRODUÇÃO CIENTÍFICA</b>  <b>Thabatta Louise Zilio</b>  Risalva Alves Brazão de Azevedo</p>
<p><b>6 - EDUCAÇÃO INFANTIL: FUNÇÃO E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: O QUE DIZEM AS PESQUISAS BIBLIOGRÁFICAS</b>  Risalva Alves Brazão de Azevedo  Denise Maria de Carvalho Lopes</p>
<p><b>7 - O PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL</b>  Juliana Aquino Medeiros Oliveira  Gabriella Castro Pereira  Giovana Carla Cardoso Amorim</p>
<p><b>8 - O PAPEL SOCIAL DA CRIANÇA NA ESCOLA E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA INFÂNCIA</b>  Maria Patrícia Costa de Oliveira  Elda Silva do Nascimento Melo</p>
<p><b>9 - A EXPERIÊNCIA NARRATIVA NA CONSTITUIÇÃO DO EU NA EDUCAÇÃO INFANTIL</b>  Silvana de Medeiros da Silva  Mariangela Momo</p>



**10 – A PESQUISA COM CRIANÇAS NA ESCOLA DAS INFÂNCIAS:  
CONSIDERAÇÕES E REFLEXÕES SOBRE O FAZER METODOLÓGICO**

Denise Bortoletto  
Adir Luiz Ferreira

**11 - A SOCIALIZAÇÃO DAS INFÂNCIAS DURANTE O PERÍODO  
ELEITORAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Milena Fernanda Lopes de Souza  
Denise Bortoletto

**12- AS REVISTAS PEDAGOGIUM DO RN(1940 - 1950) COM HISTÓRIA DA  
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Alícia Tatiane do Vale Barbosa  
Maria Inês Sucupira Stamatto





## **SIMPÓSIO 2 – LINGUAGENS, LETRAMENTOS E PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA NA ESCOLA DA INFÂNCIA**

**DATA: 26 de outubro / HORÁRIO: 10h00 às 11h30 /LOCAL: Centro de Educação (Sala 303)**

**PROFESSORES MEDIADORES: Nathalia Potiguara de Moraes Lima e Neyse Siqueira Cardoso**

### **1 - CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA INFANTIL COM TEMÁTICA INDÍGENA NA VISÃO DAS CRIANÇAS**

Manoilly Dantas de Oliveira

### **2 - LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL E A FORMAÇÃO DE LEITORES**

Júlia Maria Queiroz da Silva

Naligia Maria Bezerra Lopes

### **3 - A LINGUAGEM ORAL DAS CRIANÇAS BEM PEQUENAS: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO SOBRE O OBJETO DE PESQUISA**

Leisa Aparecida Gviasdecki de Oliveira

Veronica Branco



## GRUPOS DE TRABALHOS (GTs)

### **GRUPO DE TRABALHO 1 - RELAÇÕES ÉTNICO RACIAIS E RELAÇÕES DE GÊNERO NA ESCOLA**

**DATA:** 26 de outubro / **HORÁRIO:** 08h00 às 09h30/**LOCAL:** Centro de Educação (Sala 302)

**PROFESSOR MEDIADOR:** Joyce Mariana Alves Barros

<p><b>1 - AS EXPRESSÕES LITERÁRIAS DO CONTINENTE AFRICANO E A FORMAÇÃO DE LEITORES NO ENSINO FUNDAMENTAL</b> Milena Oliveira de Lira Danielle Medeiros de Souza</p>
<p><b>2 - DECOLONIZAR E EMANCIPAR: UM OLHAR PARA A LITERATURA NEGRA UTILIZADAS EM ESCOLAS DE ANGICOS-RN</b> Maria Claudia Bezerra Trindade Adriene de Souza Araújo Ana Maria Pereira Aires</p>
<p><b>3 - ARTE, INFÂNCIAS E INTERCULTURALIDADE: DESAFIOS E POSSIBILIDADES</b> Bárbara Rainara Maia Silva Elaine Tayse de Sousa Gilvânia Maurício Dias de Pontes</p>
<p><b>4 - SABERES NECESSÁRIOS PARA A MEDIAÇÃO DA LITERATURA INDÍGENA NA SALA DE AULA</b> Manoilly Dantas de Oliveira</p>
<p><b>5 - AS RELAÇÕES DE GÊNERO A PARTIR DA LITERATURA INFANTIL</b> Marianna Carla Costa Tavares</p>
<p><b>6 - INFÂNCIAS E HISTÓRIAS: A LITERATURA ATRAVÉS O OLHAR DE CRIANÇAS QUILOMBOLAS</b> Blenda Priscila Alencar da Silva Giovana Carla Cardoso Amorim</p>
<p><b>7 - O BRINCAR COMO DEMOCRATIZAÇÃO DAS RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL</b> Merian Aparecida Poluceno de Figueiredo</p>
<p><b>8 - RESPEITO AS DIFERENÇAS: UM DEBATE NECESSÁRIO NA ESCOLA</b> Josiane Beloni de Paula Maria Conceição de Oliveira Andrade</p>
<p><b>9 - (RE) PENSANDO AS PRINCESAS A PARTIR DA LITERATURA INFANTIL AFRO-BRASILEIRA</b> Milene André dos Santos Zilana Teixeira Marcelino</p>



## GRUPOS DE TRABALHOS (GTs)

### **GRUPO DE TRABALHO 2 - DIFERENÇA NA EDUCAÇÃO E EDUCAÇÃO INCLUSIVA**

**DATA: 26 de outubro / HORÁRIO: 08h00 às 09h30/LOCAL: Centro de Educação (Sala 304)**

**PROFESSOR MEDIADOR: Adele Guimarães**

<p><b>1 - CORPO, ARTE CONTEMPORÂNEA E MULTISSENSORIALIDADE NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA INFÂNCIA</b> Rivaldo Bevenuto de Oliveira Neto</p>
<p><b>2 - ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO: OS MARCOS NORMATIVOS E OS DESAFIOS PARA A EDUCAÇÃO INCLUSIVA</b> Gleudson Felipe Justino da Silva Bruna Kelly da Costa</p>
<p><b>3 - FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS DOCENTES EM UMA PERSPECTIVA INCLUSIVA: O TRABALHO COLABORATIVO EM PAUTA</b> Bruna Kelly da Costa</p>
<p><b>4 - POSSIBILIDADES DO CORPO NO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO</b> Ilanna Márnea Araújo Chagas Sára Maria Pinheiro Peixoto Maria Aparecida Dias</p>
<p><b>5 - A FORMAÇÃO DOCENTE NA/PARA A PERSPECTIVA INCLUSIVA E UMA INTERFACE COM A CONSCIÊNCIA CORPORAL NA INFÂNCIA: O QUE PODE O CORPO?</b> Sára Maria Pinheiro Peixoto Ilanna Márnea Araújo Chagas Maria Aparecida Dias</p>
<p><b>6 - ESTIMULAÇÃO PRECOCE DA CRIANÇA COM T21 NO AMBIENTE ESCOLAR</b> Thayná das Chagas Silva Amanda do Nascimento Vitorino Ana Luiza Oliveira Dantas</p>
<p><b>7 - DESENVOLVIMENTO LINGUÍSTICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS COM LINGUAGEM ORAL E ESCRITA EM UMA CLASSE HOSPITALAR</b> Jacyene Melo de Oliveira Araújo Aizlha Rhaymara Souza de Oliveira Tatiane Crislayne Alexandre da Silva</p>



**8 - O PROCESSO DE INCLUSÃO E ADAPTAÇÃO ESCOLAR DE CRIANÇAS COM AUTISMO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Maria Clara Castro de Melo

Renata Leonarda Miranda

Vaniele Maria de Oliveira

**9 - AUTOSCOPIA COMO FERRAMENTA DE INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM TEA**

Larissa Bezerra dos Santos Souza

Jacyene Melo de Oliveira Araújo

**10 - O AUXILIAR COMO AGENTE DE INCLUSÃO: PROPOSTA DE AÇÕES FORMATIVAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Vanessa Bandeira dos Santos

Maristela de Oliveira Mosca



## GRUPOS DE TRABALHOS (GTs)

### **GRUPO DE TRABALHO 3 - PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**DATA:** 26 de outubro / **HORÁRIO:** 08h00 às 09h30/**LOCAL:** Centro de Educação (Sala 305)

**PROFESSOR MEDIADOR:** Maria da Conceição de Oliveira Andrade

<p><b>1 - O QUE DIZEM AS(OS) PROFESSORAS(ES) SOBRE PLANEJAMENTO E ORGANIZAÇÃO DE AMBIENTES DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL?</b>          Ana Maura Tavares dos Anjos          Érica Eva Jucá de Freitas</p>
<p><b>2 - A FOTOGRAFIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: EXERCÍCIOS DO OLHAR</b>          Sarah de Lima Mendes          Beatriz Marques Ferreira</p>
<p><b>3 - COMO SURGE A ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: AS EXPERIÊNCIAS PSICOMOTORAS NO CMEI IRENE LISBOA – GOIANINHA/RN</b>          Suellen Priscila de Souza Barbosa          Ana Luiza Silva Costa          Maria Daniele da Silva</p>
<p><b>4 - ACOLHER PARA EDUCAR: UMA ANÁLISE ACERCA DAS CONCEPÇÕES E PRÁTICAS SOBRE O ACOLHIMENTO DAS CRIANÇAS NO INÍCIO DA VIDA ESCOLAR</b>          Josenaide Isabel dos Santos Silva</p>
<p><b>5 - CIRANDA CULTURAL: O OLHAR DAS CRIANÇAS ALÉM DA COR DA NOSSA PELE, NO CMEI IRENE LISBOA</b>          Ana Luiza Silva Costa          Cleitania Florêncio Silva dos Santos          Maria Daniele da Silva</p>
<p><b>6 - A BRINCADEIRA QUE NORTEIA: A PROPOSTA PEDAGÓGICA E SUAS IMPLICAÇÕES NO BRINCAR</b>          Maria Laudeíres de Souza Gadelha          Blenda Karine Dantas de Medeiros</p>
<p><b>7 - BARCO NAVEGA NO RIO E NO MAR</b>          Maria Luciana Bernardo Torres          Isabel Cristina de Lima Silva          Nair Lima dos Santos</p>
<p><b>8 - A IMPORTÂNCIA DA COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA EM TEMPOS DE PANDEMIA: RELATOS NO CMEI IRENE LISBOA – GOIANINHA/RN</b>          Suellen Priscila de Souza Barbosa</p>



**9 - BORBOLETÁRIO: VIVENCIANDO A METAMORFOSE DAS BORBOLETAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Danielle Patrício Dos Santos  
Denisia Brito de Sousa

**10 - PESQUISA COM CRIANÇAS: AS POSSIBILIDADES NO CMEI IRENE LISBOA**

Cleitânia Florêncio da Silva dos Santos

**11. EDUCAÇÃO NÃO COMBINA COM LIXÃO**

Andrea Kátia Bezerra da Silva  
Denise Medeiros Dantas



## GRUPOS DE TRABALHOS (GTs)

### **GRUPO DE TRABALHO 3 - PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**DATA:** 26 de outubro / **HORÁRIO:** 08h00 às 09h30/**LOCAL:** Centro de Educação (Sala 306)

**PROFESSOR MEDIADOR:** Elaine Tayse de Sousa

<p><b>1 - NÍSIA FLORESTA MINHA CIDADE, MINHA HISTÓRIA: RELATO DE EXPERIÊNCIAS DAS CRIANÇAS SOBRE O LUGAR ONDE VIVEM.</b> Adriana Chaves de Sousa Castro</p>
<p><b>2 - OS CANTINHOS DE APRENDIZAGENS E O TRABALHO COM A ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL</b> Edilson Júnior Renata Araujo</p>
<p><b>3 - BELEZA NA MESA: EXPERIÊNCIAS DE UM PROJETO VIVENCIADO NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UFPB</b> Renata da Costa Lima Thais Thalyta da Silva Rayssa Maria Anselmo de Brito</p>
<p><b>4 - DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA: DIÁLOGOS ENTRE MADALENA FREIRE E LORIS MALAGUZZI</b> Lêda de Cássia Garção Moura Denise Maria de Carvalho Lopes</p>
<p><b>5 - O PROJETO DO CARACOL: RELATO DE PRÁTICA COM CRIANÇAS DE CRECHE</b> Lêda de Cássia Garção Moura</p>
<p><b>6 - INSERÇÃO E ADAPTAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL</b> Bárbara Rainara Maia Silva Maria José Campos Ferreira</p>
<p><b>7 - FORMIGUINHA, FORMIGONA</b> Marijanne Lucia Tinoco Isabel Cristina de Lima Silva Rosilda Maria da Silva</p>
<p><b>8 - ENTREVISTA PÚBLICA, NARRATIVAS DOCENTES E SEU CARÁTER FORMADOR PARA PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL</b> Marianna Carla Costa Tavares</p>
<p><b>9 - REFLEXÕES DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARTICIPATIVAS NA EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS PEQUENAS</b> Roneide Pereira da Cunha</p>



**10 - A LUDICIDADE E O DESENVOLVIMENTO DA LEITURA E ESCRITA DAS CRIANÇAS NA PRÉ-ESCOLA**

Simone Barros

Ozivania Lopes

**11.QUE SALA É ESSA? UMA REFLEXÃO SOBRE OS CONTEXTOS INVESTIGATIVOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL.**

Elidiane Almeida Barros Feliciano





## GRUPOS DE TRABALHOS (GTs)

### **GRUPO DE TRABALHO 3 - PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**DATA:** 26 de outubro / **HORÁRIO:** 08h00 às 09h30/**LOCAL:** Centro de Educação (Sala 402)

**PROFESSOR MEDIADOR:** Úrsula G. Dantas Menezes

<p><b>1 - CURRÍCULOS E ARTEFATOS PEDAGÓGICOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL</b> Letícia Oliveira da Silva Elaine Luciana Sobral Dantas</p>
<p><b>2 - A DIDATIZAÇÃO DA LITERATURA INFANTIL: UMA ANÁLISE DE LIVROS LITERÁRIOS DO EDITAL PNLD 2022</b> Railson Thiago de Carvalho Silva Elaine Luciana Sobral Dantas</p>
<p><b>3 - PERSPECTIVAS SOBRE O PNLD NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA ANÁLISE DOS TRABALHOS ACADÊMICOS</b> Maria Ritta de Melo Costa Louriete Ribeiro de Araújo</p>
<p><b>4 - CONVERSANDO SOBRE AS EMOÇÕES</b> Milena Oliveira de Lira Maria Conceição de Oliveira Andrade</p>
<p><b>5 - A ORGANIZAÇÃO DAS ROTINAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: SENTIDOS DE PROFESSORAS</b> Lívia Hadija Cruz e Silva Aline da Costa Dantas</p>
<p><b>6 - CURRÍCULO E LINGUAGENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL</b> Thais Lopes de Araújo Aline da Costa Dantas</p>
<p><b>7 - MINHOQUINHA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL</b> Maria Lúcia da Silva Bernardo Pinheiro Isabel Cristina de Lima Silva Nair Lima dos Santos</p>
<p><b>8 - OS CONHECIMENTOS MATEMÁTICOS NA CONSTRUÇÃO DA ROTINA EM TURMA DE BERÇÁRIO 2</b> Dominique Cristina Souza de Sena Maranhão Kívia Pereira de Medeiros Faria</p>
<p><b>9 - SENTIDOS DE PROFESSORES SOBRE AVALIAÇÃO NA/DA EDUCAÇÃO INFANTIL</b> Jucilene Monteiro da Silva Thabatta Louise Zilio</p>



**10 - AS EXPERIÊNCIAS DO MOVIMENTO DA ESCOLA MODERNA DE PORTUGAL: CONTRIBUIÇÕES PARA PENSAR A PARTICIPAÇÃO DAS CRIANÇAS**

Rafael Araújo da Silva  
Luiz Hilário Mulatinho Junior  
Geovar Miguel dos Santos

**12 - A FORMAÇÃO CONTINUADA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Nair Lima dos Santos  
Rosilda Maria da Silva  
Isabel Cristina de Lima Silva



## GRUPOS DE TRABALHOS (GTs)

### GRUPO DE TRABALHO 4 - PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ENSINO FUNDAMENTAL

**DATA:** 26 de outubro / **HORÁRIO:** 08h00 às 09h30/**LOCAL:** Centro de Educação (Sala 403)

**PROFESSOR MEDIADOR:** Gilvânia Lima de Souza Miranda

<p><b>1 - O USO DE JOGOS EDUCATIVOS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NOS ANOS INICIAIS</b> Naara Câmara de Souza Rebeca Campos Ramos</p>
<p><b>2 - INTERLOCUÇÕES ENTRE DIFERENTES ÁREAS DO CONHECIMENTO NO DESENVOLVIMENTO DE UM TEMA DE PESQUISA</b> Bárbara Raquel Coutinho Toscano Azevedo Janaina Speglich de Amorim Carrico</p>
<p><b>3 - A TUTORIA COMO FERRAMENTA PARA UMA AVALIAÇÃO DIALÓGICA NO ENSINO FUNDAMENTAL</b> Luiza Marina S. de Negreiros Ana Luiza O. Dantas</p>
<p><b>4 - EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS: quais posicionamentos são revelados nos discursos das crianças?</b> Pollyana Lúcia Mangabeira Juliana de Melo Lima</p>
<p><b>5 - BRINCAM CRIANÇAS E DOCENTES</b> Edla Cristina S. C. da Silva</p>
<p><b>6 - ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA POR MEIO DE JOGOS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL</b> Camila Rodrigues dos Santo Neyse Siqueira Cardoso</p>
<p><b>7 - O GÊNERO POEMA NA ELABORAÇÃO DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA</b> Luzia Liniane do Nascimento Silva Jéssica Luana da Silva Ivone Priscilla de Castro Ramalho Vanessa Alessandra Cavalcanti Peixoto</p>
<p><b>8 - EDUCAÇÃO FINANCEIRA NA INFÂNCIA: ALGUNS APONTAMENTOS</b> Vanessa Alessandra C. Peixoto Lucineide C. Araújo</p>
<p><b>9 - A LINGUAGEM ORAL NA ESCOLA: A APRESENTAÇÃO DE SEMINÁRIOS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL</b> Gilvania L. Souza Miranda</p>



**10 - VIVÊNCIA SOCIALIZADORA DE CULTURA DE PARES NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Maria Patrícia Costa de Oliveira



## GRUPOS DE TRABALHOS (GTs)

**GRUPO DE TRABALHO 5 - Movimentos sociais e processos educativos - Educação Popular e educação do campo**

**GRUPO DE TRABALHO 6 -Inclusão digital e mídias na educação**

**DATA: 26 de outubro / HORÁRIO: 08h00 às 09h30/LOCAL: Centro de Educação (Sala 303)**

**PROFESSOR MEDIADOR: Vânia Roseane Pascoal**

<b>1 - CURRÍCULO, CULTURAS LOCAIS E EDUCAÇÃO INFANTIL DO CAMPO – O QUE DIZEM AS PESQUISAS?</b> Maria Izabel Jerônimo Denise Maria de Carvalho
<b>2 - É URGENTE ESCUTAR AS CRIANÇAS DO CAMPO</b> Matteus Vinicius Gomes Luz
<b>3 - DECOLONIALIDADE E ARTE: METODOLOGIA E CONTEMPORANEIDADE</b> Josiane Beloni de Paula
<b>4 - A ROBÓTICA EDUCACIONAL COMO FERRAMENTA DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL</b> Aysllane Junie Pessoa da Cunha Géssica Fabiely Fonseca



## GRUPOS DE TRABALHOS (GTs)

### **GRUPO DE TRABALHO 7 - Arte e protagonismo infantil**

**DATA:** 26 de outubro / **HORÁRIO:** 08h00 às 09h30/**LOCAL:** Centro de Educação (Sala 404)

**PROFESSOR MEDIADOR:** Laiany Rodrigues de Sousa

<p><b>1 - EXPERIMENTANDO, EXPLORANDO E CONHECENDO O MUNDO POR MEIO DAS SENSACIONES: A INSERÇÃO DE BEBÊS NA ESCOLA DA INFÂNCIA</b>            Dominique Cristina Souza de Sena Maranhão            Kívia Pereira de Medeiros Faria            Gilvânia Maurício Pontes Dias de Pontes</p>
<p><b>2 - ARTE E TECNOLOGIA: REFLEXÕES POSSÍVEIS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO DA INFÂNCIA</b>            Lucineide Cruz Araújo            Gilvania L. de Souza Miranda</p>
<p><b>3 - FLAUTA DOCE NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA</b>            Nathalia Gabriella Fernandes Aguiar</p>
<p><b>4 - ENSINO DE ARTE NUMA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR E INCLUSIVA NO MUNICÍPIO DE NATAL/RN: COMPOSIÇÕES CURRICULARES NA EDUCAÇÃO BÁSICA</b>            Sanderson Tinoco da Silva            Maristela de Oliveira Mosca</p>
<p><b>5 - “ERA BOM MAIS LIVROS”:</b> AS CRIANÇAS NA CONSTRUÇÃO DO PLANO MUNICIPAL PELA PRIMEIRA INFÂNCIA DE PARNAMIRIM/RN            Renata Larissa de Paiva Ferreira            Simone Leite da Silva Peixoto            Akynara Aglaé Rodrigues Santos da Silva Burlamaqui</p>
<p><b>6 - GRAFISMO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: LEITURA DE IMAGENS E FORMAÇÃO DOCENTE</b>            Gilvânia Maurício Dias de Pontes            Elaine Tayse de Sousa            Michelle Mayra Bezerra</p>
<p><b>7 - O FAZ DE CONTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: TEMA DE PESQUISA E LUDICIDADE NA BRINQUEDOTECA</b>            Itamara Beatriz da Silva Mendes            Leilane Oliveira de Santana            Blenda Carine Dantas de Medeiros</p>



**8 - EDUCAÇÃO INFANTIL NA ARTE EM CORES E TELAS**  
Silvanete Pereira da Silva Oliveira



## GRUPOS DE TRABALHOS (GTs)

### **GRUPO DE TRABALHO 7 - Arte e protagonismo infantil**

**DATA: 26 de outubro / HORÁRIO: 08h00 às 09h30/LOCAL: Centro de Educação (Sala 405)**

**PROFESSOR MEDIADOR: Clarice Ferreira Guimarães Diógenes**

<p><b>1 - O DESENHO INFANTIL NA CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO DA CIDADE</b> Francisca Paloma Almeida Vital Renata Facó de Saboia Castro</p>
<p><b>2 - COMPOSIÇÕES ENTRE CRIANÇAS, ARTES E NATUREZAS</b> Ivone Priscilla de Castro Ramalho Karyne Dias Coutinho Camila Ingrid Pereira Caldas</p>
<p><b>3. O ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM ARTES VISUAIS NA ESCOLA DA INFÂNCIA</b> Maria Luisa Silva Rodrigues Elaine Santana de Oliveira Uiliete Márcia Silva de Mendonça Pereira</p>
<p><b>4. AS POTENCIALIDADES DAS ARTES NA ESCOLA: A EXPERIÊNCIA DOCENTE DE PEDAGOGAS DO NEI-CAP/UFRN</b> Camila Ingrid Pereira Caldas Karyne Dias Coutinho</p>
<p><b>5. O BOI DE REIS NO ENSINO FUNDAMENTAL: ARTE, CULTURA E PROTAGONISMO INFANTIL</b> Francisco Ivanilton Honorato da Silva Elaine Santana de Oliveira Uiliete Márcia Silva de Mendonça Pereira</p>





# ANAIS DO XX ENEI E II ENEF<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> OS RESUMOS PUBLICADOS NESTES ANAIS SÃO DE INTEIRA RESPONSABILIDADE DE SEUS AUTORES.  
XX ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL / II ENCONTRO NACIONAL DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL. NATAL-RN, 2023. CADERNO DE PROGRAMAÇÃO E ANAIS DO EVENTO.



## SIMPÓSIO 01 – EDUCAÇÃO, CRIANÇA, INFÂNCIA E DESENVOLVIMENTO

Reúne pesquisas desenvolvidas na interface educação e infâncias, que buscam compreender o desenvolvimento infantil, as relações da criança com o conhecimento e com o contexto social, no diálogo com áreas da História, da Sociologia, da Filosofia e da Psicologia. Discute a dimensão socioemocional nas pesquisas em escolas das crianças.

]



## NO TECIDO DA MEMÓRIA: RETRATOS DO JARDIM DE INFÂNCIA MODELO DE NATAL

Sarah de Lima Mendes

**Palavras-chave:** Jardim de Infância. Criança. Fotografia. Memória. Representação.

### 1 INTRODUÇÃO

Durante muito tempo, a História da Criança foi considerada a história dos sujeitos socialmente excluídos, ocasionando um processo de ocultação, definida por Sarmiento (2007) de “invisibilidade” social da infância. Nas últimas décadas, pesquisadores da história, sociologia, antropologia e educação, buscam compreender o universo da infância por óticas diversas. Nessa perspectiva, o trabalho objetiva analisar as representações de crianças e infâncias nas fotografias do Jardim de Infância Modelo de Natal, em meados de 1953 a 1965. A referida instituição escolar foi pioneira na educação da pequena infância que deixa vestígios de sua história individual e coletiva pela ótica da fotografia (MENDES, 2020).

### 2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

O referencial teórico sustenta-se no conceito de Representação em Chartier (2002) e Memória em Le Goff (2010), com o intuito de compreender os discursos que perpassam as imagens de crianças e infâncias. Do ponto de vista metodológico, o trabalho fundamenta-se na análise documental e faz uso da leitura de imagens fotográficas, à luz de Kossoy (2012, 1999), por considerar a fotografia um produto ideológico e cultural transcendendo uma análise puramente descritiva, mas na definição de significados e de sentidos causados no próprio pesquisador. Como fio condutor na análise das fontes, Sarmiento (2004) nos auxilia a partir das categorias sociais: Classe Social, Gênero e Raça. O corpus documental é composto de fotografias arquivadas no Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy de Natal, de Legislação e edições de Jornais.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por fim, as reflexões empreendidas no desenvolvimento da pesquisa apontam que as fotografias produzidas do Jardim de Infância Modelo projetam a imagem de criança ideal e de educação modelar, ao mesmo tempo em que produz esse ideário, conserva a memória de uma cultura escolar infantil.

### 4 CONCLUSÕES/CONSIDERAÇÕES FINAIS

XX ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL / II ENCONTRO NACIONAL DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL. NATAL-RN, 2023. CADERNO DE PROGRAMAÇÃO E ANAIS DO EVENTO.



Conclui-se que o estudo pioneiro contribui para área da História da Educação Infantil, sobretudo, em pesquisas acerca das infâncias em contexto escolar. Por isso, sugerimos para fins de novas pesquisas a escrita histórica da Educação Infantil local.

## 5. REFERÊNCIAS

CHARTIER, Roger. A História Cultural: entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 1990.

KOSSOY, Boris. Fotografia e história. São Paulo: Ateliê, 2012.

LE GOFF, Jaques. História e memória. Campinas: Unicamp, 2010.

MENDES, Sarah de Lima. A criança pela lente da fotografia: representações e culturas no Jardim de Infância Modelo de Natal (1953-1965). Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020.

SARMENTO, Manuel Jacinto. VASCONCELLOS, Vera Maria Ramos. (Org.) Infância (in)visível. Araraquara: Junqueira&Marin, 2007.



## REFLEXÕES SOBRE A PARTICIPAÇÃO DAS CRIANÇAS NA INTERFACE COM A DEMOCRACIA

Rafael Araújo da Silva  
Luiz Hilário Mulatinho Junior

**Palavras-chave:** Infância. Participação Social. Democracia.

O debate sobre democracia, está mais do que nunca vigente em nossos noticiários e cotidiano. Principalmente após o fatídico, 8 de janeiro de 2023, e a tentativa (de mais um) golpe contra a democracia brasileira, o debate sobre democracia se faz, mais uma vez, necessário. Partindo do exposto indaga-se: de fato, como refletir o debate acerca da participação das crianças na democracia? O problema abordado nesta reflexão teórica é como efetivar a participação social das crianças no ambiente escolar para a superação de uma prática silenciadora. Tendo como objetivo refletir sobre práticas que potencializem a participação infantil nas instituições de Educação Infantil. Partindo do exposto, e referenciando a citação da máxima na educação inglesa, em meados do século XX, Formosinho (2007, p.13) afirma que: “[...] as crianças devem ser vistas, mas não ouvidas”. Sarmiento (2007), aprofunda essa discussão ao contribuir com o conceito da invisibilidade cívica, no que consistem no silenciamento, por parte dos adultos, das crianças. Esse *modus operandi* que a perspectiva adultocêntrica age, impacta diretamente no desenvolvimento da participação das crianças, e conseqüentemente, em suas vivências nos espaços democráticos da sociedade. O trabalho fundamenta-se por uma pesquisa bibliográfica, pois tem o intuito de ampliar debates sobre o escopo do objeto investigado (GIL, 2002). Os resultados esperados foi abordar a discussão nos ambientes escolares sobre a importância da participação das crianças e reforçar o debate de uma cultura democrática que visibilize as crianças enquanto sujeito de direitos e que sua participação por uma cidadania plena. Dessarte, foi possível inferir, a partir de pesquisas na área, que as instituições de educação podem ser uma fomentadora de participação das crianças por excelência, já que o exercício da cidadania, através da participação social, é uma forma de vivenciar a democracia. O referido trabalho não teve a pretensão de esgotar o debate, mas sim de alargar horizontes para a discussão da participação das crianças e continuar fomentando futuras pesquisas nessa área de pesquisa.

### REFERÊNCIAS



GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa/Antônio Carlos Gil. - 4. ed. - São Paulo : Atlas, 2002.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, J. Pedagogia(s) da infância: reconstruindo uma práxis de participação. PEDAGOGIA(S) DA INFÂNCIA: dialogando com o passado: construindo o futuro. Júlia Oliveira-Formosinho, Tizuko Morchida Kishimoto, Mônica Appezzaro Pinazza, (Org.). – Porto Alegre: Artmed, 2007.

SARMENTO, M. J. Visibilidade social e estudo da Infância. In: VASCONCELOS, M. R; SARMENTO, M. J. Infância (in)visível. Araraquara, São Paulo: Junqueira & Marin, 2007, p. 25-52.



## A CRIANÇA E SUA INFÂNCIA: UM OLHAR A PARTIR DA SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA

Gillyane Dantas dos Santos

**Palavras-chave:** Criança. Infância. Fundamentos. Educação Infantil. Sociologia da Infância.

O referido trabalho tem como objetivo apresentar reflexões estabelecidas sobre a importância dos estudos da Sociologia da Infância no Curso de Pedagogia, sobretudo na disciplina de Fundamentos da Educação Infantil como elemento promotor do reconhecimento e respeito aos diferentes contextos infantis. A análise apresentada no trabalho, conta com as inquietações presentes nas conjecturas de uma futura professora, quando a autora esteve enquanto graduanda matriculada no curso de Pedagogia, no período de 2012 a 2016; e de uma formadora de futuros professores, agora enquanto profissional docente do curso de Pedagogia. Para fins metodológicos, foi utilizada a técnica da pesquisa bibliográfica para ampliar as discussões e aprofundar a temática, de modo que contamos com o auxílio de Corsaro (1997, 2009); Sarmiento (2005); Kramer (2016); Rossetti-Ferreira e Oliveira (2009), entre outros. O que se coloca em foco é a importância de discutir, analisar e compreender elementos importantes acerca da participação social (BARBOSA, 2009) das crianças nos meios em que estão inseridas. Observamos perante o estudo a fragilidade apresentada a formação inicial de professores acerca de discussões que possibilitem a reflexão crítica sobre as vivências das crianças nos espaços escolares. A preparação profissional tem ampliado a visibilidade aos procedimentos metodológicos, didáticos e práticos da ação docente em detrimento da invisibilidade dos sujeitos que oportunizam que o processo educacional primário ocorra, as crianças. Destaca-se, portanto, a urgência de estabelecer pontes entre os estudos que fundamentam a Educação Infantil com as compreensões estabelecidas pela Sociologia da Infância, de modo a favorecer a sensibilidade, o olhar e a atenção as diferentes infâncias e crianças presentes na escola.

### REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Como a sociologia da infância de William A. Corsaro pode contribuir com as pedagogias das escolas de educação infantil?. IN: MULLER, F.; CARVALHO, A. M. A. (Orgs.). **Teoria e Prática na pesquisa com crianças: diálogos com William Corsaro**. São Paulo: Cortez: 2009.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Ofício Circular nº 17.2020. **Orientações acerca do artigo 1.º da Resolução CNS n.º 510, de 7 de abril de 2016**. Ministério da Saúde. Secretaria-Executiva do Conselho Nacional de Saúde. Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. 2022.

CORSARO, W. **The sociology of childhood**. California: Pine Forge, 1997.

XX ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL / II ENCONTRO NACIONAL DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL. NATAL-RN, 2023. CADERNO DE PROGRAMAÇÃO E ANAIS DO EVENTO.



CORSARO, Willian A. Reprodução interpretativa e cultura de pares. IN: MULLER, F.; CARVALHO, A. M. A. (Orgs.). **Teoria e Prática na pesquisa com crianças: diálogos com William Corsaro**. São Paulo: Cortez: 2009.

DEVECHI, Catia Piccolo Viero; TREVISAN, Amarildo Luiz. Sobre a proximidade do senso comum das pesquisas qualitativas em educação: positividade ou simples decadência? *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 43, p. 148-201, jan./abr. 2010. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v15n43/a10v15n43.pdf>. Acesso em: 08 de junh. 2023.

KRAMER, Sonia. Infância e Educação: o necessário caminho para trabalhar contra a barbárie. IN: KRAMER, S.; LEITE, M. I.; NUNES, M. F.; GUIMARÃES, D. (Orgs.). **Infância e Educação Infantil**. Campinas-SP: Papyrus Editora, 2016.

ROSSETI-FERREIRA, M. C.; OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. Um diálogo com a sociologia da infância a partir da Psicologia do Desenvolvimento. IN: MULLER, F.; CARVALHO, A. M. A. (Orgs.). **Teoria e Prática na pesquisa com crianças: diálogos com William Corsaro**. São Paulo: Cortez: 2009.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 361-378, Maio/Ago, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v26n91/a03v2691.pdf>>. Acesso em: 08 de jun de 2023.





## AS EMOÇÕES E A SOCIALIZAÇÃO: A VIVÊNCIA DA PESQUISA COM CRIANÇAS

Rebeca Domitila Tavares de Azevedo Maurício dos Santos  
Milena Fernanda Lopes de Souza

**Palavras-chave:** Iniciação Científica. Emoções. Pesquisa com Crianças.

### 1 INTRODUÇÃO

O presente resumo tem o intuito de compartilhar uma vivência de pesquisa com crianças na Escola das Infâncias resultado de uma experiência em iniciação científica dos autores, em que puderam interligar a teoria e prática na pesquisa, contribuindo assim com a construção dos saberes acadêmicos e sociais.

### 2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

A metodologia de trabalho em iniciação científica se sustentou, inicialmente, na revisão bibliográfica de artigos e textos visando a busca por referenciais teóricos. Buscou-se também realizar uma coleta de dados com as crianças e/ou professores na escola das infâncias, e, por meio da observação participante, descrever dados para explicar os fenômenos emocionais e sociais e assim, articular com a teoria e prática em nossa formação.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A vivência da iniciação científica na graduação nos permitiu conhecer sobre as diferenças entre as pesquisas quantitativas e qualitativas, os diversos tipos de metodologias para a coleta dos dados, a ausência de neutralidade no ato de pesquisar e a abordagem fenomenológica (MASINI, 2001).

No âmbito da pesquisa infantil, foi possível aprender sobre as diferenças entre pesquisa com crianças e sobre as mesmas, e esse aspecto demonstra a maneira como a observamos. A coleta de dados com esse público deve levar em consideração a escuta sensível e a observação das expressividades, principalmente nos casos em que não a oralidade está em desenvolvimento (ROCHA, 2012).

### 4 CONCLUSÕES/CONSIDERAÇÕES FINAIS

As disciplinas ofertadas na graduação têm uma abordagem um pouco distanciada das discussões em torno do processo de pesquisa, e somente ao



vivenciar a iniciação científica é possibilitada a experiência em torno do processo de pesquisar e conhecimento sobre ele.

A oportunidade de vivenciar a iniciação científica permite com que o futuro professor pense e reflita sobre sua prática, investigue seus objetos de estudos, busque melhoria em sua atuação, e contribua com a comunidade científica por meio do compartilhamento de suas experiências. O estudo das emoções e dos sentimentos permite que o professor consiga identificar em seu contexto esses aspectos em seus alunos, favorecendo o estreitamento das relações, a empatia e uma educação sobre as emoções.

## 5 REFERÊNCIAS

MASINI, Elcie F. Salzano. Enfoque fenomenológico de pesquisa em educação. In: FAZENDA, Ivani. Metodologia da pesquisa educacional. São Paulo: Cortez, 2001.  
ROCHA, Eloisa Acires Candal. Por que ouvir as crianças? algumas questões para um debate científico multidisciplinar. In: CRUZ, H. V.. A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas. São Paulo: Cortez Editora, 2012. p. 43-51.



## DIREITOS DAS CRIANÇAS E A PRODUÇÃO CIENTÍFICA

Thabatta Louise Zilio  
Risalva Alves Brazão de Azevedo

**Palavras-chave:** Educação Infantil. Direitos das Crianças. Pós pandemia. COVID-19.

### 1 INTRODUÇÃO

Os direitos das crianças ganharam novo destaque oriundo do cenário de pandemia da Covid-19 com seus desdobramentos em um período de isolamento social que manteve diferentes espaços sociais fechados e a socialização de crianças pequenas afetadas, em especial, sua educação. Nessa perspectiva, pesquisas que tematizam os direitos das crianças, sobretudo o direito à educação, se configuram como fundamentais para a discussão sobre políticas públicas para o público infantil, na atualidade. O presente trabalho constitui-se como parte de uma pesquisa em desenvolvimento que investiga direitos das crianças no retorno às atividades presenciais. Neste resumo analisamos produções acadêmicas que tematizam os direitos das crianças da Educação Infantil (EI), no contexto da pandemia da Covid-19 e o período pós-pandêmico.

### 2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

O levantamento bibliográfico (GIL, 2008) compreendeu buscas no site da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), no período de 2020 a 2023. Identificamos um total de 55 trabalhos, dos quais 6 foram identificados como aproximados ao nosso objeto – 1 (uma) tese e 4 (quatro) dissertações, identificados a partir dos descritores: Educação Infantil AND Currículos AND Direitos das Crianças AND COVID-19 OR Retorno Presencial OR Pandemia. A análise buscou identificar: objetivo(s), referenciais teóricos, metodologias e resultados com foco nos direitos das crianças.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os estudos analisados apresentam discussões sobre os direitos das crianças no retorno às atividades presenciais que envolvem as seguintes significações: acesso-presença delas no contexto das instituições; consideração de “direitos” das crianças como os “direitos de aprendizagem” definidos na Base Nacional Comum

Curricular; relação entre os direitos das crianças e significações de crianças e professores sobre os direitos humanos; direito das crianças vinculado à dimensão estética nos currículos da Educação Infantil, através das artes e do brincar.

### 4 CONCLUSÕES/CONSIDERAÇÕES FINAIS

XX ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL / II ENCONTRO NACIONAL DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL. NATAL-RN, 2023. CADERNO DE PROGRAMAÇÃO E ANAIS DO EVENTO.



Considerando as discussões realizadas, observamos que há lacuna quanto às pesquisas científicas que demarquem os direitos das crianças no contexto do retorno às atividades presenciais. O número de pesquisas encontradas mostra tal realidade. Urge a necessidade de estudos que tematizem essa área, para priorizarmos as crianças e seus direitos, considerando-as seres pensantes, criativos, cidadãos e produtores de cultura (SMOLKA, 2002).

## 5 REFERÊNCIAS

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. - 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

SMOLKA, Ana Luíza Bustamante. Estatuto de sujeito, desenvolvimento humano e teorização sobre a criança. In.: FREITAS, Marcos Cezar de; KUHLMANN, Moysés Jr., (Orgs.). **Os intelectuais na história da infância**. São Paulo: Cortez, 2002. p. 99-127.



## EDUCAÇÃO INFANTIL: FUNÇÃO E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: O QUE DIZEM AS PESQUISAS BIBLIOGRÁFICAS

Risalva Alves Brazão de Azevedo  
Denise Maria de Carvalho Lopes

**Palavras-chave:** Educação Infantil. Função. Concepções. Prática docente.

### 1 INTRODUÇÃO

A partir do reconhecimento constitucional da educação como direito da criança, a Educação Infantil (EI) foi definida como primeira etapa da Educação Básica (LDB nº 9394/1996), com finalidade-função sociopolítica e pedagógica de cuidar-educar promovendo o desenvolvimento integral das crianças de zero a cinco anos de idade, respeitando-se as especificidades infantis e seu direito de acesso, ampliação e apropriação, em contextos de interações e brincadeira, de conhecimentos que compõem o patrimônio cultural, conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais para a EI (DCNEI/2009). Contudo ainda são recorrentes, nas instituições educacionais, práticas pedagógicas que desconsideram a função própria da primeira etapa da Educação Básica, produzindo contextos reducionistas de preparação ou antecipação para o ensino fundamental. Esse tema tem sido objeto de produções que buscam compreender as relações entre concepções e práticas docentes frente à função da EI. O presente trabalho, é parte de uma pesquisa em construção que discute estudos que abordam o tema referido, e tem como objetivo analisar concepções e práticas de professoras sobre essa função-finalidade da EI.

### 2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

A pesquisa se orienta por uma abordagem qualitativa e proposições das perspectivas histórico-cultural de L. S. Vigotski e dialógica de M. Bakhtin (FREITAS, 2002) segundo as quais os objetos de estudo têm relação com seus contextos e se expressam como produção de sentidos. O levantamento das produções bibliográficas sobre o tema teve, como base, a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD). A partir dos descritores “EI”, “concepções docentes” e “práticas docentes”, foram identificados 26 (vinte e seis) estudos: sendo 5 (cinco) teses e 21 (vinte e uma) dissertações. A análise dos dados foi realizada com base em uma concepção discursiva.



### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir dos estudos analisados, foi possível constatar, em relação às concepções docentes sobre a função da EI: diferentes significações-sentidos; destacam-se tensões-discrepâncias entre concepções expressas e práticas desenvolvidas; dissociabilidade entre as dimensões do cuidar-educar; marcas de espontaneísmo e de perspectiva de escolarização precoce.

### 4 CONCLUSÕES/CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados da análise, além de consolidarem a relevância do estudo, constituem referências para o diálogo que desenvolveremos com os dados próprios, com as teorizações e com os documentos legais, ampliando as fontes de reflexão.

### 5 REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB 9.394/1996.  
\_\_\_\_\_. Diretrizes Curriculares Nacionais para a EI. Conselho Nacional de Educação. **Parecer** CNE/CEB nº 20/2009. Brasília: MEC/CNE/CEB, 2009.  
FREITAS, Maria Teresa de Assunção. A Abordagem Sócio-histórica como Orientadora da Pesquisa Qualitativa. In.: **Cadernos de Pesquisa**, n. 116, p. 21-39, julho/ 2002.



## O PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Juliana Aquino Medeiros Oliveira  
Gabriella Castro Pereira  
Giovana Carla Cardoso Amorim

O trabalho apresenta discussões sobre a importância do planejamento pedagógico na educação infantil, bem como, o percurso histórico da implementação das creches e pré-escola. Tem como objetivo compreender o planejamento pedagógico na Educação Infantil, visando o desenvolvimento integral das crianças.

**Palavras-chave:** Planejamento. Infância. Educação Infantil.

### 1 INTRODUÇÃO

A educação infantil é uma fase importante no desenvolvimento das crianças. O planejamento pedagógico assume papel fundamental, pois é por meio dele que se delineiam estratégias e objetivos para o processo educativo. O objetivo da pesquisa é compreender a importância do planejamento pedagógico na Educação Infantil. A escolha desta temática surgiu a partir do interesse das autoras em compreender a relevância desse suporte nas orientações das atividades na rotina escolar.

### 2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

A pesquisa possui uma abordagem qualitativa e foi conduzida por meio de levantamento bibliográfico. Para Marconi (2010), a pesquisa bibliográfica não se limita a repetir o que já foi abordado sobre determinado tema, mas analisá-lo sob uma nova perspectiva. Referente ao Planejamento Pedagógico, concordamos com Ostetto (2000) sobre a ampla necessidade de discutir o ato de planejar.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Constatamos que o planejamento escolar foi mencionado como ferramenta imprescindível na construção do trabalho docente. É através de um planejamento que dialogue com a realidade de crianças, que podemos caminhar no sentido da garantia do direito delas a terem acesso ao seu desenvolvimento integral.



#### 4 CONCLUSÕES/CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos que a inclusão das creches e pré-escolas na Educação Básica trouxe a necessidade das instituições de Educação Infantil organizarem suas propostas pedagógicas e planejarem ações que superem a dicotomia entre cuidado e educação.

#### 5 REFERÊNCIAS

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas:** amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Planejamento na Educação Infantil...Mais que a atividade. A criança em foco. In: \_\_\_\_\_. **Encontros e encantamentos na Educação Infantil:** partilhando experiências de estágio. Papirus, 2000.





## O PAPEL SOCIAL DA CRIANÇA NA ESCOLA E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA INFÂNCIA

Maria Patrícia Costa de Oliveira<sup>2</sup>  
Elda Silva do Nascimento Melo<sup>3</sup>

**Palavras-chave:** Socialização infantil. Sociologia da Infância. Representações Sociais.

### 1 INTRODUÇÃO

Tem-se como objetivo mostrar o olhar combinado da literatura sobre o papel social da criança na escola, na perspectiva da Sociologia da Infância e das Representações Sociais (SOARES, SARMENTO, TOMÁS, 2005; MARCHI, 2010; MOSCOVICI, 2010; QVORTRUP, 2011; CORSARO, 2011; DUVEEN, 2013). Nessa ótica, há uma crítica do entendimento tradicional de socialização infantil como reprodução do mundo adulto, que ainda é a representação dominante, principalmente nas instituições de cuidado infantil, como família e escola.

### 2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Com base na literatura interdisciplinar entre a Sociologia da Infância e a Teoria das Representações Sociais, vemos que o papel social das crianças continua sendo desconsiderado na vida escolar comum. Assim, propomos uma releitura crítica da atuação infantil nos espaços escolares, ressignificando a atuação das crianças na própria socialização, indo além das concepções que destacam o controle social de adultos docentes.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considera-se que dentro do aluno e da criança mora um ator social, coprodutor e não reproduzidor da cultura adultocêntrica. Já na escola, se focaliza mais na situação do aluno em detrimento da condição de criança, correspondendo a papéis sociais ambíguos. Essa lógica também está no núcleo central da representação social da infância: nas instituições educativas, a criança deve ser controlada pelos adultos.

---

<sup>2</sup> Doutoranda PPGED/UFRN

<sup>3</sup> Professora PPGED/UFRN



#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao contrário da representação social escolar da criança como um ser social incapaz, em uma concepção multidimensional, ela é vista como sendo plenamente competente em sua atuação social. Logo, a convivência escolar, incluindo conflitos, medos e negociações, e as práticas pedagógicas sistemáticas poderiam se orientar por metodologias etnográficas participativas, dando voz e vez às crianças.

#### 5 REFERÊNCIAS

- CORSARO, W. A. **Sociologia da Infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- DUVEEN, G. Crianças enquanto atores sociais: as Representações Sociais em movimento. In: GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH (org.) **Textos em Representações Sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- MARCHI, R. C. O “ofício de aluno” e o “ofício de criança”: articulações entre a sociologia da educação e sociologia da infância. **Rev. Portuguesa de Educação**, 23 (1), 2010, p. 183-202.
- QVORTRUP, J. A volta do papel das crianças no contrato geracional. **Rev. Brasileira de Educação**, 16 (47), 2011, p. 323-332.
- MOSCOVICI, S. **Representações Sociais**: investigações em psicologia social. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- SOARES, N. F.; SARMENTO, M. J.; TOMÁS, C. A. Investigação da infância e crianças como investigadoras: metodologias participativas dos mundos sociais das crianças. **Nuances**, 12 (13), 2005, p. 50-64.



## A EXPERIÊNCIA NARRATIVA NA CONSTITUIÇÃO DO EU NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Silvana de Medeiros da Silva  
Mariangela Momo

**Palavras-chave:** Crianças. Narrativas. Constituição do Eu.

### 1 INTRODUÇÃO

A linguagem é fundamental na constituição dos sujeitos, isso é, na produção da identidade e subjetividade (BAKHTIN, 1997). A narrativa representa uma importante forma de produção do Eu, pois na produção e imersão da/na teia narrativa dialógica se dá o encontro e confronto de vozes gerando processos de identificação, contestação (BRUNER, 1997). As crianças produzem narrativas na interação com os outros, dessa forma, a escola se constitui potente espaço para a sua produção. Assim, objetivamos analisar as funções das interações narrativas das crianças na constituição do Eu em ambiente escolar virtual (na época da pandemia).

### 2 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Pesquisa qualitativa com crianças (CRUZ, 2008) apoiada na Etnografia virtual, pois o *lócus* foi um ambiente virtual escolar (POLIVANOV, 2013). Os participantes foram 12 crianças da pré-escola e a professora-pesquisadora. A observação participante foi realizada no período de março a maio de 2021 nos encontros síncronos da turma com uso de gravação em áudios.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

#### 1. Encontro de vozes em narrativas cruzadas

ML — Se eu pegasse essa pandemia eu ia, é, eu vou me vacinar! [...]

G — Minha vó tomou vacina [...]

MI — Eu já tomei! [...].

Analisamos um conjunto de narrativas que apontam para narrativas cruzadas e divergentes. Nessa primeira interação acontece uma aproximação com a experiência narrada que faz com que as crianças se identifiquem na fala do outro, fortalecendo determinada rede cultural e sentidos sobre si.

#### 0. Confronto de vozes nas narrativas divergentes

MA — [...] tinha pegadas de coelho da Páscoa dentro de casa [...]



N — Não existe coelho da páscoa! [...]

Nessa interação narrativa acontece uma contestação da experiência narrada. As crianças percebem que além de características físicas, elas têm também pensamentos e práticas culturais diferentes. Isso implica elaboração de sentidos sobre si.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É no movimento dialógico narrativo que o encontro sociocultural das vozes acontece, complementando-se, apoiando-se mutuamente e/ou contrapondo-se. Nesse movimento, as crianças vão elaborando reflexões sobre si, sobre suas experiências e se constituindo na linguagem e na interação narrativa.

#### 5 REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BRUNER, J. **Atos de significação**. Trad. Sandra Costa. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

CRUZ, S. H. V. **A criança fala: a escuta da criança em pesquisa**. São Paulo: Cortez, 2003.  
POLIVANOV, Beatriz. **Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia?** Implicações dos termos em pesquisas qualitativas na Internet. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 36. Manaus, 2013.



## A PESQUISA COM CRIANÇAS NA ESCOLA DAS INFÂNCIAS: CONSIDERAÇÕES E REFLEXÕES SOBRE O FAZER METODOLÓGICO

Denise Bortoletto  
Adir Luiz Ferreira

**Palavras-chave:** Pesquisa com crianças. Etnografia. Sociologia da Infância.

### 1 INTRODUÇÃO

As crianças, por meio das relações interpessoais produzem significações sobre sua própria vida, o que requer pesquisas com crianças e não apenas sobre elas. Escutar e estar com crianças favorece uma “relação respeitosa com os modos de ser das crianças” (BARBOSA, 2014, p. 244) e permite revelar um ponto de vista diferente do mundo social dos adultos (ROCHA, 2008). Objetiva-se apresentar dados sobre a pesquisa com crianças, em especial os do tipo etnográfico na escola, levantadas por meio de uma revisão bibliográfica.

### 2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

A busca ocorreu na base eletrônica da *Scielo* com as palavras-chave “pesquisa com crianças e etnografia”. Foram localizados 29 trabalhos entre 2013 e 2023 e selecionados aqueles realizados na escola da infância, totalizando 5 textos.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As pesquisas refletem sobre: a necessidade de estudos com crianças e não apenas sobre elas, a etnografia na pesquisa com crianças, a escuta das crianças, os cuidados éticos nas investigações e os instrumentos de recolha de dados. A opção pelo estudo do tipo etnográfico parecer ser consensual nas investigações que buscam a compreensão dos fenômenos sociais na infância. A etnografia é utilizada para estudar a cultura e a sociedade (ANDRÉ, 1995) e contribui com a investigação da prática escolar em sua totalidade e complexidade (GRAUE; WALSH 2003). As crianças têm suas próprias culturas e para documentá-las é preciso entrar na sua vida cotidiana e ser uma delas, algo que se dá pela etnografia (CORSARO, 2005).

### 4 CONCLUSÕES/CONSIDERAÇÕES FINAIS

É pela pesquisa com crianças e não sobre as crianças que possibilitamos os conhecimentos sobre elas e não delas. Tem-se na pesquisa qualitativa e no estudo do tipo etnográfico as bases que alicerçam a pesquisa com crianças na escola da infância.



## 5 REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Marli Eliza D. A. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papyrus, 1995.
- BARBOSA, Maria Carmem Silveira. A ética na pesquisa etnográfica com crianças: primeiras problematizações. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 9, n. 1, p.235-245, jan./jun. 2014.
- CORSARO, Willian. A. Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 443-464, maio/ago. 2005.
- GRAUE, Maria Elizabeth; WALSH, Daniel. **Investigação etnográfica com crianças: teoria, método e ética**. Lisboa: Fundação Caloust Gulbenkian, 2003.
- ROCHA, Eloisa Acires Candau. Por que é importante ouvir as crianças? Algumas questões para um debate científico multidisciplinar. In: CRUZ, Silvia Helena Vieira (org.). **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas**. São Paulo: Cortez, 2008. p.43-51.



## A SOCIALIZAÇÃO DAS INFÂNCIAS DURANTE O PERÍODO ELEITORAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Milena Fernanda Lopes de Souza  
Denise Bortoletto

**Palavras-chave:** Política. Socialização das infâncias. Cultura.

### 1 INTRODUÇÃO

Durante muito tempo discutiu-se o lugar e papel da criança diante aos problemas sociais, culturais e políticos. Com o avanço dos estudos sobre a criança, ter um papel ativo e transformador de cultura, ser um sujeito de direitos assegurados, e ter vez e voz, temáticas que antes eram restringidas apenas aos adultos, passam a ser discutidas em contextos infantis pelas crianças.

Pensando nisso, essa pesquisa tem o objetivo de enaltecer o protagonismo das crianças e compreender como elas constroem e transformam a cultura política, podendo supor que essa área de alguma maneira interfere nas relações sociais das crianças.

### 2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Essa pesquisa foi desenvolvida em uma escola privada do interior do Rio Grande do Norte, com crianças de 4 a 5 anos. Para a coleta de dados utilizou-se anotações dos diálogos, e uma conversa em formato de entrevista aberta (DESLANDES, GOMES, MINAYO, 2007), assentida pelas crianças, priorizando a liberdade da fala e análise dos suportes expressivos.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Elementos como aplicações de juízo de valor, formação da personalidade, discursos utilizando palavras complexas de significado desconhecido, reprodução interpretativa (CORSARO, 2011) e propagação de simbolismos políticos, fizeram parte de toda a análise da dinâmica dessa socialização entre as crianças, pois "[...] as crianças não se limitam a imitar ou internalizar o mundo [...] Elas se esforçam para interpretar ou dar sentido a sua cultura e a participarem dela [...]" (Id, Ibid, p.36). A base das informações utilizadas durante suas comunicações foi construída por meio de seu contexto social, reforçando que a interação com os outros significantes, seus responsáveis, é mais marcante do que os outros comuns (TURNER, 1999).



#### 4 CONCLUSÕES/CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar como as crianças entendem a política e socializam a partir dela permite com que investiguemos como ajudar a desenvolver a sua formação cidadã. Com a análise dos dados, foi possível observar que as crianças têm suas opiniões políticas baseadas em informações das famílias e mídias. Além disso, não são somente reprodutoras da cultura, mas também transformadoras da mesma. E por fim, identificou-se que as crianças se dividiram em grupos por afinidade, com aquelas que possuíam as mesmas orientações que elas.

#### 5 REFERÊNCIAS

CORSARO, W. A. **Sociologia da infância**. Porto Alegre: Artemed, 2011.  
DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social** : teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ : Vozes, 2007.  
TURNER, Jonathan H.. **Sociologia**: conceitos e aplicações. Tradução: Márcia Marques Gomes Navas. São Paulo: MAKRON Books, 1999.





## AS REVISTAS PEDAGOGIUM DO RN(1940 - 1950) COM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Alicia Tatiane do Vale Barbosa  
Maria Inês Sucupira Stamatto

**Palavras-chave:** Educação Infantil. Revista *Pedagogium*. Criança. Jardim de Infância

### 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho traz as reflexões relacionadas aos artigos da Educação Infantil na Revista *Pedagogium* nas décadas de 1940 e 1950. Tratar da história dos jardins de infância, instituições de ensino infantil que funcionam como campo de aplicação das escolas normais e da formação de professoras “significa rememorar parte importante da história social da infância do nordeste do Brasil” (NASCIMENTO, 2016, p. 94). Salientamos igualmente que uma revista seria o instrumento ideal, por suas características, periodicidade e estrutura, para informar e formar rapidamente, de maneira eficaz e prazerosa, os professores que necessitavam ser atualizados e modelados pelos preceitos propostos pela reforma do ensino. (BICCAS, 2019, p 157).

### 2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Optamos por uma pesquisa de natureza documental uma vez que, por meio desta é possível se aproximar do período, costumes e ideias que circulavam na época sobre o tema delimitado.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na primeira etapa da pesquisa localizamos os números da revista *Pedagogium* que circulou no RN nos anos de 1940-1950. Em uma segunda etapa procuramos artigos que tratassem sobre jardim de infância, criança e pré-escola. No total há 12 artigos em 9 revistas que encontramos relacionados ao tema. Na terceira etapa realizamos leituras bibliográficas e fizemos a análise documental dos artigos selecionados. Notamos que havia diversidade de pontos abordados sobre a infância constatando, entre outros, discussões sobre concepções de psicanálise infantil, a importância do brincar para a criança, ideias conservadoras do ensino, estudos sobre a classificação de desenhos infantis.

Percebemos que a concepção pedagógica predominante era a frobeliana, todavia já aparecia sobre o método montessoriano e algumas concepções de



Comenius e Rousseau. Ocorreram igualmente críticas sobre os jardins-de-infância para que não fossem um depósito onde os pais deixariam suas crianças durante um determinado período do dia, mas para que fossem lugares educativos. Os autores que escreveram os artigos eram médicos e professores.

#### 4 CONCLUSÕES/CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos, que esses escritores que publicaram na revista, tinham compromisso sério em relação à criança e que estavam atentos às principais concepções pedagógicas que circulavam naquela década como também seus pontos vistos eram críticas construtivas que realmente precisavam ser levados adiante como uma forma de aperfeiçoar esses espaços.

#### 5 REFERÊNCIAS

BICAS, A. C.; ET ALL (2019). Tatu Magazine: os modos de ser e fazer do repositório digital Tatu. Hist. Educ., Santa Maria, v.23, E88290. Disponível em: CPDOC.

NASCIMENTO, J. M. (2016). História social da infância no Brasil: as práticas do jardim de infância modelo de Natal/RN (1953 - 1965). HOLOS, ano 32, v.5, p.93- 104.



## SIMPÓSIO 02 – LINGUAGENS, LETRAMENTOS E PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA NA ESCOLA DA INFÂNCIA

Reúne pesquisas que analisam as contribuições pedagógicas das múltiplas linguagens, as políticas e práticas de leitura e de escrita, mediante a interface entre Linguística e Educação.



## CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA INFANTIL COM TEMÁTICA INDÍGENA NA VISÃO DAS CRIANÇAS

Manoilly Dantas de Oliveira<sup>4</sup>

**Palavras-chave:** Literatura infantil. Temática indígena. Formação de leitores.

### 1 INTRODUÇÃO

Recorte de uma pesquisa de mestrado (OLIVEIRA, 2020), este trabalho objetiva apresentar as contribuições da literatura infantil com a temática indígena (LITI) a partir da visão das crianças. Ao ter acesso a esses textos, a criança poderá conhecer mais a história do país e questionar as concepções sobre os indígenas. Além disso, essas leituras colaboram com a lei nº11.645/08 que obriga a discussão da temática indígena nas escolas.

### 2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

A LITI abrange as obras de literatura indígena (escrita por indígenas) e de literatura indigenista (produzidas por não indígenas). O estudo de natureza qualitativa e de intervenção pedagógica contou com a participação de 25 crianças do 5º ano do ensino fundamental. Realizaram-se 9 intervenções, a partir de 5 obras, com base na abordagem metodológica da andaimagem (GRAVES; GRAVES, 1995). Também foram realizadas 4 entrevistas sobre as obras lidas e uma entrevista final. Aqui serão analisadas as respostas dos sujeitos à entrevista final, a partir da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2016).

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para as crianças, a primeira contribuição de ler LITI se refere à possibilidade de *conhecimento da temática indígena*, quando afirmaram que conheceram mais sobre as culturas indígenas. A segunda é a *formação do repertório literário*, pois tiveram a oportunidade de ler narrativas que situavam os indígenas não apenas na floresta, mas também na cidade. A terceira é sobre a *autoria indígena*, já que conhecer indígenas autores de livros possibilitou o questionamento de estereótipos.

---

<sup>4</sup> Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da UFRN.

XX ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL / II ENCONTRO NACIONAL DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL. NATAL-RN, 2023. CADERNO DE PROGRAMAÇÃO E ANAIS DO EVENTO.



#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados reafirmam a importância da LITI na sala de aula como possibilidade de conhecimento das histórias e culturas dos povos indígenas, a partir de uma discussão contextualizada e contemporânea.

#### 5 REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BRASIL. Lei nº 11.645/08 de 10 de março de 2008. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, 2008.
- GRAVES, M. F.; GRAVES, B. B. **A experiência de leitura com andaimes**: uma referência flexível para ajudar os estudantes a obter o máximo do texto. *Reading*, v. 29, n. 1, p. 29-34, abr. 1995.
- OLIVEIRA, Manoilly Dantas de. **As vozes das crianças sobre o livro de literatura infantil com temática indígena**: entre o verbal e o visual. 2020. 191 f. Dissertação (Mestrado) - Educação, Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/31694>. Acesso em: 17 fev. 2021.



## LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL E A FORMAÇÃO DE LEITORES

Júlia Maria Queiroz da Silva/UERN  
julia2queiroz@gmail.com

Naligia Maria Bezerra Lopes/UERN  
naligiabezerra@uern.br

**Palavras-chave:** Leitura literária. Educação infantil. Práticas escolares.

### 1 INTRODUÇÃO

A leitura literária estabelece uma relação com o leitor que aciona diversas singularidades e estímulos, criando assim a sua experiência leitora, estabelecendo gostos e modos particulares de se desenvolver como leitor literário. Candido (1995) ressalta que a literatura assume alta relevância no processo de construção social dos sujeitos, pois, por meio da literatura podemos transpor limites entre o real e o fabulado proporcionando processos de humanização e, portanto, de educação, de tornar possível a conexão entre realidade e ficção, mundo e texto, experiência individual e coletiva.

É fundamental refletir acerca das práticas utilizadas para inserir a leitura literária na educação infantil, pois, é por meio delas que a formação leitora pode ser desenvolvida. Dessa forma, a pesquisa tem por objetivo analisar práticas escolares de leitura literária para a formação de leitores na infância.

### 2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Diante disso, a escola se torna o ambiente mais legítimo e preparado para proporcionar leituras de livros e textos literários às crianças, buscando não só a função de ensinar a ler, mas também a de formar leitores literários.

Nesse sentido, Solé (1998, p. 17) vem afirmar que:

Cabe então à escola contribuir para a formação de um leitor que não se caracterize como um ser obediente e apático que preenche fichas, faz resumos de livros ou reproduz trechos de materiais escritos, mas sim daquele leitor que é provocado e estimulado pelos textos que lê, que engendra e constitui sentidos, que dialoga com o escrito, com seu contexto, fazendo brotar e utilizando sua biblioteca vívida. Enfim, é a escola que irá promover nos alunos a utilização de estratégias que lhes permitam interpretar e compreender autonomamente os textos escritos.



A partir do objetivo proposto, realizamos uma pesquisa de campo com abordagem qualitativa exploratória, em que buscamos reflexões acerca das práticas de leitura literárias trabalhadas na educação infantil em duas creches da rede pública de ensino da cidade de Macau/RN. A pesquisa constituiu-se primeiramente por meio de observações em duas turmas da educação infantil de cada creche. Após as observações, buscamos trazer uma análise e reflexões a respeito das práticas desenvolvidas durante os dias observados.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nas duas creches foi possível identificar práticas e estratégias de leitura literária nas quais as educadoras utilizaram para promover o trabalho de aproximação das crianças aos livros. Na creche 01, as práticas foram trabalhadas em três dias de observação. Na turma de Nível III a professora promoveu três momentos diferentes, que foram para trabalhar a leitura literária, sendo eles: apreciação de livros, contação de história e mala literária. Na turma do nível V, a professora utilizou unicamente a prática da contação de história durante todos os dias.

Na creche 02 as práticas foram realizadas um dia na semana em cada turma, na turma de Nível I a professora utilizou a contação de poema cantado, e na turma de Nível II a prática da contação de história com a estratégia da dramatização.

### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos que nas duas creches foram desenvolvidas práticas de leitura literárias, algumas de forma mais fundamentada, direcionando os momentos com base em planejamentos e objetivos. Apesar de nem todas as práticas terem o objetivo principal de formar leitores literários, todas tiveram um elo de significados relacionado à formação leitora das crianças, tornando-se relevante e, se feito corriqueiramente, valioso para a experiência leitora, e desenvolvimento do gosto e prazer das crianças por leituras literárias.

### 5 REFERÊNCIAS

- CANDIDO, Antônio. "O direito à literatura". In: Vários escritos. São Paulo: Duas cidades; Ouro sobre azul, 1995.
- SOLÉ, Isabel. Estratégias de leitura. Porto Alegre: Artmed, 1998.



## A LINGUAGEM ORAL DAS CRIANÇAS BEM PEQUENAS: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO SOBRE O OBJETO DE PESQUISA

Leisa Aparecida Gviasdecki de Oliveira<sup>5</sup>  
Veronica Branco<sup>6</sup>

**Palavras-chave:** Linguagem oral. Interação linguística. Educação Infantil.

Este resumo apresenta as reflexões de um acompanhamento exploratório sobre a linguagem oral das crianças bem pequenas, que suscitou na pesquisa de doutorado em desenvolvimento. Teve como objetivo identificar como a linguagem oral está inserida na rotina da Educação Infantil, destacando o foco nas práticas das interações linguísticas entre professoras e crianças. Fundamenta-se na perspectiva interacionista, a partir dos estudos de Halliday, Vigotski e Karmiloff, os quais consideram que a linguagem oral se desenvolve à medida que as pessoas interagem linguisticamente umas com as outras em contextos de uso. A metodologia constitui-se de estudo de natureza exploratória e descritiva. Os dados empíricos foram construídos a partir de um protocolo de observação composto por duas dimensões, uma sobre o planejamento das professoras e a outra sobre as práticas de linguagem oral entre professoras e crianças. Também foi utilizado um diário para registrar as observações da rotina das crianças, os diálogos e reflexões com as professoras. O estudo foi desenvolvido em duas instituições de Educação Infantil da rede municipal de ensino de uma cidade no sudoeste do Paraná. Participaram do estudo oito professoras. As inserções ocorreram durante duas semanas consecutivas. As observações aconteceram em diferentes momentos da rotina, em situações conduzidas pelas professoras, nas atividades planejadas e em situações não planejadas. Constatamos que as professoras não planejavam intencionalmente atividades que auxiliem no desenvolvimento da linguagem oral das crianças. Apenas em uma turma, identificamos experiências de interações linguísticas frequentes, enquanto nas demais turmas as interações ocorriam esporadicamente. Na maioria das vezes, surgiam como comandos das professoras ou quando as crianças solicitavam atenção. Além disso, notamos que nos momentos não planejados ocorriam mais interações linguísticas. Os resultados indicam que na Educação Infantil, a atenção dada ao desenvolvimento da linguagem oral ainda é insuficiente. Nesse sentido, ao observar o objeto de pesquisa no campo de estudo, desenvolvemos a sensibilidade para analisar a atuação das professoras. Dessa forma, buscamos pesquisar e produzir conhecimentos que possam contribuir tanto para o avanço do campo de estudo quanto para futuras pesquisas.

### REFERÊNCIAS

<sup>5</sup> Doutoranda em Educação. Universidade Federal do Paraná.

<sup>6</sup> Doutora em Educação. Universidade Federal do Paraná.

XX ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL / II ENCONTRO NACIONAL DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL. NATAL-RN, 2023. CADERNO DE PROGRAMAÇÃO E ANAIS DO EVENTO.





HALLIDAY, M. A. K. **Modelos pertinentes del language**. Barcelona: Editorial, 1982.

KARMILOFF, K.; Karmiloff-Smith, A. **Hacia el lenguaje. Del feto al adolescente**. Madrid: Morata, 2005.

VIGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.



## GT 01 – RELAÇÕES ÉTNICO RACIAIS E RELAÇÕES DE GÊNERO NA ESCOLA

Discute os múltiplos aspectos das relações étnico raciais no cotidiano escolar e explora estudos e práticas relacionadas à temática étnico racial na escola das infâncias.

Explora estudos e experiências relacionadas à discussão de gênero na escola das infâncias. Aborda processos de ensino e aprendizagem por meio dos quais a temática de gênero perpassa as experiências no cotidiano escolar.



## AS EXPRESSÕES LITERÁRIAS DO CONTINENTE AFRICANO E A FORMAÇÃO DE LEITORES NO ENSINO FUNDAMENTAL

Milena Oliveira de Lira  
Danielle Medeiros de Souza

**Palavras-chave:** criança, literatura, africanidades.

### 1 INTRODUÇÃO

Este texto apresenta uma intervenção pedagógica desenvolvida com a turma do 2º Ano, turno vespertino, do Núcleo de Educação da Infância – NEI- CAP/UFRN, no período de fevereiro a setembro de 2022, e tem como objetivo evidenciar as contribuições da literatura para a formação do leitor, no contexto do tema de pesquisa África.

Para a exploração da literatura com cunho étnico-racial, promovendo um desenvolvimento integral, numa perspectiva interdisciplinar, nos fundamentamos na metodologia do Tema de Pesquisa, em uma perspectiva de conhecimento em rede. Com isso, construímos uma interlocução entre as dimensões fundamentais para o processo de ensino: os conhecimentos das áreas, o contexto sociocultural das crianças e os processos de desenvolvimento pelos quais as crianças estão passando nessa fase da vida (RÊGO, 1999).

### 2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

A intervenção apresenta o processo de leitura remetendo-o à ideia de diálogo. Bakhtin (1981), ao entender a palavra como território comum entre pessoas, aponta que o livro, isto é, o ato de fala impresso, constitui igualmente um elemento da comunicação verbal.

A partir de Leenhardt (2006), entendemos a literatura, também, com um caráter eminentemente social. Esse conceito aponta para outros aspectos extremamente relevantes, que caracterizam a leitura como libertadora e capaz de posicionar o leitor na sociedade.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O trabalho com a literatura atendeu a diversos objetivos, referentes ao trabalho pedagógico, já que pudemos realizar análises reflexivas da língua oral e escrita, por

XX ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL / II ENCONTRO NACIONAL DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL. NATAL-RN, 2023. CADERNO DE PROGRAMAÇÃO E ANAIS DO EVENTO.



meio de práticas de conhecimento aprofundado da cultura africana e das questões étnico-raciais.

#### 4. CONCLUSÕES/CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo propiciou às crianças uma formação cultural e leitora, bem como o desenvolvimento de habilidades específicas. Destacamos, também, o potencial interdisciplinar desta intervenção, contribuindo para o desenvolvimento integral das crianças e para a aprendizagem de conteúdos relacionados à ética e à cidadania.

#### 5. REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail V. N. Vonochínov. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução Michel Lohud e Yara Frateschi Vieira. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1981.

LEENHARDT, Jacques. A literatura: uma entrada na história. In: TURCHI, Maria Zaira; SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Leitor formado, leitor em formação: a leitura literária em questão**. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis, SP: ANEP, 2006.

RÊGO, M, C. F. D. **Os primeiros passos na escola**. In: Caderno Faça e Conte, Natal: UFRN, ano MEIRELES, Cecília. **Ou isto ou aquilo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.



## DECOLONIZAR E EMANCIPAR: UM OLHAR PARA A LITERATURA NEGRA UTILIZADAS EM ESCOLAS DE ANGICOS-RN

Maria Claudia Bezerra Trindade<sup>7</sup>  
Adriene de Souza Araújo<sup>8</sup>  
Ana Maria Pereira Aires<sup>9</sup>

**Palavras-chave:** Literatura Infanto-Juvenil Negra. Educação Étnico Racial. Materiais Literários.

### 1 INTRODUÇÃO

O presente resumo tem por objetivo analisar as categorias teóricas de decolonização e emancipação a partir dos materiais de literatura negra utilizados nas escolas de Educação Infantil e Anos Iniciais da cidade de Angicos. O trabalho é resultado do projeto de pesquisa “Saberes e práticas dos povos negros e quilombolas nos materiais literários existentes nas escolas de Ensino Fundamental de Angicos-RN”.

### 2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Os conceitos teóricos que fundamentam a pesquisa são: interculturalidade, colonização e decolonização (WALSH, 2009), emancipação social (SANTOS, 2007), raça e racismo (MUNANGA, 2003). A metodologia, de natureza qualitativa, se deu através da Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977) que nos ofereceu condições de análise e produção de conhecimento, por meio da crítica às obras literárias. A realização dessa prática se deu por etapas: 1. Mapeamento e seleção de cinco obras literárias dos acervos. 2. Análise de conteúdo visando as relações com os conceitos de decolonizar e emancipar:

---

<sup>7</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), Campus Angicos

<sup>8</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), Campus Angicos

<sup>9</sup> Professora orientadora, Doutora em Educação, Docente da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), Campus Angicos



### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Compreende-se que as obras de literatura infanto-juvenil negra analisadas contribuem para um trabalho decolonizador e emancipador, através de diversos temas como: diferenças, culturas, valores, brincadeiras e lugares. Para Walsh (2009) a decolonialidade ocorre pelo trabalho crítico de todos os aspectos da vida: comportamentos, costumes, linguagens, religião, entre outros, situando a legitimidade dos grupos historicamente silenciados no nosso país. Parafraseando Santos, é possível quebrar as pretensões totalizantes e dialogar com o pensamento plural e intercultural, quando há a valorização de outros saberes. As ilustrações têm a capacidade de desafiar e tencionar as experiências das crianças e contribuem para a representatividade cultural e identitária das populações negras, isso só foi possível através do estudo das obras.

### 4. CONCLUSÕES/CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises das obras permitiram reforçar sua importância no contexto escolar, para as vivências das crianças, a relevância da cultura negra, assim como sua representação. É preciso romper os discursos dominantes de valorização da cultura eurocêntrica e valorizar a cultura afro-brasileira.

### 5. REFERÊNCIAS

- WALSH, Catherine. **Interculturalidade Crítica e Pedagogia Decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver**. In. CANDAU, Vera Maria (org). Educação Intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas, 2009.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. Tradução de Mouzar Benedito. São Paulo: Boitempo, 2007.
- MUNANGA, K. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Cadernos PENESB (Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira). UFF, Rio de Janeiro, n. 5, 2003.
- BARDIN, Laurence. **Análise do conteúdo**. Tradução de Luiz A Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa-Portugal: Persona, 1977.



## ARTE, INFÂNCIAS E INTERCULTURALIDADE: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Bárbara Rainara Maia Silva<sup>10</sup>

Elaine Tayse de Sousa<sup>11</sup>

Gilvânia Maurício Dias de Pontes<sup>12</sup>

**Palavras-chave:** Relações Étnico-Raciais. Arte. Infâncias.

### 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho decorre de uma das ações do grupo Arte e Infância, do Núcleo de Educação da Infância, Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (NEI-CAp/UFRN). Tivemos por objetivo entender os desafios e possibilidades para o trabalho com o tema das Relações Étnico-Raciais (RER) na Educação Infantil e suas interfaces com a Arte, por meio da escuta de docentes da própria instituição.

O direito à Educação Infantil pública e de qualidade é uma conquista recente. Apesar de garantido na Constituição Federal (BRASIL, 1988), inúmeros são os desafios para que isto se concretize. Um deles é a desigualdade racial, ancorada no racismo estrutural (Almeida, 2019).

### 2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Neste estudo qualitativo, aplicamos questionários com docentes do NEI-CAp/UFRN, no segundo semestre de 2022. Estes questionários nos possibilitaram traçar o perfil das/os possíveis participantes de uma etapa posterior da pesquisa. Com as pessoas que sinalizaram positivamente quanto à sua participação em entrevistas individuais no questionário, realizamos entrevistas semiestruturadas acerca do trabalho com as questões étnico-raciais na Educação Infantil e as possibilidades de diálogo com as linguagens artísticas. Todas as pessoas entrevistadas eram docentes do quadro efetivo do NEI-CAp/UFRN, que já

---

<sup>10</sup> Professora, Mestra em Educação Brasileira. Núcleo de Educação da Infância (NEI-CAp/UFRN). Membro do Grupo de Pesquisa Arte e Infância (NEI/CAP/UFRN).

<sup>11</sup> Professora, Mestra em Educação. Núcleo de Educação da Infância (NEI-CAp/UFRN). Membro do Grupo de Pesquisa Arte e Infância (NEI/CAP/UFRN).

<sup>12</sup> Professora, Doutora em Educação. Membro do Grupo de Educação e Arte - GEARTE/UFRGS. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Arte e Infância (NEI/CAP/UFRN).

XX ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL / II ENCONTRO NACIONAL DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL. NATAL-RN, 2023. CADERNO DE PROGRAMAÇÃO E ANAIS DO EVENTO.



atuaram em etapa de creche ou pré-escola. Os dados estão em fase de sistematização e análise.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Práticas discriminatórias no âmbito escolar podem se fazer presentes desde tenra idade. Nestes casos, a Educação Infantil se constitui lugar de silenciamento e perpetuação de opressões da sociedade mais ampla (Cavalleiro, 1998). Mas isso não significa que tal realidade seja imutável; ações e políticas afirmativas podem e devem subverter a lógica colonial (GOMES, 2017). Acreditamos que o trabalho em torno da Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER) em diálogo com as artes na primeira etapa da Educação Básica é um dos possíveis caminhos para a construção de uma sociedade mais igualitária, uma vez que tem o potencial de favorecer a construção de outros modos de ser, pensar, sentir e agir.

### 4 CONCLUSÕES/CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que a instituição escolar, apesar de abrigar um potencial reprodutivista, é capaz de transformar a realidade, individual e coletivamente (Gomes, 2017). Assim, o trabalho com a interculturalidade e as artes podem contribuir para o antirracismo, para a reflexão e reelaboração de valores, concepções e práticas, desde a infância.

O NEI-CAP/UFRN é terreno fértil para a construção, reflexão, problematização e reelaboração das práticas pedagógicas de maneira coletiva/colaborativa, tendo em vista a melhoria da qualidade da Educação Básica.

### 5 REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**: seção 1, Brasília, DF, ano CXXVI, n. 191-A, p. 1, 5 out. 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 22 dez. 2020.
- CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. 1998. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.
- GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis: Vozes, 2017.





## SABERES NECESSÁRIOS PARA A MEDIAÇÃO DA LITERATURA INDÍGENA NA SALA DE AULA

Manoilly Dantas de Oliveira<sup>13</sup>

**Palavras-chave:** Literatura infantil. Temática indígena. Mediação de textos literários. Formação docente.

### 1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho, defende-se a presença da literatura indígena nas instituições escolares, pois a leitura e discussão desses textos possibilitam conhecimentos atualizados sobre os indígenas (OLIVEIRA, 2020). É preciso que os docentes conheçam e usufruam das obras enquanto leitores para que as levem para as salas de aula. Diante disso, objetiva-se compreender os saberes que os docentes julgam relevantes para a mediação da literatura indígena na sala de aula.

### 2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

As obras de literatura indígena são produções que questionam estereótipos que foram divulgados durante muito tempo. Ligadas ao Movimento Indígena, visam a descatequização da mente e o redirecionamento de novos olhares sobre esses povos (DORRICO, et al, 2018).

Este relato é o recorte de uma pesquisa de doutorado em andamento, de natureza qualitativa, exploratória e de intervenção pedagógica. Foi oferecido um curso de capacitação para pedagogos da rede pública do Rio Grande do Norte, com carga horária de 60h. Foram analisadas as respostas de 40 docentes ao questionário final, aplicado após o término das aulas.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nas respostas, os professores apontaram a necessidade de dominar conhecimentos teóricos-metodológicos para a mediação de um texto literário, tais como o conceito de literatura, de ilustração e a metodologia da andaimagem

---

<sup>13</sup> Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da UFRN.



(GRAVES; GRAVES, 1995). Os docentes também ressaltaram a importância de ler obras de literatura indígena para constituir o próprio repertório literário. Por fim, destacaram que conhecer a diversidade étnica dos povos indígenas do Brasil, suas histórias e culturas é crucial para a mediação das obras.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As falas dos docentes revelam a diversidade e complexidade da literatura indígena, bem como a importância de dominar conhecimentos teóricos-metodológicos para mediar esses textos em sala de aula.

#### 5 REFERÊNCIAS

- DORRICO, Julie; et al (org.). **Literatura Indígena Brasileira Contemporânea: criação, crítica e recepção**. Porto Alegre: Editora Fi, 2018. Disponível em: <https://www.editorafi.org/438indigena>. Acesso em: 20 fev. 2023.
- GRAVES, M. F.; GRAVES, B. B. A experiência de leitura com andaimes: uma referência flexível para ajudar os estudantes a obter o máximo do texto. *Reading*, v. 29, n. 1, p. 29-34, abr. 1995.
- OLIVEIRA, Manoilly Dantas de. **As vozes das crianças sobre o livro de literatura infantil com temática indígena: entre o verbal e o visual**. 2020. 191 f. Dissertação (Mestrado) - Educação, Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/31694>. Acesso em: 17 fev. 2021.



## AS RELAÇÕES DE GÊNERO A PARTIR DA LITERATURA INFANTIL

Marianna Carla Costa Tavares<sup>14</sup>

**Palavras-chave:** Gênero; Educação Infantil; Literatura Infantil.

Na escola, as contradições que envolvem as relações de gênero da sociedade são, por vezes, naturalizadas e reproduzidas. Sendo importante abordar as relações de gênero na Educação Infantil por meio da literatura. O objetivo é problematizar as questões de gênero a partir da literatura infantil. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, com foco nos aspectos de literatura infantil e gênero. A pesquisa teve como fonte primária o livro *Malala e seu lápis mágico* de Malala Yousafzai. No tocante à literatura infantil, foram usados conceitos de Zilberman (2012), Freitas e Lopes (2012) e Faria (2004). Para as discussões de gênero, Wittig (2019), Schimanski e Miranda (2014) e Nogueira (2016), refletindo sobre as relações de gênero na socialização infantil. A obra chama a atenção pela qualidade visual, uma vez que a imagem tem grande destaque na história. Além disso, traz a perspectiva de uma menina que mudou o mundo por meio da luta em prol da educação. Este fato rompe diretamente com o perfil de mulheres apresentados em histórias clássicas. O livro *Malala e seu lápis mágico* traz a perspectiva de uma mulher que lutou contra os padrões hegemônicos e promoveu mudanças em sua realidade. Portanto, o trabalho pedagógico com a literatura, permite a criança enxergar a importância de lutar contra aquilo que a oprime, inspira meninas a lutar por seus direitos. Além disso, destaca-se a importância da formação continuada sobre a literatura infantil e relações de gênero.

### REFERÊNCIAS

- FARIA, Maria Alice. Articulação do texto com a ilustração. In: **Como usar a literatura infantil na sala de aula** – São Paulo: Contexto, 2004.
- FREITAS, A. C. LOPES, M. C. F. Você concorda com o personagem? Vamos discutir? Relações interativas em discussão de histórias mediadas pelo professor. In: AMARILHA, M. **Educação e leitura: novas linguagens, novos leitores**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2012.
- NOGUEIRA, Persefone Caroline. **Feminismo e empoderamento da mulher no Islã**. Dourados: UFGD, 2016.
- SCHIMANSKI, Edina. MIRANDA, Tereza Lopes. Relações de gênero: algumas considerações conceituais. In: FERREIRA, Aparecida de Jesus. **Relações étnico-raciais, de gênero e sexualidade: perspectivas contemporâneas**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2014.

---

<sup>14</sup> Doutoranda em Educação (PPGED), Especialista em Literatura e Ensino (IFRN).



WITTIG, M.. Não se nasce mulher. In: LORDE, Audre. **Pensamento Feminista: Conceitos fundamentais.** Organização Heloisa Buarque de Hollanda. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

YOUSAFZAI, MALALA. **Malala e seu lápis mágico.** São Paulo: Companhia das letrinhas, 2018.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola.** São Paulo: Global, 2012.



## INFÂNCIAS E HISTÓRIAS: A LITERATURA ATRAVÉS O OLHAR DE CRIANÇAS QUILOMBOLAS

Blenda Priscila Alencar da Silva<sup>15</sup>  
Giovana Carla Cardoso Amorim<sup>16</sup>

A literatura para a infância tem um papel importante na formação integral da criança, visto que, aborda a pluralidade da sociedade por meio da fantasia e do imaginário. O trabalho em tela objetivou compreender o que as crianças pertencentes a comunidade quilombola de Nazaré, em Itapipoca – CE, pensam, sentem e observam em livros de literatura com temática étnico-racial.

**Palavras-chave:** Literatura. Infância. Quilombola.

### 1 INTRODUÇÃO

Diante do desafio de pesquisar e defender uma educação antirracista, apresentamos a literatura para a infância com temática étnico-racial como um caminho que pode auxiliar e contribuir para que as crianças entendam sobre si, enquanto também, compreendem sobre a coletividade a qual pertencem, bem como para a construção da autoestima e identidade.

### 2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

A pesquisa é de vertente qualitativa e por se conceber através dos atos de observar e ouvir direcionando o pesquisador a buscar compreender a cultura do outro, caracteriza-se como uma abordagem etnográfica. (ARAÚJO, ARAÚJO, 2016).

Realizamos momentos de mediação de leitura com livros de temática étnico-racial com oito crianças de seis a oito anos de idade no ambiente escolar da comunidade quilombola de Nazaré, tendo como objeto de estudo suas percepções e narrativas. Para a coleta de achados utilizamos gravações de áudio, filmagens, fotografias e desenhos.

---

<sup>15</sup> Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. E-mail: blenda.priiscylla@gmail.com

<sup>16</sup> Doutora em Educação. Professora Adjunta do Departamento de Educação (DE) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. E-mail: giovanacarla@uern.br



### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Percebeu-se que as crianças já conheciam alguns dos livros que foram trabalhados e que gostavam da temática abordada.

As crianças apresentaram de maneiras vibrantes e enérgicas suas preferências por personagens pretos, em especial, pela personagem *Coragem* do livro *E foi assim que eu e a escuridão ficamos amigas* de Emicida. De acordo com suas narrativas a personagem é representada por uma mulher preta, de cabelos crespos, sorridente, forte e que afastava o medo de todos.

O livro apontado como preferido foi *Bucala: A princesa do quilombo do Cabula* de Davi Nunes. As crianças expressaram identificação do ambiente e animação ao ver um quilombo em páginas do livro.

### 4 CONCLUSÕES/CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura com temática étnico racial apresentada na referida pesquisa em contato com as crianças participantes para além do desenvolvimento da leitura e diversão, contribuiu para momentos com aproximações naturais para a escuta e construção e afirmação identitária.

### 5 REFERÊNCIAS

ARAÚJO, M. A. F.; ARAÚJO, T. M. **O fazer etnográfico**: Considerações sobre a etnografia da comunicação. Revista Ícone. v.15. 2016



## O BRINCAR COMO DEMOCRATIZAÇÃO DAS RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Merian Aparecida Poluceno de Figueiredo<sup>17</sup>

**Palavras-chave:** Gênero. Educação Infantil. Representações Sociais.

### 1 INTRODUÇÃO

As concepções de gênero surgem na infância, nas relações sociais e experiências culturais, formando a compreensão de masculino e feminino. Este trabalho busca compreender como as brincadeiras influenciam as relações e as concepções de gênero na infância.

### 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO/METODOLÓGICA

A pesquisa surge à luz das teorias de gênero (BUSS-SIMÃO, 2013) (ARRUDA, 2002) e das Representações Sociais (MOSCOVICI, 2013) compreendendo que ambas estão presentes nas interações e nos pensamentos individuais. A pesquisa foi realizada com uma turma de 3 a 4 anos da Rede Municipal de Campina Grande-PB, com a observação em momentos de brincadeiras, e entrevista semiestruturada com as professoras. Ao final, foram determinadas duas categorias de análises: Concepção dualista de gênero e Concepção democrática de gênero.

### 3 RESULTADOS E/OU DISCUSSÕES

Compreendemos que as concepções de gênero surgem à luz das Representações Sociais que orientam a construção das concepções sobre ser menino e ser menina. Esses fatores se mesclam entre as experiências sociais e os aspectos psicológicos que influenciam essas relações. Assim, as crianças apresentaram em alguns momentos a concepção dualista de gênero, refletida na dualidade menino X menina, na escolha de objetos azul ou rosa, na reprodução de falas dos familiares como “Menino não chora”, “Isso é coisa de menina”, e nas expectativas criadas com relação aos comportamentos dos meninos e das meninas. A concepção democrática de gênero surge através das brincadeiras, que quebram barreiras e permitem às crianças brincarem juntas de bola, de boneca, não importando qualquer estereótipo de masculino ou feminino.

---

<sup>17</sup> Pedagoga da UAEI – UFCG; Professora da Educação Infantil da Rede Municipal de Campina Grande-PB.



#### 4 CONCLUSÕES/CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos que as crianças, em suas relações, aprendem valores que lhes são transmitidos a partir das concepções sociais vigentes, porém elas os ressignificam, experimentando novas formas de conceber e vivenciar as relações de gênero. Na Educação Infantil as concepções de gênero vão se formando nas relações entre meninos e meninas, nas intervenções pedagógicas e nas diversas formas de vivências sociais.

#### 5 REFERÊNCIAS

- ARRUDA, Angela. Teoria das Representações Sociais e Teorias de Gênero. **Cadernos de Pesquisa**, n. 117, p. 127-147, nov. 2002.
- BUSS-SIMÃO, Márcia. Gênero como possibilidade ou limite da ação social: um olhar sobre a perspectiva de crianças pequenas em um contexto de educação infantil. **Revista Brasileira de Educação**, vol.18, n.55, p. 939-1064, 2013.
- MOSCOVICI, Serge. Prefácio. In: Guareschi, Pedrinho; JOVCHELOVTCH, Sandra (Orgs.). *Textos em representações sociais*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.





## RESPEITO AS DIFERENÇAS: UM DEBATE NECESSÁRIO NA ESCOLA

Josiane Beloni de Paula<sup>18</sup>

Maria Conceição de Oliveira Andrade<sup>19</sup>

**Palavras-chave:** Escola. Relações étnico-raciais. Práticas propositivas.

### 1 INTRODUÇÃO

Este artigo visa debater uma experiência realizada em sala de aula, trabalhando o respeito as diferenças, a educação das relações étnico-raciais, as questões de gênero, os indígenas e suas relações atuais, a presença negra no Brasil e os racismos presentes em nossa sociedade, os quais estruturam as relações sociais e são naturalizados, baseadas na crescente demanda social, impulsionar que a escola debata com urgência esse contexto social que os estudantes estão inseridos.

Este trabalho são reflexões realizadas após situações vivenciadas e práticas experienciadas em sala de aula da turma de um 5º ano, após o retorno presencial das aulas, em 2021, depois da pandemia da Covid- 2019, no Colégio de Aplicação, NEI-CAP/UFRN. Momentos que junto com as crianças podemos visualizar nossa sociedade sem véus, com as construções de suas relações e todos os embates e preconceitos nela presentes.

### 2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

As práticas, as quais foram desenvolvidas visam debates e iniciativas, como: Não trabalhar as questões referentes a cultura negra e afro-brasileiras somente no mês de novembro, como um conteúdo relacionado a uma data significativa, mas por meio de uma mudança de postura, perceber que as relações sociais são experienciadas o ano todo, precisando serem vistas e debatidas também durante o ano todo. Seja aproveitando situação diárias das crianças ou provocando debates emergentes na sociedade, referentes aos preconceitos enraizados, naturalizados e deixados para outro momento para não causar incomodo.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

---

<sup>18</sup> Doutora em Educação - UFSC. Professora seletiva da Prefeitura Municipal do Natal, anos iniciais. [belonijbc@hotmail.com](mailto:belonijbc@hotmail.com)

<sup>19</sup> Doutora em Educação – UFRN. Professora do NEI-CAP/UFRN. *e-mail:* [conceicao@nei.ufrn.br](mailto:conceicao@nei.ufrn.br)  
XX ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL / II ENCONTRO NACIONAL DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL. NATAL-RN, 2023. CADERNO DE PROGRAMAÇÃO E ANAIS DO EVENTO.



Conforme os debates apareceram as questões da denúncia e do anúncio trazidos por Paulo Freire, pois primeiro fechamos um diagnóstico de quão enraizados e naturalizados ainda são os preconceitos na nossa sociedade, o quanto as crianças trazem disso em falas, ações e pensamentos.

Posteriormente podemos trabalhar com o pensar e rever pré-conceitos, concepções, ignorâncias, convidando ao despertar do olhar, para a história, as relações como um caleidoscópio, ou seja, depende de onde olhamos, para dizer o que vemos, sair da ideia de história única (ADICHIE, 2019).

Trabalhando com a decolonialidade, ou seja, saindo da colonialidade e vislumbrando um outro mundo, com relações e experiências possíveis e diferentes das conhecidas até então, respeitando cada um, no seu modo de ser e estar no mundo.

#### 4 CONCLUSÕES/CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estas práticas aqui relatadas não trazem novidades no sentido de inovação de técnica e sim um desvelar da forma de falar, de ser, de pensar, uma tentativa de um chargão muito usado, mas que explicita bem o nosso pensar, é um pensar crítico, é sair do mesmo, é a escola servir ao seu papel de exercício da cidadania, de relacionar direitos com deveres, direito de expressão, sem que esta expressão ultraje o outro.

#### 5 REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi **O perigo de uma história única**; tradução Julia Romeu. — 1a ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.



## (RE) PENSANDO AS PRINCESAS A PARTIR DA LITERATURA INFANTIL AFRO-BRASILEIRA

Milene André dos Santos<sup>20</sup>  
Zilana Teixeira Marcelino<sup>21</sup>

**Palavras-chave:** Literatura afro-brasileira. Princesas. Identidade.

### 1 INTRODUÇÃO

As princesas, concebidas como sinônimo de beleza, geralmente, são representadas por mulheres loiras e brancas de modo que, crianças pretas não se identificam. Assim, pensar a representatividade pode possibilitar a reflexão positiva de tais pessoas sobre seus corpos.

O presente resumo objetiva discutir sobre a importância do uso da literatura afro-brasileira para desconstrução da ideia preconcebida de princesa, a partir do que propõem Debus (2007), Duarte (2008) e Paulo (2012). Assim, a utilização deste material, pode fomentar a ampliação da concepção de princesa e o empoderamento de meninas negras.

### 2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Como base metodológica será utilizada a pesquisa bibliográfica, em que nos apoiamos nas reflexões propostas por Debus (2007) e Duarte (2008), que discutem sobre a literatura negra, e Paulo (2012), que trata da representação social de princesas.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Duarte (2008) aponta que a literatura afro-brasileira é aquela escrita por um autor negro e nutrida por seus aspectos humanos, sociais, culturais e artísticos. Nessa perspectiva, o uso dessa literatura é importante para a construção da identidade negra, pois a identificação com narrativas e personagens leva o leitor a refletir sobre seu papel social e afirmar uma identidade étnica (Debus, 2007).

A literatura infantil possui representações de princesas que não contemplam nossa diversidade. Por isso, algumas crianças negras, negam seus traços por

<sup>20</sup> Graduanda de Pedagogia - UFRN.

<sup>21</sup> Professora temporária – DPEC/CE/UFRN. Pedagoga – UFRN. Mestre em Educação – PPGEd/UFRN.



acreditarem que esses não são belos (Paulo, 2012). Assim, ao se apresentar à criança novas concepções de princesa, a partir da literatura afro, pode-se auxiliar o processo de empoderamento e desenvolvimento da autoestima dessa, além de desconstruir, progressivamente, a ideia de que só há beleza nos corpos brancos.

#### 4 CONCLUSÕES/CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabendo que a escola deve propiciar a formação de uma identidade positiva (Paulo, 2012), a reflexão proposta é pertinente pois, a partir dela podemos nos preocupar em incluir cada vez mais a literatura negra no ambiente escolar e repensar a concepção de princesa que estamos propagando.

#### 5 REFERÊNCIAS

- DEBUS, Eliane Santana Dias. A literatura infantil contemporânea e a temática étnico-racial: mapeando a produção. *In*: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 16., 2007, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: UNICAMP, 2007. p. 1-9.
- DUARTE, E. Literatura afro-brasileira: um conceito em construção. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, [S. l.], n. 31, p. 11–23, 2011.
- PAULO, Edilene Perpétua Socorro. **Sim. Princesas Negras Existem!** 2012. Monografia (Especialização em Educação e Relações Étnico Raciais ) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.



## GT 02 – DIFERENÇA NA EDUCAÇÃO E EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Reúne pesquisas e práticas que evidenciam experiências pedagógicas que garantem o acesso à educação e o direito à aprendizagem e ao desenvolvimento a todas as crianças na escola. Reflete sobre as contribuições do atendimento educacional especializado na perspectiva da educação inclusiva.



## CORPO, ARTE CONTEMPORÂNEA E MULTISSENSORIALIDADE NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA INFÂNCIA

Rivaldo Bevenuto de Oliveira Neto<sup>22</sup>

O Núcleo de Educação da Infância – NEI, Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, contribui de forma efetiva com a formação de estagiários de diferentes cursos de licenciatura da universidade e dos professores da rede pública de ensino que tem a infância como centro de seu fazer pedagógico. Este trabalho apresenta reflexões sobre o projeto “Corpo, Arte Contemporânea e Multissensorialidade: intercâmbios na formação inicial e continuada de professores da infância” que teve como objetivo refletir sobre o ensino de arte na infância na perspectiva da educação inclusiva, considerando experimentações multissensoriais com o corpo, contribuindo com a formação continuada de professores e estagiários.

**Palavras-chave:** Arte. Corpo. Multissensorialidade. Inclusão. Formação.

### 1 INTRODUÇÃO

O diálogo entre Arte e deficiência vem conquistando espaço no campo das pesquisas educacionais, ainda que de forma gradativa, a partir de experiências com a educação especial, porém ressalta-se, também, a necessidade de ampliar pesquisas na perspectiva da inclusão escolar, fomentando assim, a formação de professores para a educação da infância. O projeto “Corpo, Arte Contemporânea e Multissensorialidade: intercâmbios na formação inicial e continuada de professores da infância”, desenvolvido no 1º semestre de 2023, teve como objetivo refletir sobre o ensino de arte na infância na perspectiva da educação inclusiva, considerando experimentações multissensoriais com o corpo, contribuindo com a formação continuada de professores e estagiários, a partir do movimento de reflexão-ação.

### 2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Essa ação apoiou-se nos princípios do dialogismo e da alteridade, defendidos por Mikhail Bakhtin (2003), filósofo da linguagem como interação e construção social,

---

<sup>22</sup> Professor do NEI-CAp/UFRN, Mestre e doutorando em Educação pelo PPGED/UFRN. XX ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL / II ENCONTRO NACIONAL DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL. NATAL-RN, 2023. CADERNO DE PROGRAMAÇÃO E ANAIS DO EVENTO.



que privilegia a interdependência da relação eu-outro; ancorou-se também nos estudos sobre o corpo e percepção, à luz da fenomenologia, defendidos pelo filósofo Merleau Ponty (1994); bem como, privilegiou os estudos da corporeidade e da estesiologia (NÓBREGA, 2016). No desenvolvimento do projeto foram desenvolvidas ações que contribuíram com a formação continuada de estagiários e professores de Arte. As ações foram estruturadas em três dimensões que se retroalimentaram: estudos teóricos, observação, planejamento e intervenções em sala de aula (oficinas). As oficinas se constituíram espaços de reflexão e investigação sobre as possibilidades de exploração multissensorial do corpo em um perspectiva inclusiva no ensino de arte.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como resultado do projeto, realizamos o evento de extensão “CORPO, ARTE E MULTISSENSORIALIDADE: RELATOS DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO NEI-CAP/UFRN”, como um momento de encerramento das atividades de estágio de graduandos em Teatro no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, que realizaram ações interventivas em torno da interface corpo e sensorialidade no ensino de Arte na infância.

### 4 CONCLUSÕES/CONSIDERAÇÕES FINAIS

O NEI-CAP/UFRN, como um campo de estágio de estudantes das licenciaturas, reconhecido e valorizado na universidade, e, atuante na formação de professores, contribuiu com o processo de ação-reflexão dos sujeitos envolvidos nesse processo formativo. O intercâmbio de experiências entre estagiários e professores da educação básica contribuíram com a reflexão sobre a prática pedagógica em Arte a partir da multissensorialidade em uma perspectiva inclusiva.

### 5 REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MERLEAU-PONTY, M. Fenomenologia da percepção. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

NÓBREGA, Terezinha Petrúcia da. Corporeidades: inspirações Merleau-Pontianas. Natal: IFRN, 2016.



## ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO: OS MARCOS NORMATIVOS E OS DESAFIOS PARA A EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Gleidson Felipe Justino da Silva<sup>23</sup>  
Bruna Kelly da Costa<sup>24</sup>

**Palavras-chave:** AEE. Educação Especial. Sala de Recursos Multifuncionais. Marcos normativos. Desafios da educação inclusiva

Com a Política Nacional da Educação Especial numa Perspectiva da Educação Inclusiva em 2008, o AEE tornou-se serviço central da modalidade educação especial, de caráter complementar ou suplementar na educação de crianças e adolescentes público-alvo. Após estas, marcos normativos (BRASIL, 2009; 2011) passaram a referenciar orientações técnicas e de estruturação pedagógica para essa estratégia de apoio a educandos com necessidades educacionais específicas (NEE), assim como a ampliar estratégias para a sua efetivação e ampliação de serviços de apoio necessários a garantia de um sistema educacional inclusivo (BRASIL, 2014; 2015). Neste trabalho, analisamos os desafios encontrados na implementação da lei a partir de trabalhos do GT 15 das últimas quatro reuniões nacionais da ANPED, lançando mão da leitura crítica a partir da pesquisa bibliográfica. Os escritos que discutem sobre AEE apontam que o serviço é ofertado em condições diferenciadas no tocante a recursos, como as dificuldades encontradas em escolas do campo; em algumas redes a demanda encontra-se mais acrescida que a oferta de atendimento em salas de recursos multifuncionais; existem tensões permanentes na organização escolar pela necessidade de apoio a educandos na sala regular e as dificuldades pelas condições materiais e de infraestrutura distantes do estimado pelas políticas de inclusão, o que denota a necessidade de investimentos contínuos e formações coletivas para descentralizar a atenção do educando com NEE dos professores especializados atuantes no AEE, indicando também emergência de articulação docente para um trabalho colaborativo que possa enriquecer as condições de ensino para a aprendizagem de seus educandos, tendo como condição básica o planejamento entre docentes. Concluímos que o AEE é um serviço de grande importância na construção de um sistema educacional inclusivo desde que possua as condições e recursos necessários para sua realização e possa contar com o apoio de diferentes estratégias de apoio especializado, além de se articular continuamente ao fazer docente de

---

<sup>23</sup> Professor de anos iniciais e educação especial/atendimento educacional especializado, graduado em Pedagogia, mestre em Educação e especialista em Educação Inclusiva. SEEC/RN. [gleidsonfejustino@gmail.com](mailto:gleidsonfejustino@gmail.com)

<sup>24</sup> Professora dos anos iniciais e do atendimento educacional especializado, graduada em Pedagogia, mestra em Educação e especialista em língua portuguesa e matemática numa perspectiva transdisciplinar. [bruna.costta.21@hotmail.com](mailto:bruna.costta.21@hotmail.com)





professores de ensino comum de modo às suas ações refletirem nas relações de ensinar e aprender na sala regular.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Decreto nº 7.611 de 17 de novembro de 2011.** Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências. Brasília, DF: 2011.

BRASIL. **Resolução nº 4, de 2 de outubro de 2009.** Institui Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial. MEC/CNE/CEB: 2009.

BRASIL. **Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014.** Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. Brasília, DF, 2014.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015.** Institui a Lei brasileira de inclusão da pessoa com deficiência. Brasília: DF, 2015.



## FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS DOCENTES EM UMA PERSPECTIVA INCLUSIVA: O TRABALHO COLABORATIVO EM PAUTA

Bruna Kelly da Costa<sup>25</sup>

**Palavras-chave:** Formação continuada. Educação Especial e inclusiva. Trabalho Colaborativo.

### 1 INTRODUÇÃO

A experiência aqui relatada ocorreu em 2022 na rede municipal de educação de João Câmara/RN, promovida pela Secretaria Municipal de Educação (SME) através da coordenação de educação especial inclusiva (CEEI). O objetivo foi possibilitar reflexões que contribuíssem para a criação de um ambiente propício a trocas efetivas de colaboração entre professores, mediadas por coordenadores, gestores escolares e técnicos da SME. A formação justifica-se a partir do pedido dos próprios profissionais da rede que lidam com educandos público-alvo da educação especial.

### 2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Para seu desenvolvimento, as pesquisas como as de Mantoan (2011), Mendes, Viralunga e Zerbato (2018) e Capellini e Zerbato (2019) alicerçaram a proposta que teve as seguintes etapas executadas pela formadora responsável: 1) estudo das referências; 2) construção de uma proposta de formação continuada; 3) apresentação e aprovação da SME; 4) realização de inscrições dos profissionais interessados em participar da formação. Foram realizados 6 encontros, no total, de 4 horas cada, que se dividiram entre diálogos comuns a todas as etapas e modalidades e diálogos específicos (educação infantil, ciclo de alfabetização, ciclo de complementação e anos finais do ensino fundamental), totalizando 232 participantes advindos de 23 instituições.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

---

<sup>25</sup> Professora dos anos iniciais e do atendimento educacional especializado, graduada em Pedagogia, Mestra em Educação e especialista em língua portuguesa e matemática numa perspectiva transdisciplinar. SME João Câmara/RN. bruna.costta.21@hotmail.com



Como resultado, foi observado uma nova dinâmica, mesmo que ainda tímida sendo evidenciada por alguns profissionais no estabelecimento de trocas no planejamento das atividades pedagógicas em sala de aula comum e de um interesse maior por temas relacionados a educação inclusiva. Além disso, também é perceptível a aproximação dos profissionais da SME com os problemas que surgem no cotidiano escolar tendo em vista o diálogo direto com os professores.

#### 4 CONCLUSÕES/CONSIDERAÇÕES FINAIS

Parte-se da compreensão, no entanto, que para a construção contínua de práticas efetivas de colaboração, os profissionais precisarão estar em orientação contínua de perto, com condições de trabalho e continuidade de formações que caminhem e ampliem as atuais perspectivas.

#### 5 REFERÊNCIAS

- CAPELLINI, Vera L. Messias Fialho; ZERBATO, Ana Paula. **O que é ensino colaborativo**. 1.ed. – São Paulo: Edicon, 2019.
- MANTOAN, Maria Tereza Eglér, (org). **O desafio das diferenças nas escolas**. 4. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- MENDES, Eniceia Gonçalves; VIRALONGA, Carla Ariela Rios; ZERBATO, Ana Paula. **Ensino Colaborativo com apoio a Inclusão Escolar: Unindo esforços entre educação comum e especial**. – São Carlos: EdUFCar, 2018.



## POSSIBILIDADES DO CORPO NO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO

Ilanna Márnea Araújo Chagas<sup>26</sup>

Sára Maria Pinheiro Peixoto<sup>27</sup>

Maria Aparecida Dias<sup>28</sup>

**Palavras-chave:** Corpo. Atendimento Educacional Especializado. Formação docente.

Somos corpo além do biológico, transitando pelo mundo histórico e cultural, um corpo complexo, envolvido numa teia de sentidos, significados e aprendizagens. Nessa assertiva, apresentamos um recorte da pesquisa de mestrado “Dialogando com o corpo no Atendimento Educacional Especializado: uma proposta de formação docente”, que tem como objetivo analisar as concepções acerca do corpo do estudante público da Educação Especial como lugar de aprendizagem, em uma experiência formativa com os professores do Atendimento Educacional Especializado (AEE) da Rede Municipal de Ensino do Natal.

Metodologicamente, adotamos os princípios da abordagem qualitativa, utilizando como método investigativo a pesquisa participante, o qual sugere que pesquisadores rompem os muros acadêmicos e se aproximem da realidade pesquisada, construindo saberes em espaços de diálogos, trocas e experiências (BRANDÃO, 1998).

Epistemologicamente nos fundamentamos na filosofia de Merleau-Ponty, cuja a percepção é: “[...] eu não estou diante de meu corpo, estou em meu corpo, ou antes, sou o meu corpo” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 207 e 208).

Nessa perspectiva, a experiência formativa desenvolvida com os professores do AEE foi estruturada em dez encontros, envolvendo o corpo do estudante público da Educação Especial como lugar de aprendizagem, estando organizado em dois momentos: Que corpo é esse? e as possibilidades do corpo no AEE.

No primeiro momento formativo discutimos sobre o corpo em condição de deficiência em diferentes épocas e sociedade, os estigmas vivenciados por esse corpo, a exclusão desse corpo na sociedade, o processo de ruptura desses estigmas, sua inclusão e percepção como corpo sujeito. Em seguida, abordamos as possibilidades do corpo em condição de deficiência no AEE, um corpo como unidade, que sente, se emociona, se movimenta, percebe, se expressa, comunica, interage, participa e aprende.

Nas vivências, diálogos e trocas houve uma ressignificação sobre o corpo em condições de deficiência e seu processo de aprendizagem, que cada estudante é um

<sup>26</sup> Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGED/UFRN), [ilannamarnea@gmail.com](mailto:ilannamarnea@gmail.com);

<sup>27</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGED/UFRN), [sarapinheiro@nei.ufrn.br](mailto:sarapinheiro@nei.ufrn.br);

<sup>28</sup> Professora e Doutora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGED/UFRN), [cidaufnr@gmail.com](mailto:cidaufnr@gmail.com).



corpo único, que percebe, se movimenta, sente, expressa, vive, e para que este aprenda precisa ser visto de forma integral e estar presente em cada ação pedagógica desenvolvida no AEE escolar.

Dessa forma, pensar em educação é pensar em incluir o corpo, pois com afirma a filosofia merleau-pontyana toda aprendizagem perpassa pelo corpo.

## REFERÊNCIAS

BRANDÃO, C. R. **Participar-pesquisar**. In: Brandão, Carlos Rodrigues (org). Repensando a pesquisa participante. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1998.  
MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. [tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura]. - 2- ed. - São Paulo: Martins Fontes, 1999.



## A FORMAÇÃO DOCENTE NA/PARA A PERSPECTIVA INCLUSIVA E UMA INTERFACE COM A CONSCIÊNCIA CORPORAL NA INFÂNCIA: O QUE PODE O CORPO?

Sára Maria Pinheiro Peixoto<sup>29</sup>

Ilanna Márnea<sup>30</sup>

Maria Aparecida Dias<sup>31</sup>

**Palavras-chaves:** Corpo. Criança. AEE. Formação de Professores. Inclusão.

Pensar a prática pedagógica na infância pelos caminhos da educação *na* e *para* a perspectiva inclusiva que considere o corpo como lugar de aprendizagem é a temática deste diálogo. Trata-se de um recorte de uma pesquisa de doutorado que teve como objetivo analisar as dimensões de uma formação colaborativa considerando o corpo nos processos de aprendizagens das crianças com/sem deficiência e suas implicações nas práticas dos professores do Atendimento Educacional Especializado (AEE) e os professores da sala comum de um Centro Municipal de Educação Infantil, da rede de ensino da cidade do Natal.

O percurso investigativo da empiria ancorou-se na abordagem qualitativa, tendo como método investigativo, a pesquisa colaborativa, considerando a reflexão das práticas, valoração do trabalho, o crescimento pessoal, profissional e ainda o desenvolvimento da ação-reflexão do fazer pedagógico (IBIAPINA, 2008).

Ao pensarmos em uma formação docente *na* e *para* a perspectiva inclusiva é considerar um conjunto de saberes e práticas que possam promover a conscientização da necessidade de incluir todos os sujeitos, considerando suas diferenças e diversidades.

As expressões “na e para” são derivadas dos estudos e pesquisas de Leme e Fonseca (2021), trazendo o conhecimento de que não é só perceber se os professores estão sendo formados para lidar com as diferenças, mas se estes estão imbricados em sua própria formação, afetando-se mutuamente, mobilizando olhares sensíveis em uma perspectiva inclusiva, em um processo constante de reflexão e autorreflexão (LEME; FONSECA, 2021).

Considerando a epistemologia teórica sobre a Fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty (1999), a formação colaborativa, possibilitou a imersão em uma concepção de corpo para além de seu aspecto físico e biológico, mas a compreensão de que somos corpos como resultado das interações entre o biológico e o cultural, o

<sup>29</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGED/UFRN).

<sup>30</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGED/UFRN).

<sup>31</sup> Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGED/UFRN).



vivido e o sentido, considerando suas experiências de vida, de afetos, valores, histórias e cultura que são atravessadas em nossas experiências no mundo.

Pensar sobre diversas dimensões é desejar que nossas crianças tenham condições de se conhecer, conhecer seu corpo, seus limites, suas potencialidades e para isso, elas precisam experimentar, criar, brincar, construir e expressar-se sabendo que esse corpo não é instrumento, mas meio para o seu processo de aprender.

## REFERÊNCIAS

FONSECA, M. P. de S. da; LEME, E. S. **Abecedário da inclusão:** entrecruzando memória e formação docente. Revista Teias. v.22, n.65, abr/jun, 2021, p.41-54.

IBIAPINA, Ivana M. L. M. **Pesquisa Colaborativa:** investigação, formação e produção de conhecimentos. Brasília: Líber, 2008.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção.** Trad. Carlos Alberto R. de Moura. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.



## ESTIMULAÇÃO PRECOCE DA CRIANÇA COM T21 NO AMBIENTE ESCOLAR

Thayná das Chagas Silva  
Amanda do Nascimento Vitorino  
Ana Luiza Oliveira Dantas

**Palavras-chave:** Síndrome de Down. Infância. Educação inclusiva.

### 1 INTRODUÇÃO

Este estudo aborda a vivência em uma escola de educação infantil e fundamental - Apoema Escola Dialógica - em turma multietária, com crianças de 2 e 3 anos, que inclui uma criança com trissomia do cromossomo 21. A Síndrome de Down (SD) geralmente acarreta atraso no desenvolvimento de atividades regulares, mas no ambiente escolar, com estímulos sensoriais diversificados, é possível promover progressos significativos.

Baseando-se no princípio da escola inclusiva, que preconiza o aprendizado conjunto de todas as crianças, independentemente de suas dificuldades ou diferenças (UNESCO, 1994), este trabalho tem como objetivo relatar as evoluções, conquistas e interações de uma criança com SD.

### 2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

A metodologia deste estudo segue a abordagem de Paulo Freire, que enfatiza o protagonismo das crianças na educação. O processo ensino-aprendizagem ocorre de maneira mútua entre educador e aluno, permitindo a identificação das necessidades dos alunos para promover práticas inclusivas.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O ambiente escolar favorece a ampliação das interações sociais desde a infância. Ao integrar-se ao grupo, a criança com SD começou a imitar os movimentos e comportamentos dos colegas. As vivências promoveram progressos significativos em suas habilidades motoras e cognitivas, bem como melhorias na interação social, expressa por sorrisos e palmas.





Durante as atividades, as limitações físicas e interesses da criança foram identificados, e oferecemos múltiplas escolhas, permitindo que ela fosse a protagonista de sua própria aprendizagem, seguindo a perspectiva de Freire (1996). A inclusão de crianças com deficiência em grupos heterogêneos oferece desafios enriquecedores e favorece interações sociais diversas.

#### 4 CONCLUSÕES/CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo destaca a relevância contemporânea de abordar a inclusão das crianças no ambiente escolar, enriquecendo a área pedagógica. A experiência demonstrou que a estimulação precoce é fundamental para o desenvolvimento cognitivo e motor da criança com SD.

#### 5 REFERÊNCIAS

- UNESCO. **Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais**. Brasília: Corde, 1994.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.



## DESENVOLVIMENTO LINGUÍSTICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS COM LINGUAGEM ORAL E ESCRITA EM UMA CLASSE HOSPITALAR

Jacyene Melo de Oliveira Araújo<sup>32</sup>  
Aizlha Rhaymara Souza de Oliveira<sup>33</sup>  
Tatiane Crislayne Alexandre da Silva<sup>34</sup>

**Palavras-chave:** Educação Infantil. Classe hospitalar. Linguagem Oral e Escrita

### 1 INTRODUÇÃO

A Constituição Federal de 1988 reconhece o acesso à educação como direito para todos, e o atendimento pedagógico hospitalar assegura esse direito a crianças hospitalizadas, aproximando-as dos padrões cotidianos, principalmente, através de atividades com múltiplas linguagens. O objetivo do presente trabalho é apresentar os resultados da pesquisa que analisou as práticas pedagógicas na classe hospitalar do HUOL/EBSERH/UFRN, com ênfase na linguagem oral e escrita para crianças de 0 a 5 anos (Educação Infantil).

### 2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

A base do nosso estudo é a Abordagem Qualitativa da Pesquisa Educacional, utilizando a análise documental e observação participante como procedimentos para coleta/construção de dados. Esta pesquisa busca esclarecer o planejamento e metodologia desenvolvidos na classe hospitalar do HUOL, à estudos teóricos de autores como Fontana & Cruz (1997) e Borba & Goulart (2007), que discorrem sobre linguagem oral e escrita na infância.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A classe hospitalar é crucial para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita das crianças em tratamento. Sobre o trabalho com a linguagem oral, observamos que

---

<sup>32</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Norte, PROPESQ/PIBIC/UFRN, GT 2 - Diferença na Educação e Educação Inclusiva, jacyenearaujo@gmail.com;

<sup>33</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Norte, PROPESQ/PIBIC/UFRN, GT 2 - Diferença na Educação e Educação Inclusiva, aizlha12@gmail.com;

<sup>34</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Norte, PROPESQ/PIBIC/UFRN, GT 2 - Diferença na Educação e Educação Inclusiva, tatianesilvaufnr@gmail.com;

XX ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL / II ENCONTRO NACIONAL DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL. NATAL-RN, 2023. CADERNO DE PROGRAMAÇÃO E ANAIS DO EVENTO.



a interação com os professores e colegas proporciona oportunidades significativas de prática e aprimoramento da comunicação verbal, enriquecendo o vocabulário e habilidades das crianças (Fontana; Cruz, 1997, p. 101). Quanto à linguagem escrita, as professoras empregaram estratégias lúdicas e criativas para estimular o interesse das crianças pela leitura e escrita, assim, proporcionando práticas que provoquem a imaginação, a fantasia, a reflexão e a crítica (Borba; Goulart, 2007, p. 52). Como exemplo, a atividade de releitura sobre a temática "Mulheres Incríveis", em que as crianças reescreveram a história de Marie Curie e Malala por meio de desenhos e escrita, trabalhando a oralidade e a escrita de forma interligada.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos resultados, destaca-se a importância do trabalho com a linguagem oral e escrita no atendimento educacional hospitalar para o desenvolvimento das crianças, e as estratégias adotadas pelas professoras, proporcionando momentos em que as crianças participaram da cultura oral e escrita, ressaltam a relevância dessas práticas pedagógicas..

#### 5 REFERÊNCIAS

BORBA, Ângela Meyer; GOULART, Cecília. As diversas expressões e o desenvolvimento da criança na escola. In: BEAUCHAMP, Jeanete, PAGEL, Sandra Denise, NASCIMENTO, Aricléia Ribeiro do (orgs). **Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.  
FONTANA, Roseli Aparecida Cação; CRUZ, Maria Nazaré da. **A criança e a palavra**. In: **Psicologia e trabalho pedagógico**. São Paulo: Atual Editora, 1997.



## O PROCESSO DE INCLUSÃO E ADAPTAÇÃO ESCOLAR DE CRIANÇAS COM AUTISMO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Maria Clara Castro de Melo<sup>35</sup>

Renata Leonarda Miranda<sup>36</sup>

Vaniele Maria de Oliveira<sup>37</sup>

**Palavras-chave:** Inclusão. Educação Inclusiva. TEA.

### 1 INTRODUÇÃO

Este é um relato de experiência ocorrido na Escola Madre Fitzbach – EMF, instituição mantida pela Adote, onde é constatado o aumento de crianças com deficiência, transtornos do neurodesenvolvimento, e outras condições, chegando às escolas graças a legislação.

A Lei Brasileira de Inclusão – LBI, firma o acesso de crianças e adolescentes com deficiência à educação. Logo, no ano de 2022, a EMF, recebeu cinco alunos no 1º ano do Ensino Fundamental, com o Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Assim, esse relato trará a vivência da inclusão no processo de adaptação a escola como um caminho desafiador, mas possível.

### 2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Os alunos com TEA, detém uma condição definida como um espectro, dispondo um conjunto de características. Alguns não verbalizavam, tinham episódios de comportamento agressivo com reações físicas, dificuldades na interação, comportamentos rígidos, transtornos sensoriais, crises, prejuízos nas funções executivas e disfunção atencional.

O primeiro contato com a família foi uma entrevista sobre o histórico da criança. Com isso, vimos que nem todos os alunos com TEA possuíam o acompanhamento terapêutico, usavam medicações desatualizadas e estavam sem as terapias. Assim, a

---

<sup>35</sup> Professora de Educação Especial, pós-graduada em Psicopedagogia. SEEC RN.

<sup>36</sup> Coordenadora Pedagógica, pós-graduada em Psicopedagogia. ADOTE – Natal/RN.

<sup>37</sup> Professora, pós-graduada em Psicopedagogia. ADOTE – Natal/RN.



escola e o serviço social, fizeram visitas domiciliares e reuniões, orientando as famílias sobre a relevância do acompanhamento médico.

Nesse tempo, as crises aumentaram, dificultando a socialização. Logo, realizamos atividades de conscientização sobre colaboração, dado que, a inclusão requer uma compreensão coletiva, onde crianças ajudam crianças. Segundo Mantoan (2003) para que a inclusão aconteça, é preciso uma articulação, pois não diz respeito só as crianças com deficiência, mas todos os demais.

Na EMF, temos uma rede de apoio, desde o porteiro, a cozinheira, e profissionais de apoio na atenção aos ambientes que podem oferecer risco nos momentos de crise. Pois, cada auxílio fora da sala conta, visto que a inclusão vai além do que é dito, mas sim vivido diariamente com a participação de todos por todos. (LIMA, 2009)

Foi formada uma comissão multidisciplinar para acompanhar os casos mais intensos e menos assistidos, constituída por profissionais que tinham contato diário com a criança. Houve também o momento de articulação com os terapeutas, após as várias solicitações da escola. Foram eles: psicólogos, médico neurologista, terapeuta ocupacional, entre outros; que nos deram pistas para novas hipóteses.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os alunos com TEA, foram incluídos na sala de aula com o currículo adaptado e planejamento educacional individualizado.

Foram feitas tentativas de articulação para fortalecer relações da escola com a família. Mas, algumas famílias não assimilaram a importância da assiduidade no tratamento terapêutico e na escola. Ainda há um vasto caminho a ser percorrido, pois os resultados não dependem só da escola. Todavia, ela cumpriu com seu papel, indo ao encontro das crianças e famílias, mostrando possibilidades de inclusão.

### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na adaptação, propiciar um ambiente acolhedor é essencial. A inclusão não depende só de conhecimento técnico, mas da afetividade. Para isso, não se deve ter medo da estranheza, mas acolher as diferenças. É responsabilidade da escola atuar para a eliminação de barreiras que impedem a inclusão.

Diante dos desafios da educação inclusiva, é necessário a atenção do professor a sua formação continuada, pois pensar na aprendizagem do aluno é também priorizar a sua.



## 5 REFERÊNCIAS

BRASIL, Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015. Institui a **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm). Acesso em 21 jul. 2023.

LIMA, Francisco José de. **Ética e inclusão: o status da diferença**. In: MARTINS, Lúcia de Araújo Ramos. *Inclusão: compartilhando saberes*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2006.

MANTOAN, M.T.E. **Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.



## AUTOSCOPIA COMO FERRAMENTA DE INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM TEA

Larissa Bezerra dos Santos Souza<sup>38</sup>  
Jacylene Melo de Oliveira Araújo<sup>39</sup>

**Palavras-chave:** Transtorno do Espectro Autista. Autoscopia. Inclusão.

### 1 INTRODUÇÃO

Um dos principais desafios a efetiva inclusão de educandos com TEA, cada vez mais cedo na educação básica, citado pela literatura nacional é a precariedade na formação continuada dos professores que atendem esse público. Com intuito de minimizar os déficits na formação docente é necessário propor aos profissionais uma formação que não seja generalista e sim baseada na sua vivência, tomando como ponto de partida e objeto de reflexão o dia a dia do professor. Essa atitude reflexiva acerca da sua prática docente, nos leva a ferramenta da autoscopia. A pesquisa em andamento tem como objetivo analisar o processo de inclusão de uma criança com TEA na educação infantil, a partir da contribuição da ferramenta da autoscopia na formação docente.

### 2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

A pesquisa será desenvolvida com uma criança com diagnóstico de TEA, a professora titular e estagiário(a). Os dados serão coletados em uma sala de aula de um CMEI da rede municipal de Natal. Será utilizado um delineamento quase experimental A-B (linha de base e intervenção) intrasujeito. Assim como serão implementadas estratégias de cunho qualitativo.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estudo trata de uma pesquisa de mestrado ainda em andamento, os resultados e discussão aqui são pretensões traçadas a partir de resultados já obtidos em pesquisas baseadas em evidências. A literatura contemporânea tem apresentado com mais frequência uso das técnicas e dos procedimentos de autoscopia na

---

<sup>38</sup> Pedagoga - UFRN; Educadora Infantil da Rede Municipal de Natal; Professora da Educação Especial da Rede Estadual do RN; e Mestranda no Programa de Pós-graduação em Educação Especial (PPGEESp) do Centro de Educação/UFRN. E-mail: [laribs18@gmail.com](mailto:laribs18@gmail.com)

<sup>39</sup> Pedagoga - UFRN; Mestre e Doutora em Educação - PPGEd/UFRN; e Professora Associado III do Departamento de Fundamentos e Políticas da Educação (DFPE) e do Programa de Pós-graduação em Educação Especial (PPGEESp) do Centro de Educação/UFRN. E-mail: [jacyenearaujo@gmail.com](mailto:jacyenearaujo@gmail.com)



formação inicial e continuada de professores(Soares, et al., 2020). Diante disso, espera-se que o uso da autoscopia como ferramenta da formação docente possa auxiliar na inclusão da criança com TEA, assim como favorecer a tomada de consciência do professor de certas lacunas na sua ação através da reflexão da sua própria prática.

#### 4 CONCLUSÕES

Vislumbra-se a potencialidade na inclusão de alunos com TEA quando dada oportunidade de os profissionais serem formados mediante os conflitos que emergem das suas práticas, pautadas nas reais necessidades dos seus estudantes.

#### 5 REFERÊNCIAS

SOARES, Francisca M. G. Cabral. et al. Educação inclusiva : conjuntura, síntese e perspectivas. Marília: ABPEE, 2021. p. 135 – 170.





## O AUXILIAR COMO AGENTE DE INCLUSÃO: PROPOSTA DE AÇÕES FORMATIVAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Vanessa Bandeira dos Santos<sup>40</sup>

Maristela de Oliveira Mosca<sup>41</sup>

**Palavras-Chave:** Auxiliar de creche, Práticas formativas, Inclusão, Educação Infantil, Adaptação.

### 1 INTRODUÇÃO

A inserção/adaptação das crianças na escola das infâncias é marcada por ser uma fase delicada, podendo ser o primeiro contato da criança com outras pessoas fora do convívio familiar. Esse processo oportuniza os bebês e crianças bem pequenas (0 a 3 anos e 11 meses) socializar com novas crianças e adultos, sendo, portanto, essencial para seu desenvolvimento (RAPOPORT; PICCININI, 2001). Nesse contexto, muitas vezes o auxiliar não possui formação específica necessária para atuar no atendimento aos bebês e crianças bem pequenas, principalmente com crianças com Necessidades Educacionais Específicas (NEE). Assim, buscamos refletir sobre o papel desses adultos, reconhecendo a importância de estarem preparados para auxiliar o professor nesse processo de inserção/adaptação, a partir de práticas pedagógicas inclusivas.

### 2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Realizamos uma pesquisa qualitativa, por meio de uma revisão bibliográfica integrativa, com o objetivo identificar e descrever necessidades formativas de adultos que participam do contexto escolar, com foco nas práticas e estratégias dos processos de inserção/adaptação de bebês e crianças bem pequenas com NEE na Educação Infantil. A partir da interlocução com autores de referência, discutimos as temáticas emergentes que compõem o corpo do trabalho: cuidar e educar; inserção/adaptação; educação inclusiva na educação infantil; necessidades formativas do adulto/auxiliar.

---

<sup>40</sup> Mestranda em Educação Especial/UFRN

<sup>41</sup> Doutora em Educação/UFRN



Desenvolvemos, primeiramente, um levantamento bibliográfico, o qual ampliou a compreensão do tema investigado, analisando as ideias dos autores selecionados e contribuindo para a problematização da pesquisa. Como produto final deste mestrado profissional, apresentamos a proposição de oficinas formativas, com objetivo de aprimorar as práticas pedagógicas dos auxiliares que participam do contexto escolar.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da revisão das categorias: cuidar/educar, inserção/adaptação, educação inclusiva e necessidades formativas, identificamos elementos-chave que embasaram a construção da proposta das oficinas de formação continuada.

### 4 CONCLUSÕES/CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos a importância dos auxiliares no desempenho da sua função e a relevância de sua formação. Dado isso, vemos a necessidade da formação continuada, pois as oficinas formativas podem proporcionar reflexões sobre a sua práxis, aplicando sua relação com a teoria. Propomos que trabalhos futuros aprofundem sobre a formação continuada de adultos não docentes, bem como a implementação de alguma das oficinas formativas propostas.

### 5 REFERÊNCIAS

RAPOPORT, Andrea; PICCININI, Cesar Augusto. O ingresso e adaptação de bebês e crianças pequenas à creche: alguns aspectos críticos. **Psicologia: Reflexão e crítica**, v. 14, p. 81-95, 2001.



## GT 03 – PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Discute os múltiplos aspectos da Educação Infantil, considerando os objetivos desta etapa do processo de escolarização, o sistema de ensino, os campos de saberes e de experiências, a avaliação e as demais dimensões teóricas e práticas do trabalho pedagógico desenvolvido com crianças de 0 a 6 anos, em contextos educativos.



## A FOTOGRAFIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: EXERCÍCIOS DO OLHAR

Sarah de Lima Mendes<sup>42</sup>

Beatriz Marques Ferreira<sup>43</sup>

**Palavras-chave:** Fotografia. Documentação Pedagógica. Educação Infantil.

### 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objeto de estudo a linguagem fotográfica no processo de documentar e visibilizar as culturas e aprendizagens das crianças na educação infantil. Neste sentido, a pesquisa busca compreender os usos e funções da fotografia na Educação Infantil. Assim, delimitou-se a problemática: como a fotografia pode contribuir na afirmação da identidade da Educação Infantil?

### 2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Para tanto, analisamos os registros fotográficos, recorrentes nos espaços escolares, utilizando estudos historiográficos em articulação com o campo da pedagogia. Como suporte teórico, Kossoy (2007) e Barthes (2012) fundamentam o conceito de linguagem fotográfica. Referente a Documentação Pedagógica, Fochi (2019), Ostetto (2017), Dalhberg, Moss e Pence (2003), sustentam a discussão partindo do pressuposto que a Documentação Pedagógica é uma potente ferramenta para revelar os processos de aprendizagem e desenvolvimento vividos na Educação Infantil e com isso, propiciar diálogos democráticos a partir do que foi documentado. Do ponto de vista metodológico, o trabalho fundamenta-se na pesquisa bibliográfica e documental.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

---

<sup>42</sup> Professora da rede municipal de educação de Parnamirim/RN. Formada em Pedagogia. Doutora em Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Unidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: sarah.infance@gmail.com.

<sup>43</sup> Mestranda em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. E-mail: beatrizmf1604@gmail.com.

XX ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL / II ENCONTRO NACIONAL DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL. NATAL-RN, 2023. CADERNO DE PROGRAMAÇÃO E ANAIS DO EVENTO.



Os resultados das análises apontam para as possibilidades dos usos e funções da fotografia em contextos escolares. Afirma-se a relevância da linguagem fotográfica, instrumento capaz de captar a poética das infâncias. Por fim, a fotografia se constitui um documento de memória, ao mesmo tempo em que visibiliza as infâncias, afirma a identidade da educação infantil.

#### 4 CONCLUSÕES/CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que o estudo contribui para área da Educação Infantil, sobretudo, em pesquisas acerca de registro escolar, por isso, sugerimos para fins de novas pesquisas investigar esse artefato pela ótica das crianças.

#### 5 REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- DAHLBERG, Gunilla; MOSS, Peter; PENCE, Alan. *Qualidade na educação da primeira infância: perspectivas pós-modernas*. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- FOCHI, Paulo. *Mini-histórias: rapsódias da vida cotidiana nas escolas do Observatório da Cultura Infantil- OBECI*. Porto Alegre: Paulo Fochi Estudos Pedagógicos, 2019.
- KOSSOY, Boris. *Fotografia e história*. São Paulo: Ática, 1989.
- OSTETTO, Luciana Esmeralda. *Registros na Educação Infantil: pesquisa e prática pedagógica*. Campinas: Papirus, 2017.



## BARCO NAVEGA NO RIO E NO MAR

Maria Luciana Bernardo Torres<sup>44</sup>

Isabel Cristina de Lima Silva<sup>45</sup>

Nair Lima dos Santos<sup>46</sup>

**Palavras-chave:** 1. Educação Infantil; 2. Pedagogia de Projetos; 3. Barco.

### 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho é resultado de uma experiência desenvolvida na turma do nível IV da Educação Infantil do Centro Municipal de Educação Infantil Prof.<sup>a</sup> Marilanda Bezerra de Paiva, localizado no Bairro Guarapes, Zona Oeste da cidade de Natal-RN, durante os meses de julho a setembro de 2022. Pretende-se, apresentar aqui o relato dessa experiência, mostrando o processo de construção da pesquisa sobre o barco e seus desdobramentos.

### 2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICO

O CMEI Marilanda trabalha com a metodologia Pedagogia de Projetos, e entende que as crianças podem e devem participar ativamente de todo o processo da pesquisa. Nesse sentido, Barbosa e Horn (2008) afirmam que trabalhar com projetos é abrir possibilidade para aprender diferentes conhecimentos de mundo de uma forma relacional e também através das múltiplas linguagens (2008, p.35).

Sendo assim, adotamos como metodologia para esse trabalho o relato de vivência, descrevendo a trajetória da pesquisa desenvolvida na turma.

A escolha do tema surgiu a partir de uma conversa na roda na qual as crianças relembavam o projeto anterior (Identidade e Autonomia), e falavam sobre o ônibus que circula pelo bairro do Guarapes. No entanto, uma criança ressaltou que o avô andava de barco no rio e também pescava, o que provocou inúmeras falas sobre o barco. Assim, o barco foi escolhido como tema da pesquisa da sala. Fizemos o levantamento das ideias prévias e dos primeiros questionamentos da pesquisa, no qual os principais foram: quem dirige o barco; barco é diferente de navio; barco tem motor; quais as partes do barco.

Diante desses questionamentos, pudemos traçar os objetivos para esse projeto, tendo como base conhecer o barco como meio de transporte, levando em conta os aspectos físicos, tipos, importância e utilidade no cotidiano da comunidade em que as crianças vivem, e assim, planejar vivências e experiências significativas, que

<sup>44</sup> Educadora Infantil do CMEI Prof.<sup>a</sup> Marilanda Bezerra de Paiva – Prefeitura de Natal.

<sup>45</sup> Coordenadora Pedagógica do CMEI Prof.<sup>a</sup> Marilanda Bezerra de Paiva – Prefeitura de Natal.

<sup>46</sup> Diretora Pedagógica CMEI Prof.<sup>a</sup> Marilanda Bezerra de Paiva – Prefeitura de Natal.



oportunizassem o desenvolvimento das crianças e ampliassem seus conhecimentos acerca do tema pesquisado.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Iniciamos o projeto solicitando desenhos e escritas espontâneos sobre o tema. Pesquisamos os diferentes tipos de embarcações, as partes do barco, e brincamos com as letras, montando palavras relacionadas ao projeto, como barco, navio, pescador, mar, rio, entre outras.

Um dos porteiros do CMEI, Seu Ivo, ao saber que o tema da turma era barco, foi logo contando que já tinha trabalhado em um navio. O convidamos para uma entrevista, e sua fala esclareceu algumas dúvidas da pesquisa, como a diferença entre barco e navio, se tem motor e quem dirige o barco. As crianças tiveram um momento bastante significativo de conversa e interação.

Outra experiência bastante prazerosa e lúdica foi feita em um dia de chuva. Por não poderem ir para o parque, porque estava todo molhado, as crianças fizeram a dobradura do barco com papel e brincaram nas poças de água da chuva espalhadas pelo CMEI.

Assistimos alguns documentários sobre barco e navio para enriquecer e ampliar os conhecimentos. Cada criança também produziu em casa um barco com a ajuda da família, e foi muito bom ver essa parceria família/escola.

Como forma de expandir ainda mais os horizontes e concretizar a pesquisa, realizamos uma aula-passeio ao IATE CLUB Natal, e lá as crianças tiveram a oportunidade de apreciar diversos tipos de embarcações. Acompanhadas pelo professor Alexandre, as crianças se apropriaram dos conhecimentos práticos e puderam fazer relações do que tinham estudado com o que estavam vivenciando.

As atividades construídas ao longo de todo o processo do projeto foram expostas na Festa da Família, um momento que faz parte do calendário do CMEI, no qual os projetos são socializados para toda comunidade escolar.

### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, a pesquisa contribuiu também para que as rodas de conversas tivessem maior participação das crianças, com vocabulário mais amplo, maior envolvimento nas brincadeiras e vivências propostas e também nas experiências da pesquisa em si, e com isso, percebemos o quão importante esse trabalho foi para as crianças, que se descobriram pesquisadoras e puderam ter noção de que vivem em um mundo gigante, com inúmeros questionamentos e possibilidades.

### 5 REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Carmem Silveira; HORN, Maria da Graça Souza. **Projetos pedagógicos na educação infantil**. Porto Alegre: Grupo A, 20



## CIRANDA CULTURAL: O OLHAR DAS CRIANÇAS ALÉM DA COR DA NOSSA PELE, NO CMEI IRENE LISBOA

Ana Luiza Silva Costa<sup>47</sup>  
Cleitania Florêncio Silva dos Santos<sup>48</sup>  
Maria Daniele da Silva<sup>49</sup>

**Palavras-chave:** Ciranda. Arte. Crianças

### 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta o projeto "Ciranda Cultural", que acontece no CMEI Irene Lisboa, em Goianinha/RN. O projeto objetiva proporcionar as crianças o desenvolvimento cultural, configurando-se como um movimento artístico em que as crianças entre 1 e 5 anos vivenciam diversas linguagens. São momentos que se constroem além de linguagens estéticas e cultural, a experiência com a formação de plateia, a experiência de trocas e sensações com o público, o movimento corporal e suas mais diversas práticas socioculturais. De acordo com Jalles 2011, p. 286:

Muitas destas crianças não têm acesso a teatros, museus, cinemas, tendo oportunidade limitadas aos programas de TV, aos shows estereotipados, as músicas veiculados nas rádios, muitas vezes de qualidade duvidosa.

Neste contexto, o recorte deste trabalho baseia-se na importância do projeto como norteador de experiências com a cultura africana, indispensáveis para a formação dos sujeitos, desde a infância.

### 2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

A ciranda cultural explora manifestações artísticas, trazendo expressão, historicidade. Ela se organiza nos momentos de contação de história, nos momentos de ateliês, e pode ser eleito um dia na semana para acontecer, ou não sendo explorada para apresentação das crianças. Neste ano, aderimos a temática da influência africana na escola da infância, possibilitando as crianças a observação, registro e consciência das questões que sobrepõe a cor da nossa pele. Em turmas de creche exploramos as cantigas de roda, canções africanas, instrumentos musicais de cultura afro e exploração da literatura infantil; nas turmas de pré-escola exploramos questões históricas que envolvam o povo africano, obras literárias, origem da música

<sup>47</sup> Gestora do CMEI Irene Lisboa

<sup>48</sup> Professora do CMEI Irene Lisboa

<sup>49</sup> Professora do CMEI Irene Lisboa





popular brasileira e sua importância na construção da nossa identidade como povo brasileiro e miscigenado.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Compreendemos a necessidade da ciranda se reinventar ao longo dos anos, procurando uma temática de relevância social para afunilar o projeto. Quando pensamos assim, conseguimos ser ainda mais abrangente no que tange as experiências. O projeto oportunizou para a escola da infância discussões e experiências da influência africana na construção da identidade social de crianças pequenas, bem como de explorar as questões raciais.

### 4 CONCLUSÕES/CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das propostas vivenciadas com as crianças, é possível perceber muitas delas estava tendo seu primeiro contato e que a mesma é imprescindível ao que concerne a prevenção ao preconceito e desconstrução do racismo.

### 5 REFERÊNCIAS

JALLES, Antonia Fernanda. ARAÚJO, Keila Barreto. (Orgs.). - Natal, RN: EDUFRN, 2011. 300 p. - **(Coleção Faça e conte)**.



## COMO SURGE A ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: AS EXPERIÊNCIAS PSICOMOTORAS NO CMEI IRENE LISBOA – GOIANINHA/RN

Suellen Priscila de Souza Barbosa<sup>50</sup>

Ana Luiza Silva Costa<sup>51</sup>

Maria Daniele da Silva<sup>52</sup>

**Palavras-chave:** Experiências psicomotoras. Escola. Escrita.

### 1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como objeto de estudo as experiências psicomotoras e suas contribuições, trazendo a importância, das crianças não estarem sendo expostas a práticas de escritas mecânicas, que não respeitam seu desenvolvimento psicomotor global. Nisto, elegemos como partida para a investigação: que experiências psicomotoras proporcionam a aquisição/desenvolvimento da escrita das crianças do nível V em uma instituição da cidade de Goianinha - RN? Nesse sentido, os nossos estudos estão especificamente alicerçados nos seguintes objetivos: Compreender o processo de aquisição/desenvolvimento da escrita nas crianças do nível V; Investigar como as experiências psicomotoras são trabalhadas no contexto da escola da infância; Identificar que atividades realizadas envolvendo a psicomotricidade, pelas professoras dos níveis V são propiciadoras da aquisição e desenvolvimento da escrita nas crianças.

### 2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Nas propostas oferecidas nas aulas de educação física e registros oportunos depois, vemos claramente que as crianças são oportunizadas a experimentarem práticas capazes de favorecer um posterior momento de escrita que contenha sentido e significado. Neste sentido, foi possível através dos registros, perceber que, movimentos que exploram e contribuem para o desenvolvimento de força, agilidade, flexibilidade são necessários e nascem dentro da experiência humana como fatores indispensáveis quando se pensa na ideia de um corpo que precisa ser explorado e vivido de maneira ampla.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

---

<sup>50</sup> Coordenadora do CMEI Irene Lisboa

<sup>51</sup> Gestora do CMEI Irene Lisboa

<sup>52</sup> Professora do CMEI Irene Lisboa



Os resultados obtidos através da observação das ações das crianças desde o início do estudo sobre jogos e brincadeiras dos povos originários, nos trouxe a reflexão de que o espaço de fala, escuta e participação das crianças também é eficaz, quando pensamos nos desejos e disponibilidade corporal.

#### 4 CONCLUSÕES/CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste sentido, durante as observações, percebemos que o fato da escola se propor a uma proposta pedagógica que respeita as expressões e o tempo das crianças, as professoras são muito tranquilas para trabalhar com as crianças, propostas em que a psicomotricidade seja prioridade por que compreendem que não existe dentro da educação infantil propostas de atividades que a psicomotricidade não esteja envolvida, sabem quais estímulos são necessários, e, também por que a partir das vivências psicomotoras, são capazes de traçar objetivos que findarão em processos de escrita, cada vez mais complexos.

#### 5 REFERÊNCIAS

LE BOULCH, Jean Mattos. O desenvolvimento psicomotor: do nascimento aos 6 anos. Trad. Por Ana Guardiola Bizolara. Porto Alegre. Artes Médicas, 1982.



## A IMPORTÂNCIA DA COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA EM TEMPOS DE PANDEMIA: RELATOS NO CMEI IRENE LISBOA – GOIANINHA/RN

Suellen Priscila de Souza Barbosa<sup>53</sup>

**Palavras-chave:** Pandemia. Crianças. Aprendizagem

### 1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem por finalidade abordar as estratégias da coordenação pedagógica durante o período de pandemia no CMEI Irene Lisboa de Goianinha/RN, que possibilitaram a interação entre crianças, suas famílias e a escola, a distância. As estratégias foram traçadas partindo do pressuposto da proposta da instituição que visa a experimentação da infância através de brinquedos e brincadeiras com recursos naturais e de acesso no contexto doméstico. Diante do processo de distanciamento do espaço escolar, muitos questionamentos nos rodearam, mas o principal deles foi: Como a escola pode estar pensando de forma significativa distante das crianças? Partindo disto e entendendo que a coordenação cabe sistematizar junto a equipe gestora e docente o processo de ensino aprendizagem, surge esse trabalho que atualmente colhe frutos pela parceria com as famílias estabelecida e fortalecida.

### 2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Em decisão conjunta e coletiva da gestão com o corpo docente, nos organizamos por meio de portaria expedida pelo município atividades remotas que seguissem a orientação de ser enviadas através online, pelos grupos e/ou listas de transmissão de sala. Assim as vivências eram encaminhadas semanalmente, acompanhadas de texto de apoio que explicavam de forma clara a proposta pensada e planejada pelos professores da escola. Trabalhamos com propostas que levassem as crianças a explorarem seu contexto familiar, buscando materiais e estratégias acessivas. Para as atividades com leitura e escrita que permearam as turmas de crianças de pré-escola, organizávamos sempre um texto de apoio orientativo, vídeos das professoras explicando como proceder com as atividades, áudios e orientações individuais com as famílias.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

---

<sup>53</sup> Coordenadora do CMEI Irene Lisboa

XX ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL / II ENCONTRO NACIONAL DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL. NATAL-RN, 2023. CADERNO DE PROGRAMAÇÃO E ANAIS DO EVENTO.



Diante do exposto, acreditamos que conseguimos fazer muito do que foi traçado e aos poucos a coordenação foi pensando junto a equipe, situações que chamassem a atenção das crianças e das suas famílias. Este processo fortaleceu até hoje a parceria da escola- família e adotamos o meio online como estratégia atual de comunicação.

#### 4. CONCLUSÕES/CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através de toda explanação sobre como conduzimos o trabalho, concluímos que a parceria da escola e da família, sempre será uma mola propulsora de vínculos. Isto, comprova a eficiência do papel da coordenação pedagógica.

#### 5. REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. *Por amor e por força: rotinas na educação infantil*. Porto Alegre: Artmed, 2006.



## PESQUISA COM CRIANÇAS: AS POSSIBILIDADES NO CMEI IRENE LISBOA

Cleitânia Florêncio da Silva dos Santos<sup>54</sup>

Este trabalho trás um relato de experiência em uma escola da infância, a partir da vivência com o tema de pesquisa. Ele destaca, a importância de dar vez e voz às crianças e o quanto a participação delas é fundamental no processo de ensinar e aprender.

**Palavras-chave:** Educação. Criança. Infância.

### 1 INTRODUÇÃO

A Educação Infantil é uma etapa da educação básica essencial para o desenvolvimento das crianças, em que nós educadores compreendemos nosso importante papel. A escola da infância é um espaço de interações e experiências no qual os sujeitos se constituem. Dessa forma, o tema de pesquisa abordado nesse trabalho foi desenvolvido em uma turma de crianças da educação infantil, com faixa etária de 3 anos. O principal objetivo é elencar o protagonismo das crianças, a participação e o desenvolvimento por meio da vivência com a pesquisa.

### 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

Sabendo da importância da pesquisa nas escolas da infância, este trabalho apresenta um recorte de um tema de pesquisa vivenciado pelas crianças no CMEI Irene Lisboa. Segundo Rêgo (1999, p. 68):

O tema de pesquisa deve partir das curiosidades das crianças e consequente envolvimento do grupo, onde vai se constituindo em objeto de estudo, à proporção que os questionamentos vão sendo elucidados [...] nesse sentido, o tema de pesquisa não se

---

<sup>54</sup> Professora do CMEI Irene Lisboa

XX ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL / II ENCONTRO NACIONAL DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL. NATAL-RN, 2023. CADERNO DE PROGRAMAÇÃO E ANAIS DO EVENTO.



constitui só num aglutinador de conhecimentos sobre o assunto, mas acima de tudo em um provocador de construção/ampliação/resgate de conhecimentos significativos.

Assim, o tema de pesquisa sugerido pela turma foi “boi”, tema que desencadeou a vivência de diferentes propostas realizadas com a turma. Através do processo de eleição, a turma escolheu o tema e a partir das curiosidades sobre o boi, foi dado início as pesquisas. Através desse tema, foi possível a realização de diferentes atividades que contribuíssem para a construção de novos saberes das crianças, além de promover a participação das famílias em diversos momentos de seu desenvolvimento.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao considerarmos que as crianças são seres únicos em sua completude, entendemos a importância da Educação Infantil em proporcionar esse espaço de fala e voz. O trabalho com a metodologia do tema de pesquisa oportuniza as crianças o momento de falar e ser ouvido. Dessa forma durante todo o estudo do tema eleito pela turma, as crianças tiveram contato com a pesquisa, vivenciaram diferentes atividades e ampliaram seus conhecimentos de forma significativa, pois acreditamos que as escolas da infância são esse espaço da curiosidade, pesquisa e do acolhimento.

### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, finalizamos o estudo com a exposição das atividades desenvolvidas durante toda a pesquisa e com uma apresentação cultural para toda comunidade escolar.

### 5 REFERÊNCIAS

RÊGO, Maria Carmem Freire Diógenes. O currículo em movimento. Natal: EDUFRN, 1999. (Caderno Faça e conte)



## ACOLHER PARA EDUCAR: UMA ANÁLISE ACERCA DAS CONCEPÇÕES E PRÁTICAS SOBRE O ACOLHIMENTO DAS CRIANÇAS NO INÍCIO DA VIDA ESCOLAR

Josenaide Isabel dos Santos Silva

**Palavras-chave:** Acolhimento. Educação Infantil. Concepções.

### 1 INTRODUÇÃO

Neste estudo buscamos refletir acerca das concepções e práticas de professoras da Educação Infantil sobre o acolhimento de crianças no início da vida escolar, com o intuito de compreender sobre a importância do acolhimento na Educação Infantil, como proposição de uma relação saudável e sólida entre a criança, a professora e a escola.

### 2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

O acolhimento deve ser uma ação pedagógica planejada diariamente pelo professor, e a escola é um espaço com o papel de criar condições para que os alunos se envolvam em atividades que garantam seu desenvolvimento, buscando, manter uma postura amigável, confiante e otimista diante dos desafios que surgirem na vida da criança.

Não apenas as crianças, mas pessoas de todas as idades são mais felizes e mais capazes de melhor exercitar seus talentos quando seguros de que, atrás de si, há uma ou mais pessoas em quem confiam e que lhes darão ajuda em caso de necessidade. A pessoa em quem se confia representa base segura para ação. (BOWLBY, 2004, p.431)

A pesquisa foi realizada por meio de questionários semiestruturados com quatro profissionais da creche, explorando os seguintes aspectos: formação, atividades e práticas com o acolhimento das crianças.





### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a devolutiva dos questionários, realizamos a análise dos dados adquiridos, sendo possível perceber em suas respostas que as participantes possuem um conhecimento adquirido por meio da vivência em sala de aula com as crianças, além de pesquisas realizadas sobre o acolhimento infantil com o intuito de conhecer mais e melhorar sua prática pedagógica.

Nas falas das participantes também é possível perceber como a relação entre família e escola pode contribuir para esse momento de acolhimento da criança nos primeiros anos de sua vida escolar, já que este período é cercado por um processo desafiador, doloroso, particular, rodeado pelas mais complexas ações e reações por parte das crianças. Também é possível notar que elas reconhecem a importância do acolhimento para o desenvolvimento e bem-estar escolar e social da criança.

### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final da pesquisa evidenciamos a importância de se conhecer sobre as práticas de acolhimento utilizadas em sala de aula, como ocorrem e se estão servindo para que as crianças se sintam acolhidas, como também, a fundamental importância de haver diálogos sobre o tema, visto que o acolhimento infantil deve ser realizado de maneira particular, buscando compreender o indivíduo que está inserido nesse local.

### 5 REFERÊNCIAS

BOWLBY, John. Coleção Apego e Perda: Separação: angústia e raiva. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.



## EDUCAÇÃO NÃO COMBINA COM LIXÃO

Andrea Kátia Bezerra da Silva<sup>55</sup>

Denise Medeiros Dantas<sup>56</sup>

**Palavras-chave:** Educação Infantil. Meio Ambiente. Preservação ambiental. Lixão.

### 1 INTRODUÇÃO

Ao assumirmos a gestão do CMEI Professora Stella Lopes da Silva em janeiro de 2022, nos deparamos com um lixão localizado no entorno do CMEI. Eram muitos os transtornos causados ao ambiente escolar, que além do mal cheiro e da presença de urubus, atraía para a instituição uma quantidade enorme de insetos, o que tornava o ambiente insalubre. Na primeira reunião de pais, realizamos avaliação por escrito perguntando os pontos positivos e negativos do CMEI, e no exposto, o lixão foi um dos pontos negativos mais elencados pelos pais. Diante deste cenário, buscamos realizar estratégias que possibilitassem a mudança dessa realidade, educando em relação aos impactos que nós seres humanos temos causado ao planeta e a urgência da preservação ambiental. Desenvolvemos ações de conscientização e mobilização social com o objetivo de revitalizar o espaço do lixão e transformá-lo em um espaço limpo e agradável para toda a comunidade, o que contribuiu para mostrar o papel transformador da educação, pois “Educação não transforma o mundo, educação muda as pessoas, pessoas transformam o mundo”. (FREIRE, 1999). Ultrapassamos os muros do CMEI, unindo todos em prol do bem comum e da tão sonhada Educação Pública de qualidade; foram muitas mãos e muitos parceiros para que este sonho fosse uma realidade.

### 2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Iniciamos elaborando o projeto “Folclore e Meio Ambiente: educação não combina com lixão”, trabalhando questões do meio ambiente relacionadas aos personagens de nosso folclore denominados defensores da natureza, a partir do projeto foi elaborada a peça “os defensores da natureza”, nesta os personagens de nosso folclore se uniu para proteger o CMEI dos carroceiros e feirantes que jogavam o lixo no terreno ao lado do CMEI. A peça foi realizada no espaço do lixão para chamar

<sup>55</sup> [andreak.b.spedagoga@hotmail.com](mailto:andreak.b.spedagoga@hotmail.com)

<sup>56</sup> [denise.dantas.rn@gmail.com](mailto:denise.dantas.rn@gmail.com), Prefeitura Municipal do Natal- PMN



a atenção da comunidade local para a realidade a qual estávamos vivendo, toda a comunidade escolar participou e protestou com cartazes e palavras de ordem. Durante o processo firmamos muitas parcerias, além da vizinhança e comunidade escolar, contamos com órgãos públicos, associações e ONG's. Finalmente, no dia 03 de junho de 2022 fizemos o mutirão que ficou denominado como erradicação do lixão, neste dia limpamos o terreno, plantamos mudas e pneus, pintamos e colamos faixas, foi um dia inteiro de muito trabalho conjunto. Após a ação, cada turma do CMEI adotou uma planta para cuidar e estudar, atualmente realizamos um trabalho de manutenção, no qual as crianças estão constantemente indo ao local cuidar das plantas, agora é acompanhar o crescimento delas.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A gestão sonhou e junto a todos conseguiu realizar, graças ao comprometimento de funcionário, professores, alunos, pais e parceiros conseguimos erradicar o lixão. A associação de carroceiros da cidade do Natal, veio fazer palestras e mostrar a importância de contratar carroceiros associados, pois estes atendem e não colocam lixo em lugares inapropriados. A Guarda municipal é grande parceira, fez a segurança e continua fiscalizando o local, a ONG Arboriza Natal doou mudas e nos orientou sobre o plantio das mesmas no terreno, a Urbana, semanalmente vinha realizar a limpeza do terreno e o SINDLIMP nos forneceu materiais para a pintura dos pneus. Como dito antes, foi necessário muitas mãos unidas, tornando possível o que diziam ser impossível.

### 4 CONCLUSÕES/CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hoje temos um ambiente saudável e agradável. É possível fazer as refeições no refeitório sem a presença de moscas como antes, o ar que respiramos é puro, totalmente diferente de outrora, aprendemos muito sobre sustentabilidade, coleta seletiva, preservação do meio ambiente e reciclagem. As aprendizagens e vivências foram tão significativas que o projeto se tornou uma meta permanente de nosso CMEI.

### 5 REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. Educação como prática de liberdade. 23a Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.



## A BRINCADEIRA QUE NORTEIA: A PROPOSTA PEDAGÓGICA E SUAS IMPLICAÇÕES NO BRINCAR

Maria Laudeíres de Souza Gadelha<sup>57</sup>  
Blenda Carine Dantas de Medeiros<sup>58</sup>

**Palavras-chave:** Proposta Pedagógica. Brincar. Educação Infantil.

### 1 INTRODUÇÃO

O Ministério da Educação (2009), afirma que a proposta pedagógica deve considerar a criança como sujeito histórico e de direitos, em que através das interações, em suas relações e nas práticas cotidianas, podem construir uma identidade tanto pessoal, quanto coletiva.

A análise da proposta pedagógica do NEI/Cap se baseia nos princípios destacados anteriormente e na literatura histórico-cultural, com ênfase no acesso das crianças ao brincar e como isso se dispõe na proposta estabelecida para a Educação Infantil do referido Núcleo.

### 2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

A proposta foi analisada de acordo com as diretrizes do MEC a respeito da construção do plano pedagógico. Simultaneamente também foi observado a rotina das crianças de turma específica e suas brincadeiras.

Brougère (1998) destaca que apesar das regras já existirem, as crianças possuem a liberdade de aceitar, modificar ou ignorá-las. Isto será influenciado também pelo contexto na qual a criança se encontra, tal qual com quem ela brinca.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Observando a proposta pedagógica, juntamente com as práticas do brincar do NEI/Cap, é possível mapear esses eixos norteadores que definem como essa

---

<sup>57</sup>Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Bolsista de pesquisa PIBIC/CNPq entre Abril e Junho de 2023. E-mail: laudeires.gadelha@gmail.com

<sup>58</sup>Doutora em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista – UNESP. Professora EBTT do Núcleo de Educação da Infância, Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – NEI-Cap/UFRN. E-mail: blendamedeiros@nei.ufrn.br.

XX ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL / II ENCONTRO NACIONAL DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL. NATAL-RN, 2023. CADERNO DE PROGRAMAÇÃO E ANAIS DO EVENTO.



aplicação influencia na forma que as crianças agregam conhecimentos em sala de aula. Sendo assim, a proposta segue os padrões estabelecidos pelo MEC e entra nas concepções dos estudos sobre o brincar e sua importância no desenvolvimento infantil.

Portanto, a forma na qual o professor pode intervir em alguma brincadeira vai definir o direcionamento dela. Bomtempo (1997) afirma que o professor deve revitalizar e explicar o brincar e não dirigir as brincadeiras. Se esse direcionamento acontece, a brincadeira perde o sentido, pois essa deve ser espontânea.

#### 4 CONCLUSÕES/CONSIDERAÇÕES FINAIS

A utilização da brincadeira como recurso de aprendizagem representa um investimento na motivação das crianças, permitindo que adquiram conhecimento por meio dessa abordagem no contexto escolar. Nesse sentido, é fundamental observar como os alunos brincam e determinar se existe espaço adequado para a brincadeira, a fim de compreender as diferentes fases do desenvolvimento infantil. As propostas oferecidas pelo Núcleo educacional contemplam esses aspectos, visando ajustar-se de maneira satisfatória à rotina das crianças na pré-escola.

#### 5 REFERÊNCIAS

- BOMTEMPO, E.; HUSSEIN, C. L.; ZAMBERLAN, M. A. T. **Psicologia do brinquedo: aspectos teóricos e metodológicos**. São Paulo: Editora da USP Nova Stella, 1986.
- BROUGÈRE, G. **Jogo e educação**. Porto Alegre: Artes médicas. 1998.
- Resolução CNE/CEB 5/2009. **Diário Oficial da União**. Brasília, 18 de Dezembro de 2009b, Seção 1, P. 18.
- VIGOTSKI, L. S. **A Brincadeira e o seu papel no Desenvolvimento Psíquico da criança**. Trad. Zoia Prestes. Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais, n. 11, p. 2336, jun., 2008.



## **BORBOLETÁRIO: VIVENCIANDO A METAMORFOSE DAS BORBOLETAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL.**

Danielle Patrício Dos Santos<sup>59</sup>  
Denisia Brito de Sousa<sup>2</sup>

O trabalho relata a experiência ocorrida em uma Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) em Juazeiro do Norte- Ce. Uma vivência na área do meio ambiente, ao perceber a necessidade de enriquecer o ambiente de aprendizado das crianças e possibilitando novos elementos de investigação como a metamorfose das borboletas, tornando as crianças protagonistas desse processo. Durante os momentos de descobertas realizamos a construção de um borboletário, onde as crianças passaram a fazer uso desse espaço com mais propriedade e autonomia.

**Palavras-chave:** Borboletário. Natureza. Educação Infantil.

### 1 INTRODUÇÃO

A pesquisa deve ser desenvolvida constantemente na educação infantil e assim proporcionar às crianças vivências que tragam a compreensão do ambiente em que estamos inseridos. O relato de experiência aconteceu com crianças de duas turmas do infantil V, com idades de 5 a 6 anos em uma escola municipal da rede pública do Ceará, teve como objetivo vivenciar a metamorfose da borboleta e a construção de um borboletário na escola, possibilitando às crianças um aprendizado mais significativo e a transformação do espaço de aprendizagem. Desafiando os professores a contextualizar o processo de ensino e aprendizagem, a fim de viabilizar as interações entre adultos e crianças de forma prazerosa. De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996)

---

<sup>59</sup> Professora de educação infantil / Graduada em Pedagogia e pós graduada em Educação Infantil pela Universidade Regional do Cariri (URCA)

<sup>2</sup> Professora de educação infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental/ Graduada em Pedagogia pela Universidade Vale do Acaraú (UVA). Graduada em História e Pós graduada em Língua Portuguesa pela Universidade Regional do Cariri (URCA). Mestre em Políticas e Administração De Educadores pela Universidade Aberta do Brasil (UAB).



## 2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Partindo da necessidade de trabalhar com elementos não convencionais e concretos, viabilizando as interações das crianças com a natureza, buscamos instigá-los a refletir e observar as transformações diante do ciclo de vida da borboleta os quais possibilitaram a observação e questionamento das fases da metamorfose, desde presenciar o momento em que a borboleta coloca ovos em baixo da folha do maracujá, até encontrar casulos. O Borboletário possibilitou vivenciar cada fase. Plantamos maracujazeiros para atrair borboletas transformando o ambiente e o espaço de aprendizagem, tais como: criação de textos, jogos, histórias e atividades contextualizadas com as vivências.

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A realização desta experiência atingiu os objetivos propostos, tais como o processo investigativo e reflexivo na busca por conhecimento, ampliação do vocabulário das crianças e interesse por histórias e atividades relacionadas a experiência, tornou o aprendizado significativo. Transformação do espaço com o borboletário e variedades de plantas, viabilização das práticas pedagógicas articuladas as experiências e os saberes da criança no processo investigativo de observação da metamorfose.

## 4 CONCLUSÕES/CONSIDERAÇÕES FINAIS

Favorecimento de novas metodologias valorizando as múltiplas linguagens dentro do ambiente escolar, empregando novas ferramentas de aprendizagens com elementos naturais sendo a criança protagonista do processo de transformação, desde a plantação e preservação das plantas para atrair as borboletas e construir um borboletário. Aprofundar estudos de tipos de plantas e variações de espécies de borboletas, apreciar insetos e sua importância na produções de flores e frutos, preservando o ambiente para continuar o projeto com futuras turmas.

## 5 REFERÊNCIAS

BRASIL, LDB. Lei 9394/96- **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Câmara dos Deputados. Brasília 2017.



Brasil (1998) Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Vol.1 Brasília: MEC/SEB.  
Brito,Denisia. **O incrível borboletário de Dany**. 1.ed.Juazeiro do Norte: Perim 2022.





## O QUE DIZEM AS(OS) PROFESSORAS(ES) SOBRE PLANEJAMENTO E ORGANIZAÇÃO DE AMBIENTES DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL?

Ana Maura Tavares dos Anjos<sup>60</sup>

Ana Maura Tavares dos Anjos<sup>61</sup>

Érica Eva Jucá de Freitas<sup>62</sup>

**Palavras-chave:** Ambientes de aprendizagem. Prática pedagógica. Educação Infantil.

### 1 INTRODUÇÃO

O estudo objetivou investigar as implicações da organização dos ambientes na prática pedagógica das (os) professoras(es), bem como perceber a relação dessa organização na aprendizagem e no desenvolvimento das crianças. Nesse sentido nosso estudo pretende responder aos seguintes questionamentos: quais são os critérios norteadores para a organização dos espaços das salas de atividades na Educação Infantil? A organização dos ambientes tem implicações na aprendizagem e no desenvolvimento das crianças? Isto posto, para refletirmos teoricamente sobre o referido tema, nos ancoramos nos estudos de Ostetto (2000), Barbosa (2008) e Forneiro (1998). Do ponto de vista normativo, nos fundamentamos na resolução nº 05/2009 e das DCNEIs (2010).

### 2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Nossa pesquisa, de natureza qualitativa, utilizou como instrumento de coleta de dados, um questionário tipo aberto e virtual. O instrumento construído na plataforma do *Google* foi aplicado junto a dezesseis professoras que atuam na Educação Infantil em uma escola pública localizada no município de Itapiúna, no interior do Ceará.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

---

<sup>60</sup> Mestre e doutora em Educação. Professora da rede municipal de ensino de Itapiúna-CE.

<sup>61</sup> Pedagoga, psicóloga, mestre e doutora em Educação. Professora da rede municipal de ensino de Itapiúna-CE.

<sup>62</sup> Formada em Filosofia e graduanda em Pedagogia. Professora da rede municipal de ensino de Itapiúna-CE.



As vozes das professoras revelam que os critérios norteadores para o planejamento e a organização dos espaços da sala de atividades estão elencados: 1. na compreensão das crianças como sujeitos socio históricos e protagonistas de desenvolvimento e de aprendizagem; 2. na busca pela garantia dos direitos de aprendizagem e de desenvolvimento e; 3. nas interações e brincadeiras como dimensões basilares no trabalho com as crianças na Educação Infantil.

#### 4 CONCLUSÕES/CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo revela que a organização dos ambientes tem implicações na aprendizagem e no desenvolvimento das crianças e em sua prática pedagógica possibilita as crianças a interagir, expressar suas ideias, compartilhar brinquedos a usar a imaginação, a ter segurança de si mesma ao participar da realização das experiências.

#### 5 REFERÊNCIAS

- OSTETTO, Luciana Esmeralda (Org.). **Encontros e encantamentos na educação infantil**: partilhando experiências de estágios. Campinas: Papyrus, 2000.
- BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Por amor & por força**: rotinas na Educação Infantil. Campinas, SP, 2008.
- FORNEIRO, L. I. A organização dos espaços na educação Infantil. In: ZABALZA, M. A. **Qualidade em educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 1998.



## QUE SALA É ESSA? UMA REFLEXÃO SOBRE OS CONTEXTOS INVESTIGATIVOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL.

Elidiane Almeida Barros Feliciano<sup>63</sup>

**Palavras-chave:** Contextos Investigativos. Educação Infantil. Criatividade.

### 1 INTRODUÇÃO

Entende-se por contextos investigativos a forma como planejamos modos de apropriação dos espaços para/pelas crianças.

Neste trabalho objetivamos refletir sobre a utilização dos contextos investigativos como instrumento potencializador da imaginação e criatividade das crianças na Educação Infantil.

Trata-se de um relato de experiência que aconteceu durante o segundo semestre do ano de 2021, com uma turma de 25 crianças na faixa etária entre 5 e 6 anos de idade, em um centro infantil municipal na cidade de Parnamirim-RN, durante o período de retorno das aulas presenciais pós-pandemia.

Quando voltamos para o contexto presencial, sabíamos que as crianças precisavam se adaptar à nova realidade da escola com todo o protocolo de segurança e que a brincadeira deveria ser o foco principal das nossas ações, a “atividade-guia”, (PRESTES, 2016, p. 29), precisávamos pensar em estratégias para estreitar os vínculos fora das telas.

### 2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Para fundamentar a discussão, trazemos o conceito de Mariotti et al. acerca dos contextos investigativos: “são convites para um encontro empático, para assumir uma atitude curiosa, fazer perguntas, levantar hipóteses, experimentar, aprofundar-se... Apoiar percursos e processos de aprendizagem” (MARIOTTI, 2017, P.154).

Buscamos também evidenciar a concepção de criança como como ator social, portador de novidade e produtor de cultura (SARMENTO, 2004), valorizando seus interesses e priorizando a observação atenta dos momentos de brincadeiras.

Para iniciar o trabalho com contextos investigativos, escolhemos o momento da acolhida para organizar convites para brincar: pistas para carros, faz de conta de casinha, blocos de encaixe, materiais não estruturados, etc. Para cada dia, um espaço planejado e convidativo para promover experiências brincantes além das que as crianças estavam habituadas.

---

<sup>63</sup> Pedagoga Especialista em Educação Infantil (UFRN), Prefeitura Municipal de Parnamirim. XX ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL / II ENCONTRO NACIONAL DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL. NATAL-RN, 2023. CADERNO DE PROGRAMAÇÃO E ANAIS DO EVENTO.



### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os momentos de brincadeira em contextos investigativos se desdobraram em novas possibilidades, dentre as inúmeras, queremos destacar uma: transformamos nossa sala em uma lanchonete, ideia que surgiu de uma criança durante uma brincadeira de faz de conta e que foi materializada com ajuda da professora, famílias e funcionários da escola.

Inicialmente planejamos nossas ações discutindo na roda qual seria o nome da lanchonete, o cardápio e preços dos produtos que seriam vendidos, bem como em que local da sala ficaria. Houve uma votação e o nome escolhido foi “Lanchonete do pastel”.

Em um segundo momento confeccionamos a placa da lanchonete e o cardápio e com colaboração das famílias selecionamos utensílios. Realizamos um dia especial com culinária de pastel de verdade e produzimos massinha caseira para confeccionar os produtos do cardápio.

Durante as brincadeiras, as próprias crianças definiam os papéis de cada um: caixa, cozinheiros, garçons e clientes. Também convidamos crianças e professoras de outras turmas.

Esta experiência, além de nos mostrar a importância da brincadeira de faz-de-conta, deixa explícita a necessidade de nós, professores, estarmos junto das crianças, atentos para as brincadeiras, para o que eles conversam enquanto brincam, para aquilo que muitas vezes é ocultado pela rotina e passa despercebido.

### 4 CONCLUSÕES/CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos que as crianças sentiram-se acolhidas e tornaram-se mais falantes e participativas, opinando sobre o planejamento e organizando novos espaços para brincadeiras, muitas vezes sem ajuda da professora. Foi uma experiência tão exitosa que temos adotado essa prática até os dias atuais. Os contextos investigativos são ferramentas potencializadoras da criatividade e imaginação na infância.

Que sigamos, estando com as crianças efetivamente, com o cronômetro da rotina zerado (CARVALHO, 2021), saindo da posição de adulto detentor do saber e ouvindo o que elas têm para contar. Que nossos pequenos sejam livres para brincar, para explorar os espaços, que mostrem suas potencialidades, que criem e reinventem brinquedos e brincadeiras. Isso é muito mais importante!



## 5 REFERÊNCIAS

CARVALHO, Rodrigo Sabala. O extraordinário na docência com crianças na Educação infantil. In: SANTIAGO, Flávio; MOURA, Taís Aparecida de. [Orgs.] **Infâncias e docências: descobertas e desafios de tornar-se professora e professor**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021.

MARIOTTI, Ana Teresa G. A. M.; CANTELLI, Valéria C.B.; PEREIRA, Roberto. **Do projetar o contexto investigativo ao maravilhar-se: quais caminhos seguir?** 1. ed. Campinas, SP : 148 Educação, 2017.

PRESTES, Z. A brincadeira de faz de conta e a infância. **Revista Trama Interdisciplinar**, [S. l.], v. 7, n. 2, 2016. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tint/article/view/9807>. Acesso em: 23 nov. 2022.

SARMENTO, Manuel Jacinto. “As Culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade”, in M-J. Sarmiento, e A. B. Cerisara, (Coord.), **Crianças e Miúdos. Perspectivas sociopedagógicas sobre infância e educação**. Porto. Asa. (9-34), 2004



## INSERÇÃO E ADAPTAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Bárbara Rainara Maia Silva<sup>64</sup>  
Maria José Campos Ferreira<sup>65</sup>

**Palavras-chave:** Inserção. Adaptação. Educação Infantil.

### 1 INTRODUÇÃO

Esse trabalho tem por objetivo descrever algumas estratégias utilizadas no processo de inserção/adaptação das crianças da Turma 1 (vespertino) da Educação Infantil do Núcleo de Educação da Infância, Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (NEI-CAp/UFRN).

Tomamos como base a concepção defendida a respeito do processo de inserção/adaptação das crianças na proposta pedagógica da instituição que toma como referência autores como: Balaban (1988); Ortiz e Carvalho (2012); Post e Hohmann (2007); Rossetti-Ferreira (2011) e Santos (2003).

Santos (2003) destaca que esse processo “implica novas posturas de familiares/responsáveis, conquistas para as crianças e um atento trabalho pedagógico”.

### 2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Mediante a compreensão da importância da inserção/adaptação, algumas estratégias são adotadas: reuniões individuais entre familiares/responsáveis e docentes antes da entrada das crianças; reunião coletiva; momentos de escuta e acolhimento de familiares/responsáveis pela coordenação; horários reduzidos de permanência das crianças na instituição; divisão da turma em pequenos grupos ao longo das três primeiras semanas, de modo que as atividades eram vivenciadas dentro desses pequenos grupos até posteriormente a turma inteira se reunir; presença de familiares/responsáveis em sala, junto às crianças, seguido de um distanciamento gradativo à medida em que elas passaram a se sentir mais seguras neste novo ambiente. O envio de slides com foto e nome de todas as crianças e professoras, para as famílias apresentarem as crianças, permitiu que, ao chegarem ao NEI, elas se reconhecessem, possibilitando a construção de um sentimento de pertencimento a este lugar.

A rotina flexível, permeada pelas interações e brincadeiras, foi pensada com ações voltadas para acolhimento e teve marcadores de tempo definidos (roda,

<sup>64</sup> Professora, Mestra em Educação Brasileira. Núcleo de Educação da Infância (NEI-CAp/UFRN).

<sup>65</sup> Professora, Mestre em Educação Especial. Núcleo de Educação da Infância (NEI-CAp/UFRN).



lanche, parque).

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A inserção/adaptação foi marcada por descobertas, curiosidades e insegurança frente aos novos desafios que se apresentavam, tanto para as crianças quanto para suas famílias.

### 4 CONCLUSÕES/CONSIDERAÇÕES FINAIS

As crianças foram nos percebendo como organizadoras do trabalho. Elas nos procuram quando têm alguma dificuldade/necessidade, já transitam em outros espaços da instituição com segurança, reconhecem seu material de uso pessoal e coletivo, ajudam na organização da sala e outros espaços, demonstram maior autonomia e apresentam avanços na oralidade. As estratégias adotadas possibilitaram às crianças (re)elaborarem seus sentimentos, se sentirem seguras no ambiente escolar, compreenderem seu modo de organização e construir vínculos positivos.

### 5 REFERÊNCIAS

- BALABAN, Nancy. **O início da vida escolar: da separação à independência**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.
- NÚCLEO DE EDUCAÇÃO DA INFÂNCIA. **Proposta Pedagógica**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2022
- ORTIZ, Cisele; CARVALHO, Maria Teresa Venceslau de. **Interações: ser professor de bebês – cuidar, educar e brincar uma única ação**. São Paulo: Blucher, 2012. (Coleção Interações)
- POST, Jacalyn; HOHMANN, Mary. **Educação de bebês em infantários: cuidados e primeiras aprendizagens**. Fundação Calostre Gulbenkian, Lisboa, 2007.
- ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde T; MELLO, Ana Maria; VITORIA, Telma; GOSUEN, Adriano; CHAGURI, Ana Cecília. **Os fazeres na educação infantil**. São Paulo: Cortez, 2011.
- SANTOS, Adele Guimarães Ubarana. **Adaptação: O olhar do professor sobre as múltiplas facetas desse processo**; 2003; Trabalho de Conclusão de Curso; (Graduação em Pedagogia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte.



## O PROJETO DO CARACOL: RELATO DE PRÁTICA COM CRIANÇAS DE CRECHE

Lêda de Cássia Garção Moura<sup>66</sup>

**Palavras-chave:** Caracol. Relato de prática. Projeto. Educação Infantil.

### 1 INTRODUÇÃO

No presente trabalho, temos por pretensão fazer um relato de uma experiência em uma turma de crianças de 2 e 3 anos, de um Centro da rede municipal de Parnamirim. Trataremos de um projeto, datado do início de 2022, período propício à proliferação do caracol, nosso objeto de estudo. As crianças estavam experimentando a transição casa/instituição pela primeira vez e foi a sua primeira experiência de pesquisa por projeto.

### 2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Nossa prática se pauta na concepção de criança enquanto sujeito ativo na interação, mediada por outros mais capazes, sendo o professor este outro responsável pelos processos de ensino-aprendizagem sistematizadas na Educação Infantil (BRASIL, 2010; VIGOTSKI, 2007). Por outro lado, as infâncias são múltiplas e as aprendizagens se dão por meio de experiências nas situações concretas a que a criança tem acesso se dão sobre dois eixos: as interações e a brincadeira, sendo o currículo organizado em nossa prática segundo a metodologia de projetos (BARBOSA; HORN, 2008).

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O projeto surgiu no espaço externo, quando as crianças observaram os muitos caramujos no local. A partir daí algumas questões que surgiram foram sistematizadas com nossa mediação: será um caramujo ou um caracol? O que ele come? Será que o

---

<sup>66</sup> Professora Mestranda do Programa de Pós-graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

XX ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL / II ENCONTRO NACIONAL DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL. NATAL-RN, 2023. CADERNO DE PROGRAMAÇÃO E ANAIS DO EVENTO.





caramujo morre se pisarmos nele? Onde mora? Como é seu corpo? O caramujo faz xixi e cocô?

Fizemos, juntos, pesquisas no Google, observamos muito o caracol (seu nome devido), tateamos sua concha, discutindo sobre do que ela seria feita, experimentamos seus alimentos preferidos e alimentamos o animal, observamos a lesma, tentando encontrar semelhanças/diferenças etc. Ao longo do projeto realizamos muitos registros em desenho, textos coletivos, fotos e vídeos.

Ao final, escolhemos imagens que contam a história vivida para expor à comunidade.

#### 4 CONCLUSÕES/CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho com projetos proporciona ao grupo como um todo um fio condutor para as situações de aprendizagem, dando um sentido ao vivido, bem como aprofunda conhecimentos científicos e culturais.

A participação ativa das crianças reorganizou nosso planejamento possibilitando o aparecimento de novas questões e o abandono de algumas questões iniciais.

Além disso, tanto durante, como ao final, percebemos que as crianças demonstravam interesse em falar e perguntar, modelar e desenhar, brincar de faz de conta e ler o mural com nossos registros, experienciando o processo investigativo.

#### 5 REFERÊNCIAS

- VIGOTSKI, Lev S. **A formação social da mente**. São Paulo: Cortez, 2007.
- BRASIL. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil. In: \_\_\_\_\_. **Diretrizes curriculares nacionais para Educação Básica**. Brasília: MEC/SEB, 2013. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=13448-diretrizes-curriculares-nacionais-2013-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13448-diretrizes-curriculares-nacionais-2013-pdf&Itemid=30192). Acesso em: 14 de set. de 2022.
- BARBOSA, Maria Carmem Silveira; HORN, Maria das Graças Souza. **Projetos pedagógicos na Educação Infantil**. São Paulo: Grupo A, 2008.



## DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA: DIÁLOGOS ENTRE MADALENA FREIRE E LORIS MALAGUZZI

Lêda de Cássia Garção Moura<sup>67</sup>  
Denise Maria de Carvalho Lopes<sup>68</sup>

**Palavras-chave:** Educação Infantil. Registro. Documentação pedagógica.

### 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho é parte de uma pesquisa que tematiza a documentação pedagógica e as práticas desenvolvidas por professoras na Educação Infantil. A documentação pedagógica vem se configurando como uma prática central no cenário acadêmico e pedagógico, sobretudo na educação de crianças de zero a cinco anos. Entretanto, as significações acerca de sua constituição ainda são marcadas por desconhecimentos e diferentes conceitualizações. Compreendendo que as práticas e seus significados são sociais e históricos (BAKHTIN, 2003), buscamos compreender a constituição histórica dessa prática, o que nos leva a articulações entre produções de Madalena Freire e Loris Malaguzzi relativas a processos de registro da prática pedagógica.

### 2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

O estudo se orienta por uma perspectiva qualitativa em diálogo com princípios sociohistóricos de Bakhtin (2003) e Vigotski (2007) segundo os quais os objetos se constituem em relação com seus contextos e se materializam como produção de significações-sentidos. A presente discussão tem, por base, um estudo teórico, envolvendo concepções de Loris Malaguzzi e de Madalena Freire.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

---

<sup>67</sup> Professora Mestranda do Programa de Pós-graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

<sup>68</sup> Professora Doutora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e do Programa de Pós-graduação da UFRN.

XX ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL / II ENCONTRO NACIONAL DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL. NATAL-RN, 2023. CADERNO DE PROGRAMAÇÃO E ANAIS DO EVENTO.



Apesar de a discussão sobre a documentação pedagógica estar em grande evidência no nosso país e vinculada, estritamente, à abordagem de Reggio Emilia, desde os anos de 1970, Madalena Freire (1986) preconizava, no contexto da educação infantil, uma perspectiva de trabalho pedagógico como ação-reflexão-ação, considerando a criança como sujeito (inter)ativo, a aprendizagem como interação mediada com a cultura, o currículo organizado por projetos, a avaliação como parte do fazer docente e a relevância da documentação da prática por múltiplos registros para a reflexão do professor. Essa perspectiva aproxima-se das proposições de Loris Malaguzzi em relação à documentação pedagógica, bem como com os apontamentos de C. Freinet, referências dos dois autores. Os relatos de M. Freire revelam práticas de observação e registro que se assemelham com a “escuta visível” tal como é definida a documentação pedagógica em Reggio Emilia (EDWARDS et al., 2016).

#### 4 CONCLUSÕES/CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aproximação entre as produções de M. Freire e L. Malaguzzi dá visibilidade a práticas que dialogam entre si quando observados em seus pressupostos e procedimentos e, por sua vez, possibilita ampliar as referências para compreender a documentação pedagógica para além da influência italiana.

#### 5 REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. Metodologia das ciências humanas. In: \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Coleção Biblioteca Universal).
- EDWARDS, Carolyn et al. (Orgs.). **As cem linguagens da criança: a experiência de Reggio Emilia em transformação**. v.2. Porto Alegre: Penso, 2016.
- FREIRE, Madalena. **A paixão de conhecer o mundo**. 10.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- VIGOTSKI, Lev S. **A formação social da mente**. São Paulo: Cortez, 2007.



## FORMIGUINHA, FORMIGONA

Marijanne Lucia Tinoco<sup>69</sup>  
Isabel Cristina de Lima Silva<sup>70</sup>  
Rosilda Maria da Silva<sup>71</sup>

**Palavras-chave:** 1. Educação Infantil; 2. Projeto Pedagógico; 3. Formiga.

### 1 INTRODUÇÃO

Esse trabalho se caracteriza por um relato de experiência vivenciado em uma turma de nível III, com crianças de 4 e 5 anos no CMEI Prof.<sup>a</sup> Marilanda Bezerra de Paiva, localizado no Bairro Guarapes, Zona Oeste de Natal/RN. A turma é composta por 25 crianças e, dentre elas, um menino com Transtorno do Espectro Autista. O desenvolvimento da pesquisa foi durante os meses de julho a setembro de 2022. Partindo desse contexto, esse relato contará o percurso e os resultados da pesquisa junto com as crianças no decorrer desse período.

### 2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

O CMEI Marilanda tem sua metodologia de trabalho fundamentada na Pedagogia de Projetos. Barbosa e Horn (2008) evidenciam que nessa forma de trabalhar as crianças se destacam como participantes ativas de todo o processo, até mesmo na escolha do tema a ser pesquisado.

Esse trabalho, então, tem por metodologia o relato de vivência, no qual descreverá os caminhos da pesquisa desenvolvida na turma.

O tema surgiu a partir do interesse das crianças nas formigas do parque, percebendo esse interesse, perguntamos se elas gostariam de estudar sobre as formigas e as crianças logo responderam que sim. Fizemos o levantamento das ideias prévias, e em seguida os questionamentos, que nortearam nossa pesquisa.

Pesquisar o animal formiga e suas características físicas, habitat, alimentação e reprodução faziam parte do objetivo da pesquisa, assim como refletir sobre a importância da formiga e sua ação na natureza e ampliar o contato das crianças com o meio natural e social, com a exploração de mundo e a preservação da natureza.

Planejamos, assim, experiências significativas e, ao mesmo tempo, lúdicas, para que as crianças compreendessem as informações coletadas.

<sup>69</sup> Educadora Infantil do CMEI Prof.<sup>a</sup> Marilanda Bezerra de Paiva – Prefeitura de Natal/RN.

<sup>70</sup> Coordenadora Pedagógica do CMEI Prof.<sup>a</sup> Marilanda Bezerra de Paiva – Prefeitura de Natal/RN.

<sup>71</sup> Diretora Administrativo-financeira do CMEI Prof.<sup>a</sup> Marilanda Bezerra de Paiva – Prefeitura de Natal/RN.



### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Partindo do questionamento de onde a formiga mora, as crianças começaram a dizer que elas moravam em vários lugares da escola e também em suas casas. Descobrimos realmente existe formiga em todos os lugares do mundo, menos na Antártica e no Ártico. Vimos, também, que as formigas moram no formigueiro, e saímos pela escola procurando por eles.

Além disso, existem muitas espécies de formigas e sim, existe formiga que voa! Quando comparado os diferentes tipos de formigas, as crianças perceberam que existia formigas pequenas e grandes, daí o título do projeto: Formiguinha, Formigona.

Registros diversos foram feitos, cartazes foram confeccionados e expostos na sala para consultas sempre que necessário. Alguns documentários também foram assistidos pelas crianças, assim como filmes e desenhos com a temática da formiga. Fizemos uma lista de coisas que fazem parte da alimentação da formiga, e também um cartaz coletivo sobre a reprodução das formigas.

Um momento muito importante do projeto foi a aula-passeio ao Parque das Dunas, na qual as crianças puderam ver as formigas Tocandiras, uma das maiores formigas do Brasil. Uma bióloga nos acompanhou e explicou muitas coisas sobre os animais que estávamos vendo, além de responder várias perguntas das crianças. Foi um momento riquíssimo, com muita brincadeira, diversão e aprendizado.

Decidimos fazer uma Tocandira bem grandona para expor na sala e outras pequenas de sucata, usando rolinhos de papel higiênico.

Os trabalhos produzidos durante o projeto foram expostos na Festa da Família, um momento que faz parte do calendário da instituição e que a comunidade escolar e convidada a prestigiar as produções das crianças.

### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por se tratar de uma turma de nível III, e estarmos voltando “ao normal” depois da pandemia, para muitas crianças aquele era o primeiro ano escolar. Por isso percebemos que o projeto contribuiu para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita, aspectos socioafetivos e ampliação das relações em sala. Além disso, o trabalho com projetos permitiu que as crianças ampliassem a percepção de mundo e se percebessem como pesquisadoras, capazes de questionar e buscar por respostas.

### 5 REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Carmem Silveira; HORN, Maria da Graça Souza. **Projetos pedagógicos na educação infantil**. Porto Alegre: Grupo A, 2008.

**NÍSIA FLORESTA MINHA CIDADE, MINHA HISTÓRIA: RELATO DE EXPERIÊNCIAS DAS CRIANÇAS SOBRE O LUGAR ONDE VIVEM.**

XX ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL / II ENCONTRO NACIONAL DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL. NATAL-RN, 2023. CADERNO DE PROGRAMAÇÃO E ANAIS DO EVENTO.



Adriana Chaves de Sousa Castro<sup>72</sup>

**PALAVRAS-CHAVE:** Pertencimento. Cultura. Nísia Floresta. Educação Infantil.

## INTRODUÇÃO

Pensar a criança em diferentes contextos, como sujeito histórico e social significa, portanto, pensá-la na história, expressando a sua vitalidade, de modo a se fazer história em diferentes momentos e situações, a fim de compreender a história da qual faz parte.

Diante disso, esse artigo “Nísia Floresta minha cidade, minha história: relato de experiências das crianças sobre o lugar onde vivem” veio por objetivo despertar a sensibilidade e curiosidade nas crianças sobre quem foi Nísia Floresta e o porquê da cidade ter esse nome. Dessa forma, tornando-as capazes de explorar, transformar e provocar mudanças significativas no ambiente em que vive como também instigar o pertencimento do seu município. Visando despertar o interesse pela história, cultura, arte e descoberta de um mundo fascinante em que se encontra Nísia Floresta. Desenvolvendo assim, a compreensão do passado histórico com o conhecimento de mundo que as crianças têm atualmente.

Referente à intervenção pedagógica, a mesma foi desenvolvida mediante a contribuir para a abordagem e sensibilização á respeito de como pode se explorar o pertencimento e a cultura na Educação Infantil.

Diante disso, as atividades foram desenvolvidas respeitando o nível de desenvolvimento das crianças, bem como, o uso de estratégias que considerassem o lúdico, sendo realizada em um ambiente educacional municipal, na cidade de Nísia Floresta - RN. Com 18 crianças de Educação Infantil da faixa etária de 4 e 5 anos. As atividades vivenciadas foram a partir do Projeto: “Nísia Floresta minha cidade, minha história”, no CMEI Maria Palmira de Miranda Galvão Gondim, onde as crianças foram apresentadas sobre a vida e a história de Dionísia Gonçalves Pinto – Nísia Floresta, a mulher, a escritora, a educadora, a abolucionista e a indianista.

## CONCLUSÕES

---

<sup>72</sup> Professora da Educação Infantil no município de Nísia Floresta/RN. [drikey@hotmail.com](mailto:drikey@hotmail.com)



O estudo possibilitou as crianças a ampliarem e organizarem seus conhecimentos a cerca do tema, fazendo-os conhecerem um pouco mais sobre a sua cidade e a história da mesma, através do lúdico.

Vale ressaltar que, as crianças desde cedo, devem ser estimuladas a ouvir sobre a cultura do lugar onde vive em diferentes contextos para que possam fazer a sua própria construção de significado na interação a partir do meio em que vivem. Pois é na Educação Infantil que o educador deve dar às crianças a oportunidade para observar o que está ao seu redor, levando-os a interagir e a pensar sobre o meio em que vivem. Usando a criatividade, imaginação, imagens, curiosidades, entre outros, para que possibilitem as crianças na exploração e compreensão do lugar onde vivem.

Considero que o estudo trará contribuições efetivas, não só para o Cmei onde foi efetivado o estudo, como também para todos profissionais que trabalham com Educação Infantil e que vivenciam esse processo e que acreditam que a Educação Infantil consiste, portanto, em um contexto de vida e de desenvolvimento das crianças.

## REFERENCIAIS

\_\_\_\_\_. Conselho Nacional de Educação. Câmara da Educação Básica. **Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. PARECER CNE/CEB Nº: 20/09. Brasília. DF. 2009.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de educação Fundamental. Referencial curricular nacional para educação infantil / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1998. Volume 1: Introdução; volume 2: Formação pessoal e social; volume 3: Conhecimento de mundo. 1. Educação infantil. 2. Criança em idade pré-escolar. I. Título.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **Visibilidade social e estudo da infância**. I:

VASCOCELLO, Vera Maria Ramos de; SARMENTO, Manuel Jacinto. (org) *Infância (in) visível*. Araraquara: Junqueira & Marin, 2007.

## REFLEXÕES DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARTICIPATIVAS NA EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS PEQUENAS



Roneide Pereira da Cunha<sup>73</sup>

**Palavras-chave:** Educação Infantil. Formação de professores. Práticas Pedagógicas.

## 1 INTRODUÇÃO

Compreender que a infância envolve uma construção social e histórica com descobertas e considerações importantes para o seu contexto em sociedade, se faz necessário para desenvolver o trabalho docente na educação de crianças pequenas. Uma educação infantil de qualidade, emerge de lutas que reverbera nos documentos da legislação educacional, estabelece os direitos da criança como uma afirmação legal em defesa das infâncias. O objetivo foi refletir como envolver as crianças na construção do conhecimento por meio de práticas pedagógicas inovadoras. Promover a organização dos espaços e materiais nas experiências das aprendizagens diárias. Perceber como essas práticas incide na aprendizagem das crianças, destacando a importância da formação contínua para o desenvolvimento pedagógico.

## 2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Realizamos uma pesquisa qualitativa por meio de um estudo de caso numa instituição de Educação Infantil. A coleta de dados aconteceu mediante observações, conversas individuais e coletivas com as crianças e professoras. Compartilho os estudos realizados para aqueles que se fizerem interessados em refletir sobre as práticas pedagógicas participativas na Educação Infantil e a formação de professores. Participaram da pesquisa quatro (04) professoras e seis (06) crianças de duas turmas (Infantil III e IV). A metodologia iniciou com uma conversa com as crianças, para instigar sobre os materiais pedagógicos e acompanhamento do processo de aprendizagem.

---

<sup>73</sup> Coordenadora Pedagógica da Educação Infantil / Graduada em Pedagogia e Especialista em Educação Infantil pela Universidade Regional do Cariri (URCA).

<sup>2</sup> roneidepcunha@hotmail.com

XX ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL / II ENCONTRO NACIONAL DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL. NATAL-RN, 2023. CADERNO DE PROGRAMAÇÃO E ANAIS DO EVENTO.





### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As conversas com as crianças e professoras e o acompanhamento pedagógico nos mostraram que a organização de diferentes materiais e espaços nas investigações das crianças, precisam ser refletidos. Fazer registros da fala e leitura das crianças, perceber o processo investigativo e a sua relação com os materiais e espaços propostos, sendo necessário mudanças e estudos na transformação das práticas pedagógicas.

### 4 CONCLUSÕES/CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da organização no jardim para a investigação sobre os insetos, constatamos que o trabalho das práticas pedagógicas participativas, não é um processo simples, requer pesquisa, um olhar atento e reflexivo. Além disso, espaços diversificados que favoreçam aprendizagens significativas e desenvolvam a participação ativa das crianças.

### 5 REFERÊNCIAS

ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.  
OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia de; PASCAL, Christiane (Orgs.). **Documentação pedagógica e avaliação na educação infantil**: um caminho para a transformação. Porto Alegre: Penso, 2019.



## ENTREVISTA PÚBLICA, NARRATIVAS DOCENTES E SEU CARÁTER FORMADOR PARA PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Marianna Carla Costa Tavares<sup>74</sup>

**Palavras-chave:** História Oral. História Pública. Narrativas docentes. Formação docente.

A história pública (SANTHIAGO, 2016) e a oral (MEIHY, 2021), são usadas na pesquisa acadêmica de história da educação, permitindo a divulgação ampla do conhecimento através de ações públicas. A união entre educação e história pública possibilita uma concepção crítica da educação, experiências reflexivas com os alunos, e sua aplicação na Educação Básica, torna a história acessível a todos.

Nessa pesquisa foi utilizada uma ação da história pública, a entrevista pública, feita com professoras da Educação Infantil, que já passaram dos cinco anos iniciais em sua carreira. A experiência com essa ação visou possibilitar docentes a refletir sobre as narrativas de professoras, pois considero que a entrevista pública e as narrativas possuem um caráter formativo, que traz a possibilidade de diálogo entre docentes, permitindo uns aos outros a ouvi-los e refletir sobre suas experiências, colocando-os no centro da pesquisa. A história pública e a educação se conectam, ampliam o trabalho com a memórias local e coletiva por meio de várias fontes históricas. O professor desempenha um papel de mediador, promove reflexões sobre a história explorada. As narrativas docentes podem ser fontes históricas para diversas audiências, incluindo crianças. Portanto, considero que o uso das fontes orais na escola, aproxima a discussão entre educação e história pública (CAUVIN, 2016). Contribui para a formação de professores e metodologias diversificadas na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental. O uso das entrevistas públicas em escolas possibilita os professores a ouvir as experiências, refletindo sobre a identidade docente. Essa abordagem levanta reflexões sobre o papel do professor, sobre a experiência docente, para além da atuação profissional. Destaco o caráter formativo desse momento tanto para os professores quanto para as narradoras. A relação entre história oral e história pública permite a divulgação do conhecimento para diferentes públicos, por meio de ações públicas. Possibilita um uso diversificado da história pública, na educação. Ao ser utilizada na escola, promove reflexões sobre temas variados, desde a identidade até a formação de professores. A entrevista pública contribui para a experiência dos professores, permitindo o contato direto com as fontes históricas e a reflexão sobre passado e presente.

### REFERÊNCIAS

---

<sup>74</sup> Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Educação (PPGED/UFRN) na linha de pesquisa Educação, Estudos sociohistóricos e filosóficos. Professora da educação básica na instituição Open School Bilíngue.

XX ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL / II ENCONTRO NACIONAL DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL. NATAL-RN, 2023. CADERNO DE PROGRAMAÇÃO E ANAIS DO EVENTO.



CAUVIN, T. **A textbook of Practice**. New York, NY: Routledge, 2016.

MEIHY, J.C.S.B (et. al). **Guia prático de história oral**: para empresas, universidades, comunidades, famílias. São Paulo: Contexto, 2021.

SANTHIAGO, R. **Dois palavras, muitos significados**: alguns comentários sobre a história pública no Brasil. São Paulo: Letra e Voz, 2016.



## BELEZA NA MESA: EXPERIÊNCIAS DE UM PROJETO VIVENCIADO NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UFPB

Renata da Costa Lima<sup>75</sup>

Thais Thalyta da Silva<sup>76</sup>

Rayssa Maria Anselmo de Brito<sup>77</sup>

**Palavras-chave:** Educação Infantil. Projeto. Beleza. Alimentação.

### 1 INTRODUÇÃO

O texto relata experiências vivenciadas com duas turmas do Infantil 3 do CAp-UFPB a partir do projeto “Beleza na Mesa”. O objetivo foi construir experiências e um olhar cuidadoso sobre as belezas que, grosso modo, encontramos no mundo da vida cotidiana, e, de um modo peculiar, na culinária de tradição de cada família.

### 2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS E DISCUSSÃO

O tema anual do CAp-UFPB “Qual a beleza que você vê?” foi definido por reflexões sobre como a beleza tem sido secundarizada ou até negligenciada, seja na obra de Arte, seja no mundo da vida cotidiana (ROOKMAAKER, 2015). Nessa linha, mediante observações das crianças sobre as belezas, percebeu-se o interesse na tradição alimentar das famílias.

Deste modo, mediante os eixos norteadores das práticas pedagógicas na etapa, bem como a articulação entre o cuidar e o educar, os direitos de aprendizagem e os princípios políticos, éticos e estéticos garantidos por lei da educação infantil (DCNEI, 2013; BNCC, 2017) foi construído o projeto “Beleza na mesa”.

Após sistematização da proposta, conversou-se com as famílias e, dentre as atividades envolvendo-as, houve a escolha de um lanche que fizesse parte da alimentação familiar da criança e que ela pudesse produzir para levar à escola para partilhar. Assim, a cada dia, uma criança levava a sua receita pronta e vivenciávamos uma roda de conversa onde se relatava os ingredientes, o modo de preparo e quem a ajudou a fazer. Em seguida, a criança servia aos amigos e a conversa seguia destacando a beleza e sabor do alimento e do momento. Ao final produziu-se um *e-book* com todas as receitas.

Além disso, outras experiências foram vivenciadas no projeto, como: O material “Brincando com Parlendas”, que reunia parlendas relacionadas a alimentação;

<sup>75</sup> Doutora em Educação. Professora da Educação Infantil do CAp-UFPB.

<sup>76</sup> Doutora em Educação. Professora da Educação Infantil do CAp-UFPB.

<sup>77</sup> Doutora em Educação. Professora da Educação Infantil do CAp-UFPB.



contações de histórias temáticas; o chá da tarde e preparação de receitas, a exploração das obras de artistas visuais, entre outras.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências relatadas buscaram destacar o trabalho pedagógico de sensibilização das crianças em relação as belezas do cotidiano, especificamente as que envolvem a prática alimentar. O projeto possibilitou, entre outras coisas, ampliar o repertório alimentar e cultural das crianças.

### 4. REFERÊNCIAS

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. MEC/ CONSED. Brasília: 2013.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília: MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

ROOKMAAKER, H. R. **A arte moderna e a morte de uma cultura**. Viçosa: Editora Ultimado, 2015.



## OS CANTINHOS DE APRENDIZAGENS E O TRABALHO COM A ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Renata Araujo<sup>78</sup>  
Edilson Júnior<sup>79</sup>  
Renata Araujo<sup>80</sup>

**Palavras-chave:** Educação Infantil. Leitura. Escrita.

### 1 INTRODUÇÃO

Este relato de experiência contempla um recorte de uma prática que envolve o trabalho com a escrita do nome da criança. Entendendo que ler e escrever fazem parte do contexto em que as crianças vivem e que nos diversos espaços estão se familiarizando com o universo das letras, buscamos neste relato, apresentar uma proposta de trabalho com o nome da criança. Entendendo a necessidade de construir práticas de leitura e escrita significativas, que não sejam enfadonhas e que de acordo com Brandão e Rosa (2010), não trazem significância para o desenvolvimento da leitura e escrita, surgiu a proposta dos cantinhos de aprendizagens.

### 2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

A prática desenvolvida ocorreu em uma turma com crianças de 4 anos de idade matriculadas em um CMEI da rede municipal de Toritama –PE. O trabalho com o nome, segundo Girão e Brandão (2023), proporciona uma escrita mais significativa, pois parte da identidade da criança.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O cantinho de aprendizagem explorado chama-se “*Meu nome é...*”, uma prática inspirada no trabalho da Professora Sandra Vasconcelos, citada por Brandão e Rosa

---

<sup>78</sup>Professora de Educação Infantil da rede municipal de Toritama. Mestra e doutoranda em Educação Contemporânea pela UFPE.

<sup>79</sup> Professor de Educação Infantil da rede municipal de Toritama. Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela FIP e Educação Infantil e Pedagogia Social pela FAVENI. edilsonjunior.as@gmail.com

<sup>80</sup> renataadjaina@gmail.com



(2021). Trata-se de um momento em que as crianças podem revisitar a escrita do nome com o apoio do professor. Desse modo, as crianças registram o nome no cartaz do referido Cantinho de Aprendizagem, no qual ficou conhecido como “o momento do autógrafo”, onde elas podem observar e explorar os sons das letras do seu nome, compartilhando com os demais colegas através de uma roda de conversa.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção dos Cantinhos de aprendizagem trouxe a oportunidade de colocar a criança no universo da leitura e da escrita, através da escrita do nome. O surgimento desse cantinho e o trabalho com o nome surgiu para ampliar com significado as relações das crianças com o Sistema de Escrita Alfabético.

#### 5 REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, A. C. P.; ROSA, E. C. de S. (Orgs.). A aprendizagem inicial da língua escrita com crianças de quatro a cinco anos: mediações pedagógicas. Belo Horizonte: Autêntica. 2021.
- BRANDÃO, A. C. P.; ROSA, E. C. S. (Orgs.) Ler e escrever na Educação Infantil: discutindo práticas pedagógicas. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- GIRÃO, F.M.P.; BRANDÃO, A. C. P. . A LEITURA E A ESCRITA DO NOME PRÓPRIO: UMA ANÁLISE DE SITUAÇÕES VIVENCIADAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL. Revista Brasileira de Alfabetização, n. 19, p. 1-21, 30 jun. 2023.



## A LUDICIDADE E O DESENVOLVIMENTO DA LEITURA E ESCRITA DAS CRIANÇAS NA PRÉ-ESCOLA

Ozivania Lopes<sup>81</sup>  
Simone Barros<sup>82</sup>  
Ozivania Lopes<sup>83</sup>

**Palavras-chave:** Criança. Educação Infantil. Escrita. Leitura.

### 1 INTRODUÇÃO

Este relato de experiência apresenta uma vivência com crianças da pré-escola a partir de uma visita a um jardim que as levou a leitura e escrita do nome dos animais de forma lúdica e criativa, com o objetivo de apresentar a ludicidade como um fio condutor das práticas na educação infantil. Através de metodologias assertivas e estímulos necessários, as crianças realizam e desenvolvem sem sofrimento, a escrita alfabética como um sistema notacional, a partir de situações concretas e com significados.

### 2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

A vivência foi desenvolvida em uma turma com crianças de 5 anos da Escola Municipal Manoel Benedito da cidade de Toritama-PE. A partir dos campos de experiência, a professora planejou o momento e os ambientes para que as crianças pudessem encontrar os animais citados durante uma roda de conversa. Dessa forma, cada criança registrou através da escrita espontânea, os nomes dos animais que elas encontraram. Diante disso, entendemos assim como Ferreiro e Teberosky (1999), que o contato com diversas situações de leitura e escrita possibilita as crianças a iniciarem suas hipóteses. Isso se dará de acordo com a frequência e qualidade que a escrita tem em suas rotinas, desta forma, esse desenvolvimento das hipóteses podem avançar ou diminuir, seja na escola ou fora dela.

---

<sup>81</sup> Professora de Educação Infantil da rede municipal de Toritama. Mestranda em Educação Contemporânea pela VENI CREATOR.

ozivanialedes@hotmail.com

<sup>82</sup> Professora de Educação Infantil da rede municipal de Toritama. Mestranda em Educação Contemporânea pela UNIVERSIDAD DEL SOL

<sup>83</sup> monebarros22@gmail.com

XX ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL / II ENCONTRO NACIONAL DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL. NATAL-RN, 2023. CADERNO DE PROGRAMAÇÃO E ANAIS DO EVENTO.





### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir dessa análise, a experiência levou as crianças a refletirem sobre escrita e leitura de pequenas palavras, aproximando-as assim, da construção dessas hipóteses, possibilitando, a professora ter um olhar ampliado para o acompanhamento das crianças e a avaliação diagnóstica acerca do desenvolvimento da leitura e escrita. Desse modo, Tardif (2002) conceitua o saber docente como um saber plural, formado por saberes provenientes de diversas fontes.

### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, essa vivência contribuiu para reafirmar que as metodologias lúdicas fortalecem e garantem possibilidades de uma educação enraizada de saberes concretos, com significância para as crianças, através da leitura e da escrita oportunizadas nos direitos de aprendizagem a partir da Base Nacional Comum Curricular- BNCC (BRASIL 2018).

### 5. REFERÊNCIAS

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **A Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.  
BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília 2018.  
TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.



## PERSPECTIVAS SOBRE O PNLD NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA ANÁLISE DOS TRABALHOS ACADÊMICOS

Maria Ritta de Melo Costa<sup>84</sup>  
Louriete Ribeiro de Araújo<sup>85</sup>

**Palavras-chave:** Educação Infantil. PNLD. Livro Didático.

### 1 INTRODUÇÃO

As Políticas Públicas desempenham papel importante no funcionamento social. Dessa forma, tais políticas correspondem a um conjunto de programas e ações adotadas pelo Estado que tem como finalidade garantir o direito à cidadania e promover a justiça social. (Paludo, 2013). Em vista disso, é possível fazer relação entre políticas públicas e a educação, uma vez que as políticas educacionais são uma realidade e têm o objetivo de assegurar, não só o direito à escolaridade, mas também avaliar e contribuir na qualidade da educação no país.

O Programa Nacional do Livro e do Material Didático - PNLD, possui a atribuição de avaliar e distribuir obras didáticas e literárias direcionadas a todos os níveis de educação. Desse modo, o presente trabalho apresenta uma breve análise dos estudos produzidos sobre o PNLD no contexto da Educação Infantil.

### 2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

O trabalho constitui-se como levantamento bibliográfico com busca no Banco de Teses da Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior - CAPES, no período de 2012 a 2023. Foram identificados 17 textos para análise, dentre eles foram analisados artigos de periódicos e dissertações.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

---

<sup>84</sup> Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA).  
[maria.costa50319@alunos.ufersa.edu.br](mailto:maria.costa50319@alunos.ufersa.edu.br).

<sup>85</sup> Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA).  
[louriete.araujo@alunos.ufersa.edu.br](mailto:louriete.araujo@alunos.ufersa.edu.br)



Os trabalhos foram organizados em dois grupos: nove pesquisas sobre os editais de 2014 a 2018; e oito pesquisas sobre os editais a partir de 2019.

No primeiro eixo, os trabalhos apontam para a necessidade de ampliar o capital cultural dos livros, principalmente às camadas menos favorecidas e uma busca gradual pela conciliação do alfabetizar letrando. É forte a presença do ensino da oralidade com diferentes gêneros, e de acordo com Nunes (2018), enfatiza uma limitação no reconhecimento de diversas culturas infantis nos livros.

No segundo eixo, os trabalhos apresentam descontinuidades entre os editais e diferenças de critério de seleção dos livros, bem como disputas entre as editoras por monetizações. Há também a definição de que o programa estimula o desenvolvimento intelectual dos alunos, bem como a redução da taxa de abandono escolar, entretanto, Copatti, Andreis e Zuanazzi (2002), apontam para a importância do debate escolar e chamam atenção para os conteúdos apresentados nos livros didáticos.

#### 4 CONCLUSÕES/CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, a análise realizada a partir dos trabalhos publicados acerca dos editais do PNLD referentes aos anos de 2014, 2018 e 2019, indicam falhas e desafios a serem superados. Todavia, o estudo aponta contribuições positivas do programa no âmbito escolar.

#### 5 REFERÊNCIAS

- COPATTI, Carina; ANDREIS, Adriana Maria; ZUANAZZI, Luiza Cleonir Colla.. (2021). Olhares ao programa nacional do livro e do material didático: relações entre estado, mercado editorial e os livros didáticos na escola. *Perspectivas Em Políticas Públicas*. 2021. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/revistappp/article/view/5795>.
- NUNES, Beatriz Bloise Pereira. Sentidos da diferença nas obras literárias do PNLD 2018. 2019. Dissertação de Mestrado (Educação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2019. Disponível em: <https://ppge.educacao.ufrj.br/dissertacoes2019/dBeatriz%20Bloise%20Pereira%20Nunes.pdf>.
- PALUDO, Augustinho. Noções de Políticas Públicas. In: *Administração pública*. 3. ed. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.



## CONVERSANDO SOBRE AS EMOÇÕES

Milena Oliveira de Lira<sup>86</sup>

Maria Conceição de Oliveira Andrade<sup>87</sup>

Este trabalho são reflexões realizadas após situações vivenciadas com a turma 3 com crianças na faixa etária de 4 a 5 anos. Essa experiência foi realizada no núcleo de Educação da Infância Colégio de Aplicação, NEI-CAp/UFRN.

**Palavras-chave:** Educação Infantil. Emoções. Socialização.

### 1 INTRODUÇÃO

O desenvolvimento das habilidades emocionais é de suma importância para o desenvolvimento integral da criança, saber lidar com suas emoções reconhecer seus sentimentos.

Trazemos aqui algumas possibilidades de situações que possam auxiliar as crianças a relatarem suas emoções. Inicialmente, observamos no início do ano letivo que algumas crianças envolvidas nesse processo de readaptação ao ambiente escolar, apresentavam momentos de insegurança em despedir-se dos seus familiares e negação em interagir com alguns colegas da sala.

Após esse período de inserção, observamos que as crianças precisavam falar um pouco sobre suas emoções. Nesse sentido, recorreremos à situações do cotidiano para conversarmos sobre as nossas emoções.

### 2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Na literatura acerca da temática, vem apontando pesquisa que abordam reflexões sobre as habilidades emocionais. O estudo de Bortoleto *et al* (2023) traz reflexões teóricas sobre as emoções e a socialização das crianças na escola da infância, discute inferências empíricas dessas variáveis por meio de vivências de estudantes da graduação em um projeto de PIBIC, os resultados de tal pesquisa sugerem que as emoções facilitam as interações entre as crianças e, pela socialização, elas conquistam um amplo conjunto de estados emocionais na busca por processos de socialização horizontais, não impostos pelos adultos.

---

<sup>86</sup> Mestre em Educação - UFRN. Professora do NEI-CAp/UFRN. E-mail: milenalira@nei.ufrn.br

<sup>87</sup> Doutora em Educação – UFRN. Professora do NEI-CAp/UFRN. e-mail: conceicao@nei.ufrn.br

XX ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL / II ENCONTRO NACIONAL DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL. NATAL-RN, 2023. CADERNO DE PROGRAMAÇÃO E ANAIS DO EVENTO.



Nesse sentido, nos apoiamos nessas pesquisas que ressaltam a importância da escuta das emoções das crianças. De acordo com Cruz (2008, p.90), “colocando-se no lugar do outro [...] saímos de uma posição etnocêntrica, dando prioridade ao discurso do outro, sendo necessário reconhecer e aceitar a diferença a fim de captá-la”.

As situações propostas, visam debates e iniciativas, como: apreciação literária, por meio de uma mudança de postura, perceber que as relações sociais são experienciadas o ano todo, precisando serem vistas e debatidas durante todo o percurso. As atividades realizadas foram diversas: leitura do livro “ O Monstro das cores”; pote dos sentimentos; assembleias; confecção dos monstros dos sentimentos, e garrafa das emoções.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme as pesquisas da literatura da área e as vivências propostas vimos o quanto as crianças se beneficiam ao expor seus pensamentos e emoções. Ao recorrer ao uso de livros literários para abordar o tema observamos que as crianças conseguem nomear seus sentimentos. As emoções que grande parte da turma relatou sentir, nos momentos de interações com o seus pares foram: medo, alegria, raiva, vergonha e amor. De certo modo, os sentimentos e emoções estão ligados as necessidades das crianças. Ao que elas ainda não conseguem realizar sozinhas. Para algumas crianças, não é tão difícil falar de suas emoções.

### 4 CONCLUSÕES/CONSIDERAÇÕES FINAIS

O relato da experiência apresentado, nos faz refletir acerca do papel da escola da infância na escuta das emoções das crianças. Nos momentos de diálogos as crianças revelaram suas emoções diárias. Elas conseguem lidar bem, quando são acolhidas e compreendidas pelos adultos. Nesse sentido, elas precisam compreender as próprias emoções e o trabalho realizado, auxiliou esse processo de autodescoberta e desenvolvimento da autonomia emocional.

### 5 REFERÊNCIAS

CRUZ, Silvia Helena Vieira. **A criança fala**. A escuta de criança na pesquisa. São Paulo: Cortez, 2008.

BORTOLETTO, D.; FERREIRA, A. L.; COSTA, I. R. O.; DE SOUZA, M. F. L.; DOS SANTOS, R. D. T. de A. M. AS EMOÇÕES E A SOCIALIZAÇÃO INFANTIL: A

XX ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL / II ENCONTRO NACIONAL DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL. NATAL-RN, 2023. CADERNO DE PROGRAMAÇÃO E ANAIS DO EVENTO.



PESQUISA COM CRIANÇAS NA ESCOLA DAS INFÂNCIAS. **Revista Educação e Infâncias**, [S.l.],v.2,n.3,2023.Disponível em:<https://periodicos.ufrn.br/educacaoinfancia/article/view/31934>. Acesso em: 6 ago. 2023.

DIAS SANTIAGO FERNANDES, E.; DANTAS RODRIGUES, M. das V.; LIMA PIMENTEL NOGUEIRA, V. ESCUTA INFANTIL E SUJEITO DE DIREITO:: UMA INTERCESSÃO NECESSÁRIA. **Revista Educação e Infâncias**, [S. l.], v. 1, n. 2, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoinfancia/article/view/29527>. Acesso em: 6 ago. 2023.



## CURRÍCULO E LINGUAGENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Thais Lopes de Araújo<sup>88</sup>  
Aline da Costa Dantas<sup>89</sup>

**Palavras-chave:** Linguagens. Currículo. Educação Infantil. Práticas.

### 1 INTRODUÇÃO

As linguagens são constitutivas das experiências infantis e ao mesmo tempo são apropriadas pelas crianças nas interações sociais, portanto precisam ser oportunizadas na Educação Infantil (Gobbi, 2010; Vigotski, 2007). As Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (BRASIL, 2009) definem a apropriação de múltiplas linguagens pelas crianças nos currículos.

O objetivo do estudo ora apresentado é identificar as linguagens que se presentificam no cotidiano da Educação Infantil considerando os sentidos das professoras.

### 2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

No contexto de uma pesquisa de iniciação científica, assumimos princípios da abordagem sócio-histórica (Vigotski, 2007; Bakhtin, 2003) e realizamos entrevistas semi estruturadas com 13 professoras da rede municipal de uma cidade do RN.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em consonância com uma das especificidades dos currículos na Educação Infantil que envolve a apropriação e desenvolvimento de múltiplas linguagens (Gobbi, 2010; Vigotski, 2007), as professoras dizem de um modo geral:

---

<sup>88</sup> Graduanda em pedagogia pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). [thais.araujo27345@alunos.ufersa.edu.br](mailto:thais.araujo27345@alunos.ufersa.edu.br)

<sup>89</sup> Coordenadora de Educação Infantil da Rede Municipal de Educação de Angicos/RN. Pedagoga pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). [aline.dantas@alunos.ufersa.edu.br](mailto:aline.dantas@alunos.ufersa.edu.br)



*[...] linguagem oral, a contação de história, a linguagem audiovisual, a linguagem por meio de artes, como pintura, colagem, modelagem, brincadeiras de faz de conta, o teatro, porque aí vão trabalhar o corpo, gestos e movimento. (P5).*

No entanto, a oralidade e a escrita são apontadas como as principais linguagens a serem desenvolvidas pelas crianças:

*[...] uma das linguagens muito importante da Educação Infantil, é a oralidade. (P2)*  
*[...] linguagem não é só fala, é tudo aquilo que a gente dispõe para criança em termos de leitura, escrita.[...] um dia eu trago vamos dizer, um poema, outro dia eu exponho pra eles algumas revistinhas em quadrinho. (P7).*

Concordamos com Gobbi (2010) sobre a articulação destas com as demais linguagens. Observamos que algumas professoras incluem as linguagens da arte nas interações com as crianças:

*[...] A linguagem não está restrita apenas a oralidade e a escrita, mas envolve também diferentes modos de expressão que se relacionam entre si, como imagem, movimentos corporais, sons presentes no cotidiano. (P5);*  
*[...] a maneira como ela se expressa, seja ela através de uma música, de uma brincadeira, de uma contação de história, de um teatro. (P2);*

Foi possível perceber indícios de um trabalho que considera as múltiplas linguagens das crianças, que, conforme Gobbi (2010) implica aproximá-las da arte em suas formas, como teatro, cinema, dança, literatura e música.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que as experiências com as linguagens orais e escritas aparecem nas vozes das professoras de modo predominante, enquanto, as diversas linguagens são pouco mencionadas. O que carece de discussão no contexto das práticas.

#### 5. REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BRASIL. MEC. CNE. CEB. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Resolução 05/2009. CNE/SEB, 2009.





GOBBI, Márcia. **Múltiplas linguagens de meninos e meninas e a educação infantil.** In: Anais do I Seminário Nacional: Currículo em Movimento – perspectivas atuais. Belo Horizonte, novembro de 2010.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente.** 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.



## QUE SALA É ESSA? UMA REFLEXÃO SOBRE OS CONTEXTOS INVESTIGATIVOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL.

Elidiane Almeida Barros Feliciano<sup>90</sup>

**Palavras-chave:** Contextos Investigativos. Educação Infantil. Criatividade.

### 1 INTRODUÇÃO

Entende-se por contextos investigativos a forma como planejamos modos de apropriação dos espaços para/pelas crianças.

Neste trabalho objetivamos refletir sobre a utilização dos contextos investigativos como instrumento potencializador da imaginação e criatividade das crianças na Educação Infantil.

Trata-se de um relato de experiência que aconteceu durante o segundo semestre do ano de 2021, com uma turma de 25 crianças na faixa etária entre 5 e 6 anos de idade, em um centro infantil municipal na cidade de Parnamirim-RN, durante o período de retorno das aulas presenciais pós-pandemia.

Quando voltamos para o contexto presencial, sabíamos que as crianças precisavam se adaptar à nova realidade da escola com todo o protocolo de segurança e que a brincadeira deveria ser o foco principal das nossas ações, a “atividade-guia”, (PRESTES, 2016, p. 29), precisávamos pensar em estratégias para estreitar os vínculos fora das telas.

### 2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Para fundamentar a discussão, trazemos o conceito de Mariotti et al. acerca dos contextos investigativos: “são convites para um encontro empático, para assumir uma atitude curiosa, fazer perguntas, levantar hipóteses, experimentar, aprofundar-se... Apoiar percursos e processos de aprendizagem” (MARIOTTI, 2017, P.154).

Buscamos também evidenciar a concepção de criança como ator social, portador de novidade e produtor de cultura (SARMENTO, 2004), valorizando seus interesses e priorizando a observação atenta dos momentos de brincadeiras.

Para iniciar o trabalho com contextos investigativos, escolhemos o momento da acolhida para organizar convites para brincar: pistas para carros, faz de conta de casinha, blocos de encaixe, materiais não estruturados, etc. Para cada dia, um espaço

---

<sup>90</sup> Pedagoga Especialista em Educação Infantil (UFRN), Prefeitura Municipal de Parnamirim. XX ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL / II ENCONTRO NACIONAL DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL. NATAL-RN, 2023. CADERNO DE PROGRAMAÇÃO E ANAIS DO EVENTO.



planejado e convidativo para promover experiências brincantes além das que as crianças estavam habituadas.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os momentos de brincadeira em contextos investigativos se desdobraram em novas possibilidades, dentre as inúmeras, queremos destacar uma: transformamos nossa sala em uma lanchonete, ideia que surgiu de uma criança durante uma brincadeira de faz de conta e que foi materializada com ajuda da professora, famílias e funcionários da escola.

Inicialmente planejamos nossas ações discutindo na roda qual seria o nome da lanchonete, o cardápio e preços dos produtos que seriam vendidos, bem como em que local da sala ficaria. Houve uma votação e o nome escolhido foi “Lanchonete do pastel”.

Em um segundo momento confeccionamos a placa da lanchonete e o cardápio e com colaboração das famílias selecionamos utensílios. Realizamos um dia especial com culinária de pastel de verdade e produzimos massinha caseira para confeccionar os produtos do cardápio.

Durante as brincadeiras, as próprias crianças definiam os papéis de cada um: caixa, cozinheiros, garçons e clientes. Também convidamos crianças e professoras de outras turmas.

Esta experiência, além de nos mostrar a importância da brincadeira de faz-de-conta, deixa explícita a necessidade de nós, professores, estarmos junto das crianças, atentos para as brincadeiras, para o que eles conversam enquanto brincam, para aquilo que muitas vezes é ocultado pela rotina e passa despercebido.

### 4. CONCLUSÕES/CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos que as crianças sentiram-se acolhidas e tornaram-se mais falantes e participativas, opinando sobre o planejamento e organizando novos espaços para brincadeiras, muitas vezes sem ajuda da professora. Foi uma experiência tão exitosa que temos adotado essa prática até os dias atuais. Os contextos investigativos são ferramentas potencializadoras da criatividade e imaginação na infância.

Que sigamos, estando com as crianças efetivamente, com o cronômetro da rotina zerado (CARVALHO, 2021), saindo da posição de adulto detentor do saber e ouvindo o que elas têm para contar. Que nossos pequenos sejam livres para brincar, para explorar os espaços, que mostrem suas potencialidades, que criem e reinventem brinquedos e brincadeiras. Isso é muito mais importante!

### 5. REFERÊNCIAS



CARVALHO, Rodrigo Sabala. O extraordinário na docência com crianças na Educação infantil. In: SANTIAGO, Flávio; MOURA, Taís Aparecida de. [Orgs.] **Infâncias e docências: descobertas e desafios de tornar-se professora e professor**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021.

MARIOTTI, Ana Teresa G. A. M.; CANTELLI, Valéria C.B.; PEREIRA, Roberto. **Do projetar o contexto investigativo ao maravilhar-se: quais caminhos seguir?** 1. ed. Campinas, SP : 148 Educação, 2017.

PRESTES, Z. A brincadeira de faz de conta e a infância. **Revista Trama**

**Interdisciplinar**, [S. l.], v. 7, n. 2, 2016. Disponível em:

<https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tint/article/view/9807>. Acesso em: 23 nov. 2022.

SARMENTO, Manuel Jacinto. “As Culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade”, in M-J. Sarmiento, e A. B. Cerisara, (Coord.), **Crianças e Miúdos. Perspectivas sociopedagógicas sobre infância e educação**. Porto. Asa. (9-34), 2004



## A DIDATIZAÇÃO DA LITERATURA INFANTIL: UMA ANÁLISE DE LIVROS LITERÁRIOS DO EDITAL PNLD 2022

Railson Thiago de Carvalho Silva<sup>91</sup>  
Elaine Luciana Sobral Dantas<sup>92</sup>

**Palavras-chave:** Literatura Infantil. Livros literários. PNLD. Educação Infantil.

### 1 INTRODUÇÃO

Esse estudo tem por objetivo analisar duas obras literárias selecionadas pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), no Edital de 2022, e refletir acerca da problemática da didatização dos livros literários. Para Cademartori (2010), é evidente que não se pode negar o vínculo existente entre a literatura infantil e a educação, no entanto, os livros literários não podem se tornar uma instrumentalização didática.

### 2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

O estudo tem como fundamento a abordagem sócio-histórica (Vigotski, 2007; Bakhtin, 2003) e envolve a análise discursiva de duas obras literárias selecionadas pelo edital do PNLD 2022 para Educação Infantil.

A escolha dos títulos se deu pela disponibilidade digital e o processo de análise considerou os aspectos de qualidade textual, gráfica e temática. As publicações analisadas foram: “Salada de Frutas - Cores e Opostos”, de Nara Raggiotti e “Junta, Separa e Guarda” de Vera Lucia Dias.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na narrativa da obra “Salada de Frutas - Cores e Opostos” o leitor encontrará várias frutas associadas às suas respectivas cores, sendo induzido a pensar sobre conceitos de quantidade e tamanho, ao se deparar com potes cheios e vazios, grandes e pequenos. A falta de uma narrativa lúdica em volta da temática abordada,

<sup>91</sup> Graduando do curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal Rural do Semi-árido UFRSA. [railson.silva@alunos.ufersa.edu.br](mailto:railson.silva@alunos.ufersa.edu.br)

<sup>92</sup> Coordenadora de Educação Infantil da Rede Municipal de Educação de Angicos/RN. Pedagoga pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFRSA). [elaine.dantas@alunos.ufersa.edu.br](mailto:elaine.dantas@alunos.ufersa.edu.br)



não oportuniza a fruição estética e diminui a qualidade do texto que assume um caráter didatizante.

Segundo Cagmeti (1996), é preciso compreender a literatura infantil, acima de tudo, como arte. Uma expressão artística pela qual se pode representar o mundo através da palavra. Deste modo, é preciso garantir a inserção dos leitores no mundo mágico da imaginação, da fantasia e das infinitas possibilidades que o universo literário pode oportunizar. Estas características podem ser observadas na segunda obra analisada.

Em “Junta, Separa e Guarda”, a autora narra a história de um menino que é surpreendido pela notícia de que sua família irá se mudar e que agora precisa fazer escolhas do que pode ou não levar para a nova morada. O texto apresenta uma textualidade que dialoga com a ilustração e aguça a memória afetiva da criança.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se, através das análises realizadas em duas obras do PNLD 2022, que uma delas apresenta uma perspectiva didática, que se distancia da literatura como arte, fruição e imaginação. Enquanto a outra atende aos critérios de qualidade dos livros literários.

#### 5 REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2010.
- CAGNETI, Sueli de Souza. **Livro que te quero livre**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1996.
- DIAS, Vera Lúcia. **Junta, separa e guarda** / Vera Lúcia Dias ; ilustrações de Thiago Lopes. - São Paulo : Confete Editorial, 2021.
- RAGGIOTTI, Nara. **Salada de Frutas: cores e opostos** / Nara Raggiotti : Ilustrado por Lais Dias. - São Paulo : Miau. 2021.
- VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.



## A ORGANIZAÇÃO DAS ROTINAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: SENTIDOS DE PROFESSORAS

Lívia Hadija Cruz e Silva<sup>93</sup>  
Aline da Costa Dantas<sup>94</sup>

**Palavras-chave:** Rotina. Educação Infantil. Sentidos.

### 1 INTRODUÇÃO

Compreendemos a rotina como categoria pedagógica - que se constrói no cotidiano com as crianças e ao mesmo tempo é estruturante na organização dos tempos, espaços, materiais e relações/interações. Na Educação Infantil envolve planejamento, constância, alternância e continuidade das experiências, ludicidade e diversidade.

O presente trabalho tem por objetivo analisar os sentidos elaborados por professoras acerca da organização do cotidiano das crianças na Educação Infantil.

### 2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

A investigação assume princípios da abordagem sócio-histórica (Vigotski, 2007; Bakhtin, 2003), para a construção e análise dos dados. No contexto de uma pesquisa de iniciação científica em desenvolvimento, realizamos entrevistas semi-estruturadas individuais com treze professoras de Educação Infantil da rede pública de um município do interior do Rio Grande do Norte.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Identificamos nas vozes das professoras modos como são organizadas as rotinas diárias e semanais, assim como as atividades que são permanentes, pois acontecem de forma sistemática e periódica.

Percebemos que as professoras organizam o cotidiano com momentos permanentes que acontecem em todas as turmas diariamente. Conforme Barbosa (2006), são elementos constitutivos invariáveis como situação, mas que variam em seus conteúdos e modos de como eles se realizam.

<sup>93</sup> Graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). [livia.silva43402@alunos.ufersa.edu.br](mailto:livia.silva43402@alunos.ufersa.edu.br)

<sup>94</sup> Coordenadora de Educação Infantil da Rede Municipal de Educação de Angicos/RN. Pedagoga pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). [aline.dantas@alunos.ufersa.edu.br](mailto:aline.dantas@alunos.ufersa.edu.br)

XX ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL / II ENCONTRO NACIONAL DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL. NATAL-RN, 2023. CADERNO DE PROGRAMAÇÃO E ANAIS DO EVENTO.



*Ao chegar na escola, a gente faz o acolhimento com brinquedo, massa de modelar, tem o primeiro desjejum, depois a gente faz a rodinha de conversa com musicalidade e uma atividade [...].*

*(Professora Jalma / Creche I / Entrevista Individual, 2023).*

Além destas experiências as professoras mencionam os momentos do lanche, do parque e de atividades dirigidas como constitutivos das rotinas diárias. Entretanto, sentimos falta de experiências envolvendo a brincadeira e a leitura literária.

Identificamos momentos fixos que acontecem semanalmente em cada turma em dias e horários alternados, citados pelas professoras como “o dia de...”, como vemos trecho:

*[...] o dia da tv, o dia do parque, o dia da brinquedoteca, o dia da sala de leitura e as demais a gente faz alguma atividade.*

*(Professora Marta / Pré I / Entrevista Individual, 2023).*

Não nos parece haver uma articulação na perspectiva de continuidade das vivências nos espaços mencionados. É possível entrever uma rotina definida institucionalmente que não se configura como categoria pedagógica (Barbosa, 2006). Não foram citadas experiências de periodicidade semanal específicas do planejamento de cada turma e não houve referência aos momentos do trabalho com projetos investigativos.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas vozes das professoras, foi possível identificar modos de organização e estruturação cotidiana das experiências educativas. No entanto, os dados analisados apontam para uma necessária ampliação das discussões acerca da rotina estruturante com fins educativos e de seus elementos permanentes e alternativos.

#### 5 REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Por amor e por força: rotinas na educação infantil**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2006.

XX ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL / II ENCONTRO NACIONAL DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL. NATAL-RN, 2023. CADERNO DE PROGRAMAÇÃO E ANAIS DO EVENTO.





VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente.** 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.



## AS EXPERIÊNCIAS DO MOVIMENTO DA ESCOLA MODERNA DE PORTUGAL: CONTRIBUIÇÕES PARA PENSAR A PARTICIPAÇÃO DAS CRIANÇAS

Rafael Araújo da Silva<sup>95</sup>  
Luiz Hilário Mulatinho Junior<sup>96</sup>  
Geovar Miguel dos Santos<sup>97</sup>

**Palavras-chave:** Prática Democrática. Criança. MEM.

### 1 INTRODUÇÃO

O Movimento da Escola Moderna (MEM), é uma organização fundada em Portugal, em 1965, com forte influência da perspectiva do pensamento Freinetiano. Tendo em seus pressupostos o debate democrático como alicerce central de sua pedagogia. Nesta perspectiva, as práticas democráticas são elementos que devem ser vivenciados por todos na instituição de ensino, sejam as crianças, seus responsáveis ou professores, o que resulta em uma práxis diária da democracia (SÉRGIO NIZA, 1998). Essa práxis para a democracia cria “atitudes e valores democráticos e à formação para a participação na vida democrática que se encontram entre as principais finalidades do modelo pedagógico do Movimento” (PINTASSILGO; ANDRADE, 2019). Partindo do que foi apresentado, e refletindo sobre o contexto brasileiro e suas interrupções democráticas, é possível se observar discussões a respeito de experiências, a exemplo do MEM, e como podem oportunizar o pensamento de uma práxis diária da nossa democracia, desde a nossa primeira infância, tendo como objetivo refletir sobre práticas exitosas com crianças para o exercício da cidadania. A influência para esse trabalho é resultado dos capítulos teóricos desenvolvidos em minha dissertação, onde se discutiu propostas curriculares que fomentam a participação das crianças. O referencial teórico tem em seu cerne as ideias do pedagogo português Sergio Niza (1998) entre outros autores que fundamentam a proposta do MEM. A produção acadêmica utiliza como fundamentação metodológica a revisão bibliográfica (GIL, 2002), a qual é a mais apropriada para essa produção. Refletir sobre experiências que ressaltam a

---

<sup>95</sup> Pesquisador bolsista da SEAD/EGRN, Graduado em Pedagogia, Especialista em Alfabetização (UFRN) e Mestre em Educação (PPGED/UFRN);

<sup>96</sup> Mestrando do programa de pós graduação em ciências contábeis da universidade Federal do Rio Grande do Norte; especialista em auditoria e perícia pela UNIFACEX; MBA em gestão financeira e Controladoria pela UNIFACEX;

<sup>97</sup> Assessor pedagógico da 10ª Diretoria Regional de Educação, Cultura, Esporte e Lazer, Graduado em Pedagogia (UFRN), Especialista em Mídias na Educação (UERN) e Mestre em Geografia (GEOPROF/UFRN).

XX ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL / II ENCONTRO NACIONAL DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL. NATAL-RN, 2023. CADERNO DE PROGRAMAÇÃO E ANAIS DO EVENTO.



participação, trazendo a criança para o cerne da proposta pedagógica, possibilita trabalhar uma imagem de criança protagonista que é capaz de produzir e ser produtora de cultura democrática, através da participação, interseccionando com pais e professores. Ressalta-se ainda a célebre frase de Paulo Freire, ao afirmar que a educação por si só não modifica o mundo, mas elas modificam as pessoas e as pessoas modificam o mundo. É possível concluir que a construção de ambientes que visem o fomento da democracia, possam ser catalisadores de cultura democrática de fato, que possa afastar cada vez mais a cultura do autoritarismo. A referida proposta serve para provocar novas pesquisas que reflitam a participação das crianças enquanto agentes sociais pertencentes a uma cultura da democracia.

## 2 REFERÊNCIAS

Gil, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa/Antônio Carlos Gil. - 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

NIZA, S. O modelo curricular de Educação Pré-Escolar da Escola Moderna Portuguesa. In: OLIVEIRA FORMOSINHO, J. (Org.). Modelos Curriculares para a Educação de Infância: Construindo uma práxis de participação. Porto: Porto Editora, 1998, p. 137-159.

PINTASSILGO, J; ANDRADE, A. N. Sérgio Niza e a “autoformação cooperada”: reflexões em torno do modelo pedagógico do MEM. Revista Lusófona de Educação, núm. 43. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Portugal 2019



## CURRÍCULOS E ARTEFATOS PEDAGÓGICOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Letícia Oliveira da Silva<sup>98</sup>  
Elaine Luciana Sobral Dantas<sup>99</sup>

**Palavras-chave:** Educação Infantil. Currículos. Artefatos Pedagógicos.

### 1 INTRODUÇÃO

Os currículos construídos no cotidiano das instituições de Educação Infantil devem ter como eixos estruturantes as interações e a brincadeira e garantir experiências de aprendizagem das crianças. (BRASIL, 2009).

Sendo assim, as práticas cotidianas devem oportunizar interações com artefatos pedagógicos - materiais educativos e brinquedos (estruturados e não estruturados) - que atendam as especificidades das crianças e de seus processos de aprendizagem e desenvolvimento.

Definimos como objetivo deste trabalho, identificar artefatos pedagógicos que se apresentam nas instituições de Educação Infantil, segundo as professoras.

### 2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Tendo como fundamento alguns princípios da abordagem sócio-histórica (Vigotski, 2007; Bakhtin, 2003), realizamos entrevistas individuais semiestruturadas com treze professoras da Educação Infantil de uma rede pública municipal do RN.

Na construção e análise dos dados, organizamos os artefatos pedagógicos identificados em **materiais estruturados**, subdivididos em quatro subgrupos: brinquedos e fantasias; recursos tecnológicos e midiáticos; recursos didáticos; e livros literários e **materiais não estruturados**.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As professoras mencionam diferentes artefatos pedagógicos utilizados pelas crianças nas experiências cotidianas. Destacamos que não foi citado o trabalho com

---

<sup>98</sup> Graduanda em pedagogia pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA).  
[leticia.silva73320@alunos.ufersa.edu.br](mailto:leticia.silva73320@alunos.ufersa.edu.br)

<sup>99</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. Professora de Magistério Superior na Universidade Federal Rural do Semi-Árido - UFERSA, Campus de Angicos/RN.  
[elaine.sobral@ufersa.edu.br](mailto:elaine.sobral@ufersa.edu.br)



livro didático na Educação Infantil, no entanto, verificamos a presença de atividades xerocopiadas.

Entre os materiais estruturados, seis professoras destacam os brinquedos e cinco mencionam os jogos educativos. Apenas duas professoras citam as roupas e fantasias como artefatos das experiências infantis. Como recursos tecnológicos e midiáticos, a televisão é citada cinco vezes, os filmes, vídeos e data-show apenas uma vez. Somente quatro professoras fazem referência aos livros literários e duas mencionam os fantoches como artefatos para contação de histórias. Dez professoras destacam a utilização de recursos didáticos/escolares, como: massinha, tinta, pincel, tesoura, papel, caderno, letras, forminhas, cola, coleção, cartolina, E.V.A, cartazes, papel madeira, tesoura e lápis.

No grupo de materiais não estruturados, três professoras mencionam apenas palitos de picolé e outros materiais aparecem nas respostas de quatro, como: papelão, caixa de ovo, conezinhas (tubos de linha), colherzinha de plástico, copo, bolinhas de plásticos, espelho, rolo de papel higiênico, caixa de pizza, frascos de desodorante.

#### 4. CONCLUSÕES/CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a relevância dos artefatos pedagógicos na construção das experiências cotidianas na Educação Infantil, podemos observar que os materiais estruturados apresentam-se com mais ênfase nas práticas pedagógicas das professoras, especialmente os materiais escolares. Enquanto que, os materiais não estruturados se presentificam, porém, de forma incipiente.

#### 5. REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BRASIL. MEC. CNE. CEB. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Resolução 05/2009. CNE/SEB, 2009.
- VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.



## SENTIDOS DE PROFESSORES SOBRE AVALIAÇÃO NA/DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Jucilene Monteiro da Silva<sup>100</sup>  
Thabatta Louise Zilio<sup>101</sup>

**Palavras-chave:** Educação Infantil; Avaliação; Sentidos de Professoras.

### 1 INTRODUÇÃO

A avaliação na/da Educação Infantil constitui-se como ação pedagógica que envolve a observação, o acompanhamento e o registro das aprendizagens das crianças e das práticas pedagógicas, oportunizando um movimento contínuo de reflexão e planejamento. (Micarello, 2010; Freire, 1996).

No contexto de uma pesquisa de iniciação científica acerca do tema, definimos como objetivo deste trabalho analisar os sentidos elaborados por professoras relativos à avaliação na/da Educação Infantil.

### 2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

A investigação tem como fundamento a abordagem sócio-histórica (Vigotski, 2007; Bakhtin, 2003). Considera, portanto, que os sentidos são singulares, provisórios e relativos às significações sociais.

Realizamos entrevistas semi-estruturadas com treze professoras de uma rede pública municipal do RN, licenciadas em Pedagogia, com 29 a 51 anos de idade e cerca de 2 a 30 anos de experiência na Educação Infantil.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A prática pedagógica constitui-se, conforme Freire (1996, p. 5), como “uma organicidade entre observação, registro, reflexão, avaliação e planejamento enquanto instrumentos metodológicos”.

A observação é comumente ressaltada nas vozes das professoras: “[...] você vai **observando** a criança a cada dia”. (P1). Assim como o registro: “É um conjunto

<sup>100</sup> Graduanda em pedagogia pela Universidade Federal Rural do Semi-árido - UFRSA.  
[jucilene.silva@alunos.ufersa.edu.br](mailto:jucilene.silva@alunos.ufersa.edu.br)

<sup>101</sup> Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). [thabatta.zilio.072@ufrn.edu.br](mailto:thabatta.zilio.072@ufrn.edu.br)



de **registros** escritos, fotográficos e outros materiais que ajudam o professor a **compreender melhor o progresso das crianças em relação aos objetivos educacionais e pedagógicos**". (P5).

Vimos, no entanto, que a observação e o registro, aparecem com frequência, como formas de verificação do desempenho das crianças: "[...] é pra gente saber se está dando certo, **se eles estão conseguindo** [...]". (P7).

Entendemos a partir de Micarello (2010, p. 1) que na avaliação podemos conhecer melhor as crianças - "suas características pessoais e grupais, suas emoções, reações, desejos, interesses e modos pelos quais vão se apropriando da cultura na qual estão inseridas, transformando-a".

Poucos discursos apontaram a perspectiva reflexiva da avaliação: "[...] eu vou observar o quê que ela está aprendendo, o que ela teve mais dificuldade, **o que é que falta no meu planejamento** [...]". (P3).

Compreendemos que as professoras devem refletir sobre seu fazer pedagógico e valorizar processos de aprendizagem das crianças como resultantes de sua mediação e organização do cotidiano.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na análise dos sentidos elaborados pelas professoras sobre avaliação na/da Educação Infantil identificamos a observação e o registro como constitutivos da ação pedagógica com a finalidade de acompanhamento do desempenho das crianças. Observamos poucas referências relativas à avaliação da prática pedagógica.

#### 5. REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FREIRE, Madalena. **Observação, registro, reflexão: instrumentos metodológicos I**. Espaço Pedagógico, 1996.

MICARELLO, Hilda. **Avaliação e transições na Educação Infantil**. In: ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO - Perspectivas Atuais. Belo Horizonte, novembro de 2010.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.



## A FORMAÇÃO CONTINUADA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Nair Lima dos Santos<sup>102</sup>  
Rosilda Maria da Silva<sup>103</sup>  
Isabel Cristina de Lima Silva<sup>104</sup>

**Palavras-chave:** 1. Educação Infantil; 2. Formação Continuada; 3. Projetos Pedagógicos.

### 1 INTRODUÇÃO

Esse trabalho caracteriza-se por um relato da prática da gestão (direção e coordenação) do Centro Municipal de Educação Infantil Prof.<sup>a</sup> Marilanda Bezerra de Paiva, localizado no bairro do Guarapes, na zona Oeste de Natal/RN, e busca apresentar algumas das estratégias para que a formação continuada com as professoras acontecesse de maneira efetiva e bem sucedida no dia a dia da instituição durante o ano letivo de 2022, dando ênfase ao trabalho com Projetos Pedagógicos.

### 2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Oportunizar momentos de reflexão, estudos e formações é algo que deve partir da gestão escolar, e quando assumimos a gestão do CMEI Marilanda, em janeiro de 2022, já tínhamos como meta oportunizar momentos de formação continuada.

Assim, esse trabalho caracteriza-se por um relato de vivência, destacando as estratégias que elaboramos para colocar em prática a formação continuada, principalmente para suprir algumas das dificuldades/fragilidades encontradas, como: a ausência de formação continuada na área de temas de pesquisa na Educação Infantil e a rotatividade de professores (a maioria era de vínculo contratual de dois anos).

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

---

<sup>102</sup> Diretora pedagógica do CMEI Prof.<sup>a</sup> Marilanda Bezerra de Paiva – Prefeitura de Natal/RN.

<sup>103</sup> Diretora Administrativo-financeira do CMEI Prof.<sup>a</sup> Marilanda Bezerra de Paiva – Prefeitura de Natal/RN.

<sup>104</sup> Coordenadora Pedagógica do CMEI Prof.<sup>a</sup> Marilanda Bezerra de Paiva – Prefeitura de Natal/RN. XX ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL / II ENCONTRO NACIONAL DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL. NATAL-RN, 2023. CADERNO DE PROGRAMAÇÃO E ANAIS DO EVENTO.





No decorrer do ano letivo de 2022 e já com vista a fazer um trabalho mais sistemático de estudo com as professoras, pensamos em estratégias para que momentos de formação acontecessem em nosso CMEI, principalmente porque muitas das professoras eram novatas e não tinham a vivência e experiência com a proposta do CMEI.

Primeiramente, começamos a reunir as professoras nas sextas-feiras nos momentos de palnejamento – 11h às 12h (matutino) e 12h às 13h (vespertino). Como só tínhamos uma hora com elas, precisávamos ser objetivas, por isso pensamos em apresentar, em março e abril, alguns pontos importantes da nossa Proposta Político Pedagógica (PPP), como: conceito de criança e infância, saberes e fazeres da Educação Infantil, papel do professor, descritos em nossa proposta.

Em junho nos detemos no projeto sobre o São João, planejando vivências e experiências que contemplassem a valorização da cultura nordestina.

O trabalho com Projetos de Pesquisa acontece desde 2008 no CMEI Marilanda e é uma parte importante da nossa proposta, mas as professoras novatas nunca tinham trabalhado com esse tipo de metodologia. Por esse motivo, precisávamos fazer um estudo sobre esse tema. Realizamos, então, a 1ª Formação Compartilhada, que contou com a participação de mais de 30 professores e estagiários de três CMEIs da Rede Municipal de Natal.

Nessa formação, trabalhamos um dos capítulos do livro livro “Projetos Pedagógicos na Educação Infantil” (2008) de Maria Carmem Silveira Barbosa e Maria da Graça Souza Horn, e as professoras puderam ter a noção do trabalho com projetos, que se concretizaram nos meses de julho a setembro. Os temas eram variados ente as nove turmas: barco, lixo, trem, formiga, avião, minhoca, índios, palhaço e urubu. As produções dos projetos foram expostas na Festa da Família, momento em que a comunidade escolar é convidada a prestigiar as produções das crianças.

Em outubro e novembro, estudamos sobre desenvolvimento da linguagem escrita. Em dezembro e janeiro nos debruçamos nos relatórios finais, dando ênfase ao observar e registrar o desenvolvimento das crianças ao longo do ano.

Foi um ano com muitos desafios, mas conseguimos colocar em prática muitas coisas das quais tínhamos planejado quanto ao trabalho junto com os professores.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, entendemos que a formação continuada na Educação Infantil é algo que precisa fazer parte da prática e dia a dia do professor. Acreditamos que ela fortalece a identidade do professor enquanto mediador do processo educativo e que essa prática tem reflexo no desenvolvimento integral das crianças. Nosso objetivo maior é que as crianças tenham oportunidade de vivenciar experiências positivas de aprendizagem e sejam sempre o centro de todo o processo educativo.

#### 5. REFERÊNCIAS



BARBOSA, Maria Carmem Silveira; HORN, Maria da Graça Souza. **Projetos pedagógicos na educação infantil**. Porto Alegre: Grupo A, 2008.



## MINHOQUINHA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Maria Lúcia da Silva Bernardo Pinheiro<sup>105</sup>

Isabel Cristina de Lima Silva<sup>106</sup>

Nair Lima dos Santos<sup>107</sup>

**Palavras-chave:** 1. Educação Infantil; 2. Pedagogia de Projetos; 3. Minhoca;

### 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho resulta de uma pesquisa desenvolvida na turma do nível III da do Centro Municipal de Educação Infantil Prof.<sup>a</sup> Marilanda Bezerra de Paiva, localizado no Bairro Guarapes, Zona Oeste de Natal-RN, durante os meses de julho a setembro de 2022. A turma era composta por 22 crianças, e dentre elas uma menina com Transtorno do Espectro Autista. Pretende-se apresentar aqui o relato dessa experiência, que teve por objeto de pesquisa o animal **MINHOCA**.

### 2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Adotamos como metodologia para esse trabalho o relato de vivência, descrevendo a trajetória da pesquisa desenvolvida na turma.

O CMEI tem por metodologia de trabalho a Pedagogia de Projetos, na qual ver a criança “como um ser capaz, competente, com intenso potencial e desejo de crescer” (Barbosa e Horn, 2008, p.87). nesse sentido, o tema foi escolhido pela própria turma durante uma roda de conversas. Após um relato de uma criança sobre uma minhoca em sua cama, a turma começou a fazer vários comentários, e a professora as questionou se gostariam de estudar sobre a minhoca, todos disseram que sim.

Levantamos as ideias prévias e os questionamentos da pesquisa. Como é o corpo da minhoca, se têm olhos, como respira, o que come, se era bom para a horta, foram algumas das questões levantadas e nortearam nossa pesquisa, que teve como objetivo geral conhecer o animal minhoca, suas características físicas, habitat, alimentação, reprodução e sua importância para o meio ambiente.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

<sup>105</sup> Educadora Infantil do CMEI Prof.<sup>a</sup> Marilanda Bezerra de Paiva – Prefeitura de Natal.

<sup>106</sup> Coordenadora Pedagógica do CMEI Prof.<sup>a</sup> Marilanda Bezerra de Paiva – Prefeitura de Natal.

<sup>107</sup> Diretora Pedagógica CMEI Prof.<sup>a</sup> Marilanda Bezerra de Paiva – Prefeitura de Natal.



Ao pensarmos nos direitos de aprendizagem descritos na Base Nacional Comum Curricular (2017), “Conviver, Brincar, Participar, Explorar, Expressar e Conhecer-se”, planejamos experiências significativas, nas quais as crianças pudessem participar de forma ativa durante todo o processo de construção da pesquisa.

No início da pesquisa, comunicamos às famílias sobre o tema e solicitamos materiais para a pesquisa. Uma das crianças trouxe para a sala algumas minhocas encontradas em seu quintal. Foi um momento bastante divertido e algumas crianças até as pegaram nas mãos.

Foram confeccionadas algumas minhocas com meias doadas pelas crianças, que atuaram como brinquedos de pelúcia, acompanhando as crianças na rotina da sala durante o restante do projeto e foi uma estratégia para abordar o tema da diversidade e inclusão dentro do grupo, ajudando as crianças a entenderem que a colega com TEA fazia parte do grupo, era importante enquanto criança da sala e precisava ser acolhida por todos.

Muitas outras experiências foram feitas, como: atividades com alfabeto móvel, releituras de imagens, pinturas, desenhos, modelagens, escritas espontâneas de palavras e textos, entre outras, que tornaram o projeto tão especial para as crianças.

Como forma de tornar o projeto ainda mais rico, fomos visitar o Parque das Dunas, e lá pudemos conversar com uma bióloga, que nos acompanhou durante a visita. Ao voltar do passeio, fizemos um texto coletivo e também muitos desenhos do que mais gostamos de ver.

As produções das crianças foram expostas na Festa da Família, evento que faz parte do calendário da instituição e reúne toda a comunidade escolar.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos que o projeto foi de grande interesse por parte das crianças, pois a cada nova descoberta, elas ficavam super empolgadas e queriam falar para todo mundo o que tinham aprendido. Percebemos ainda a participação das famílias no projeto, e eles contavam que as crianças chegavam em casa falando sobre a pesquisa.

Portanto, trabalhar com projetos proporciona ricas interações e trocas de conhecimento, por isso a pesquisa foi tão especial e significativo para as nossas crianças.

#### 5. REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Carmem Silveira; HORN, Maria da Graça Souza. **Projetos pedagógicos na educação infantil**. Porto Alegre: Grupo A, 2008.  
BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.



## OS CONHECIMENTOS MATEMÁTICOS NA CONSTRUÇÃO DA ROTINA EM TURMA DE BERÇÁRIO 2

Dominique Cristina Souza de Sena Maranhão<sup>108</sup>  
Kívia Pereira de Medeiros Faria<sup>109</sup>

**Palavras-chave:** Conhecimentos matemáticos. Rotina escolar. Bebês. Crianças bem pequenas. Berçário 2.

### 1 INTRODUÇÃO

O estudo discute como o conhecimento matemático é fomentado em turma de berçário 2, no Núcleo de Educação da Infância/UFRN, apresentando as possibilidades oportunizadas aos bebês e crianças bem pequenas na rotina escolar.

### 2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Pesquisa qualitativa que evidencia a ação interpretada pelo pesquisador e sujeitos, evitando-se a descrição reducionista de ações ou fenômenos (DESLAURIERS; KÉRISIT, 2012). Fundamenta-se em Smole (2003); Smole, Diniz e Cândido (2014); Vigotski (2007); Rosset, Webster, Fukuda e Almeida (2017) e nos seguintes documentos oficiais: Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) e Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010).

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As reflexões sobre o conhecimento matemático no berçário 2 demonstram a potência dos saberes que circulam em turma de bebês e crianças bem pequenas. Outro dado alerta que as experiências matemáticas fazem parte da vida cotidiana do sujeito, mas é preciso tornar evidente essas relações tanto para as crianças como para os professores.

---

<sup>108</sup> Pedagoga, Especialista em Arte na escola e Mestre em Arte pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. É professora efetiva do NEI-CAP/UFRN.

<sup>109</sup> Pedagoga, Mestre e Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. É professora efetiva do NEI-CAP/UFRN.



#### 4. CONCLUSÕES/CONSIDERAÇÕES FINAIS

A rotina no berçário 2 é intensa e propositiva, ao considerar os eixos estruturantes previstos para a educação infantil e assumir uma metodologia de trabalho garantidora do protagonismo das crianças na prática pedagógica.

#### 5. REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, 2010.
- DESLAURIERS, Jean-Pierre; KÉRISIT, Michèle. O Delineamento de pesquisa qualitativa. In: POUPART, Jean et ali. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 127 – 153.
- SMOLE, Kátia Stoco. **A matemática na educação infantil: a teoria das inteligências múltiplas na prática**. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- SMOLE, Kátia Stoco; DINIZ, Maria Ignez; CÂNDICO, Patrícia. **Figuras e formas: matemática de 0 a 6 anos**. 2. ed. Porto Alegre: Penso, 2014.
- ROSSET, Joyce M; WEBSTER, Maria Helena; FUKUDA, Joyce Eiko; ALMEIDA, Lucila. **Práticas comentadas para inspirar: formação do professor de educação infantil**. São Paulo: Editora do Brasil, 2017.
- VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.



## GT 04 – PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Discute os múltiplos aspectos dos anos iniciais do Ensino Fundamental, considerando os objetivos desta etapa do processo de escolarização, o sistema de ensino, o currículo, a avaliação e as demais dimensões teóricas e práticas do trabalho pedagógico desenvolvido com crianças de 7 a 11 anos, em contextos educativos.



## A LINGUAGEM ORAL NA ESCOLA: A APRESENTAÇÃO DE SEMINÁRIOS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Gilvania L.Souza Miranda<sup>110</sup>

Este trabalho relata vivências de uma atividade que evidencia o uso da linguagem oral destacando a importância de se realizar a apresentação de seminários com crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental (EF) no Núcleo de Educação da Infância (NEI), o Colégio de Aplicação (CAp) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), haja vista que ela proporciona o desenvolvimento e aperfeiçoamento da linguagem oral formal na escola.

**Palavras-chave:** Linguagem oral. Apresentação de Seminário. Ensino Fundamental.

### 1 INTRODUÇÃO

A apresentação de seminários é comum em turmas do EF mas a prática que destacamos foi estruturada após a nossa pesquisa de Mestrado, a partir da qual aprofundamos nossos conhecimentos acerca da oralidade como um eixo da Língua Portuguesa. Nela, refletimos que no uso da língua no dia a dia, encontramos mais situações de fala e escuta do que de escrita e leitura, mas a escrita é muitas vezes considerada formal e mais valorizada no âmbito escolar do que a oralidade (MARCUSCHI; DIONÍSIO, 2007), e a nossa prática, tinha entre os objetivos, desfazer essa dicotomia, e destacar novos aprendizados na escola.

### 2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

A prática pedagógica no NEI desenvolve-se a partir da metodologia do Tema de Pesquisa, adotado desde a reestruturação curricular de 1980, e se mantém até hoje pela sua “forma de considerar as experiências de vida e valores socioculturais das crianças, garantindo o acesso a experiências, em que possam expressar, ampliar e atualizar suas ideias, conhecimentos e sentimentos” (RÊGO, 2020, p.21). A escolha do tema é uma decisão motivada por dúvidas e interesses do grupo e, desde então,

---

<sup>110</sup> Mestre em Educação. Professora do NEI/CAp-UFRN (Núcleo de Educação da Infância / Colégio de Aplicação – Universidade Federal do Rio Grande do Norte).

XX ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL / II ENCONTRO NACIONAL DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL. NATAL-RN, 2023. CADERNO DE PROGRAMAÇÃO E ANAIS DO EVENTO.





propõem-se a vivência de atividades diversificadas, favorecendo o uso da linguagem oral das crianças, e entre elas, a apresentação de seminários.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A produção dos seminários no NEI corrobora com as ideias de Antunes (2003), que considera a linguagem como meio de interação social, e que pode ser organizada em etapas como: a organização das crianças em grupos, a divulgação dos temas, as orientações dos materiais a serem utilizados, e o planejamento da explanação. Nessa última, o objetivo não era ensinar as crianças a falarem, pois isso elas já sabiam, mas sim, desenvolver habilidades de modo que elas planejassem o discurso relacionado ao tema, considerando o público e a finalidade para o qual a atividade se destinava, aliando conhecimentos científicos, compreendendo o que é, e em que momento se utiliza a modalidade formal da linguagem (COSTA-MACIEL, 2013).

### 4. CONCLUSÕES/CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizamos diversos seminários e as crianças evoluíram, significativamente, no modo como se apresentaram e se expressaram com um texto oral sistematizado, usando-se da formalidade e estabelecendo uma boa relação entre a fala e a escrita considerando-as como aliadas e complementares, ampliando a competência comunicativa/discursiva.

### 5. REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. Assumindo a dimensão interacional da linguagem. In: **Aula de Português: Encontro e Interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003. P. 39-105.
- COSTA-MACIEL, Débora A. G. Oralidade e ensino: saberes necessários à prática docente. Educação e Cultura. Recife: EDUPE, 2013.
- MARCUSCHI, Luís; DIONÍSIO, Ângela P. **Fala e Escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- RÊGO, Maria Carmem F. D., O Currículo em movimento. In: **Caderno Faça e Conte** [recurso eletrônico]. CORDEIRO, Sandro da Silva (org.). Natal: Sedis-UFRN, 2020.



## ALFABETIZAÇÃO MATEMÁTICA POR MEIO DE JOGOS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Camila Rodrigues dos Santos<sup>111</sup>

Neyse Siqueira Cardoso<sup>112</sup>

**Palavras-chave:** Jogos matemáticos. Alfabetização matemática. Ludicidade.

### 1 INTRODUÇÃO

Apresentamos de forma reflexiva vivências e experiências com jogos para a alfabetização matemática, com a compreensão de que brincadeiras fazem parte do contexto cultural e social em que estamos inseridos e a alfabetização matemática é um objetivo fundamental traçado na BNCC e na Proposta Pedagógica NEI-CAP/UFRN para as crianças do Ensino Fundamental, em que a ludicidade do jogo, objeto cultural, e da matemática, linguagem humana, esta presente na vida cotidiana, apropriar-se deste conhecimento requer descobri-lo ao seu redor, vemos os jogos como ferramentas de ensino que apoiam o desenvolvimento do pensamento matemático nas crianças.

### 2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Com base nos referenciais bibliográficos Huizinga (1990), Smole (2007), Piaget (1976) e documentos como a proposta do NEI-CAP/UFRN (2017), BNCC (2017), este estudo de cunho qualitativo, objetiva analisar o trabalho pedagógico, desenvolvido com jogos matemáticos/recreativos no ano letivo de 2022, com crianças do 2º ano do ensino fundamental, em que exploramos o papel dos jogos no ensino-aprendizagem da matemática. Iniciamos com a participação das crianças no planejamento da ação, incentivamos o trabalho em grupo, a troca de pontos de vista e a resolução colaborativa de problemas, considerando as ações de leitura e representação do pensamento de suas compreensões e as formas de solucionar os problemas.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a realização dos jogos observamos nas crianças a construção de novas aprendizagens, habilidades e competências. A partir da compreensão de Smole

---

<sup>111</sup> Professora do Ensino Básico, Mestre e Doutora em Educação. NEI/CAP - UFRN. [camila@nei.ufrn.br](mailto:camila@nei.ufrn.br)

<sup>112</sup> Professora do Ensino Básico. Especialista em Educação. NEI/CAP - UFRN. [neysesiqueira@nei.ufrn.br](mailto:neysesiqueira@nei.ufrn.br)



(2007) as propostas de conteúdos matemáticos são múltiplas, diversificadas e relacionadas com as linguagens, as expressões e a formação sócio emocional da criança. Assim, intencionalmente selecionamos os jogos: adedonha/stop, some 10, amarradinhos/nunca 10 e ganha quem chegar a 100. Tendo esses, objetivos comuns de coletar, classificar e representar dados em tabela simples, quantificar palavras ou números por categoria, contando e comparando a pontuação dos jogadores. A partir dos jogos trabalhamos o tratamento das informações, o reconhecimento dos números naturais, utilização do cálculo mental na adição e subtração (juntar, acrescentar, separar, retirar), a resolução e elaboração de problemas e seus registros.

#### 4. CONCLUSÕES/CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por conseguinte, analisamos que as crianças transformaram o real em função das necessidades múltiplas de cada um, assimilando as realidades intelectuais, alcançando os objetivos de desenvolvimento e habilidades propostos nos jogos, no tratamento de dados, na elaboração e leitura de tabelas. Sendo essas vivências necessárias ao letramento matemático, concluímos que esses jogos proporcionam aprendizagem para as crianças e a alfabetização matemática, que esse estudo contribui para proposições didáticas e reflexões docentes acerca das contribuições que jogos matemáticos têm para a alfabetização e para a construção de conhecimentos pelo viés da ludicidade.

#### 5. REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/SEB, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso: 15/03/2022.

HUIZINGA, J. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. 2. ed. Trad. João P. Monteiro. São Paulo, Perspectiva, 1990, 236p.

PIAGET, J. **Psicologia e pedagogia**. Trad. Lindoso DA, Ribeiro da Silva RM. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1976.

SMOLE, K. S.; DINIZ, M. I. De S. V.; CÂNDIDO, P. T.. **Cadernos do Mathema: jogos de matemática de 1º a 5º anos**. Porto Alegre: Artmed, 2007.



## BRINCAM CRIANÇAS E DOCENTES

Edla Cristina S. C. da Silva<sup>113</sup>

**Palavras-chave:** Crianças. Docentes. Brincadeira.

### 1 INTRODUÇÃO

Este estudo relata as vivências da brincadeira “Bandeirinha” entre crianças e docentes da turma do 5º ano na hora do parque no Núcleo de Educação da Infância (NEI-CAP/UFRN).

Como sujeito ativo e participativo está cada criança, como protagonista do ser criança, produzindo cultura e significados sobre os signos sociais em suas interações (BRASIL, 2009). Nas interações, destaca-se, o docente mediando a brincadeira, argumentando para que todos possam brincar, em gesto cuidadoso, significativo e transformador (FREIRE, 2002), utilizando estratégias “para que o protagonismo das crianças [...] aconteça de modo significativo, lúdico e com sentido [...], gerando curiosidade, envolvimento e desejo de participação” (SILVA, 2021, p.28).

### 2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

O trabalho ancora-se em Freire (2002); Sarmiento (2004); observações e vivências da docente, seguindo uma perspectiva qualitativa de pesquisa, que agrupa estratégias para responder ao problema encontrado, riqueza de dados relativos a pessoas, situações, espaços, permitindo “investigar o fenômeno em toda a sua complexidade e em seu contexto natural” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 16).

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A sugestão da brincadeira “Bandeirinha” como reposta ao conflito pelo uso da quadra apenas para o jogo do futebol, ocasionou mudança nas relações entre as crianças e entre as crianças e a docente, ressignificando as relações instauradas na hora da brincadeira, reforçando que a presença de um adulto, professor ou não, é um fator catalisador em que todos os envolvidos expressam emoções e saberes por meio da brincadeira.

---

<sup>113</sup> Especialista em Educação, Ludicidade e Desenvolvimento Infantil pela UNIFACEX, atua como professora substituta no Nei-CAP/UFRN.

XX ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL / II ENCONTRO NACIONAL DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL. NATAL-RN, 2023. CADERNO DE PROGRAMAÇÃO E ANAIS DO EVENTO.



#### 4. CONCLUSÕES/CONSIDERAÇÕES FINAIS

A brincadeira “[...] é um espaço em que se ensina e se aprende, se instrui e se é instruído” (PRESTES, 2016, p. 29), assim, todos os envolvidos aprenderam a partir das trocas estabelecidas o que resultou no interesse pelo jogo, com um jeito próprio de jogar. Concluindo-se que novas formas de convivência social entre os envolvidos foram estabelecidas por meio da brincadeira.

#### 5. REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, 2009.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em pesquisa**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto, 1994.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- PRESTES, Z. **A brincadeira de faz de conta**. Trama Interdisciplinar, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 28-39, maio/ago. 2016.
- SARMENTO, M. J. **As Culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade**, Porto. Asa. (9-34), 2004.
- SILVA, E.C.S.C da. **O Tema de Pesquisa e os conhecimentos prévios no processo de ensino aprendizagem de crianças de 2 e 3 anos**.- UFRN, Natal, 2021.



## EDUCAÇÃO FINANCEIRA NA INFÂNCIA: ALGUNS APONTAMENTOS

Vanessa Alessandra C. Peixoto

Lucineide C. Araújo

**Palavras-chave:** Educação Financeira. Infância. Matemática.

### 1 INTRODUÇÃO

A temática da Educação Financeira na infância contribui para as aprendizagens relacionadas ao uso do dinheiro de forma consciente. Este trabalho visa compartilhar experiências que surgiu a partir de observações, realizada pelos professores, de interesse das crianças que envolviam o uso do dinheiro, como a venda de materiais/objetos. Essa observação possibilitou perceber o modo que as crianças lidam com o dinheiro, seja por meio de ações, de conversas, comentários coletivos. Assim, este trabalho objetiva apresentar a relevância da educação financeira e suas contribuições para o ensino e aprendizagem.

Acreditamos que ao ensinarmos formas saudáveis e conscientes de lidar com o dinheiro desde a infância, teremos uma sociedade com perspectivas mais positivas em relação à vida financeira.

### 2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Segundo Costa e Miranda (2013), a temática da Educação Financeira possui diversas subtemáticas que, quando bem aplicadas, geram resultados positivos. As crianças aprendem “[...] fazendo e revisando o que se fez junto com alguém que promove a reflexão” (PANIZZA e et al., 2006). O ensino de Educação Financeira na Infância é abordado por meio das unidades temáticas da Base Nacional Comum Curricular (BNCC): números, álgebra, geometria, grandezas e medidas, probabilidade e estatística. Realizamos uma pesquisa quali-quantitativa (RODRIGUES, OLIVEIRA E SANTOS, 2021). Utilizamos questionários abertos com 20 crianças, a fim de entender como surgiu a ideia de produzir, vender, escolha dos objetos, preços, gastos, lucros e divulgação.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO



O questionário, composto por 11 questões subjetivas, proporcionou subsídios para consolidarmos algumas conclusões sobre o ensino-aprendizagem de Educação Financeira na Infância, como o desenvolvimento de habilidades matemáticas, hábitos financeiros, o valor do dinheiro, economias. Assim, desde cedo, as crianças adquirem conhecimento que se amplia ao longo da vida, trazendo benefícios de modo consciente. Isso permite que, na vida adulta, elas saibam gerir o dinheiro, desenvolvendo uma perspectiva empreendedora desde a infância.

#### 4. CONCLUSÕES/CONSIDERAÇÕES FINAIS

O resultado dos questionários suscitou discussões e reflexões acerca da educação financeira na infância, proporcionamos a percepção de consumo baseada em definições e conceitos necessários à vida em sociedade. Além disso, ajudamos as crianças a estabelecer metas e objetivos financeiros ao lidarem com seus desejos de consumo. Defendemos que o planejamento para o futuro é essencial para que as crianças aprendam a usar o dinheiro de forma consciente e responsável.

#### 5. REFERÊNCIAS

COSTA, C. M.; MIRANDA, J. C; **Educação Financeira e taxa de poupança no Brasil**. Revista de Gestão, Finanças e Contabilidade, Salvador, v.3, n.3, p. 54-57, set/Dez, 2013.

PANIZZA, M. (Org.). **Ensinar matemática na educação infantil e nas séries iniciais**: análise e propostas. Porto Alegre: Artmed, 2006.

RODRIGUES, T. F. F.; OLIVEIRA, G.S.; SANTOS, J. A. **As pesquisas qualitativas e quantitativas na Educação**. Revista Prisma. Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 154-174, 2021.



## VIVÊNCIA SOCIALIZADORA DE CULTURA DE PARES NO ENSINO FUNDAMENTAL

Maria Patrícia Costa de Oliveira<sup>114</sup>

**Palavras-chave:** Cultura infantil. Socialização na escola da infância. Sociologia da Infância. Ensino Fundamental. Cotidiano escolar de crianças.

### 1 INTRODUÇÃO

Na convivência de crianças no meio escolar é comum nos depararmos com desafios, ambiguidades e conflitos que aparecem no desenvolvimento das habilidades sociais e interpessoais. A socialização geralmente é um aspecto oculto na aprendizagem escolar infantil, mas esse sentido social também deveria ser explicitado no planejamento. De fato, momentos coletivos organizados com esse propósito permitem às crianças construir sua cultura de pares. Para Corsaro (2005, 2011), no desenvolvimento social infantil, os temas básicos de uma cultura de pares entre crianças seriam: 1) o desejo de partilha e de participação social; 2) a persistência para alcançar ativamente o controle sobre suas próprias vidas.

### 2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Na ótica da socialização, se realizou um jogo da memória em uma turma do 4º ano do Ensino Fundamental com os conhecimentos sobre um tema de pesquisa (tecnologias), no qual as crianças organizadas em grupos deveriam associar cartelas em pares: uma delas tinha uma imagem do tema, e outra trazia um texto sobre a mesma imagem. Em seguida, elas propuseram regras do jogo, a partir das seguintes questões: a) O que acharam das informações sobre as imagens?; b) Todas têm o mesmo nível de desafio?; c) Como se faria a pontuação dos pares?; d) Podemos colocar valores diferentes para as fichas? Respondendo a essas questões, cada

---

<sup>114</sup> Doutoranda PPGEd/UFRN





grupo propôs suas regras, que eram apresentadas aos outros grupos. Enquanto isso, a professora anotava as regras propostas. Ao final, se decidiu coletivamente regras do jogo que fossem válidas para todos.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O objetivo aparente do jogo era o de ser uma atividade cognitiva, mas simultaneamente tinha o objetivo mais importante de ser um exercício de colaboração e de criação coletiva. Nele, as crianças tiveram uma experiência de vivenciar a cultura de pares, com negociações, discussão de normas, laços de amizade, desejos e relações com adultos.

### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção da cultura de pares na educação da infância deve se basear no desejo e na participação das próprias crianças, podendo ser um objetivo explícito ou não de vivências socializadoras. Logo, o uso de jogos e de brincadeiras, entre outras formas de atividades pedagógicas da escola, permite às crianças elaborarem interpretações sobre elas mesmas e sobre seus papéis sociais, na cultura de pares e diante dos adultos, como atores e produtores culturais competentes na sociedade da escola.

### 5. REFERÊNCIAS

CORSARO, W. A. **Sociologia da Infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.  
CORSARO, W. A. Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. **Educação e Sociedade**, vol. 26, n. 91, p. 443-464, Maio/Ago. 2005.



## O USO DE JOGOS EDUCATIVOS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NOS ANOS INICIAIS

Naara Câmara de Souza<sup>115</sup>  
Rebeca Campos Ramos<sup>2</sup>

**Palavras-chave:** Alfabetização. Letramento. Jogo. Ensino Fundamental.

### 1 INTRODUÇÃO

O artigo discute a relevância do uso de jogos educativos na alfabetização e letramento no Ensino Fundamental. O interesse pelo assunto surgiu ao perceber o potencial dos jogos para engajar crianças e fomentar a aprendizagem durante um Estágio Supervisionado. A pesquisa objetiva entender como os jogos afetam a alfabetização, letramento, prática docente e aquisição do conhecimento, com ênfase na escrita, leitura, e compreensão. A investigação ocorreu em uma escola de Natal, envolvendo uma turma de 1º ano e usando pesquisa-ação, entrevistas e aplicação de um jogo educativo. Em resumo, o artigo enfatiza a importância dos jogos educativos para a motivação e desenvolvimento de habilidades cruciais na leitura e escrita.

### 2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Soares (2021) define alfabetizar como a habilidade de codificar a língua oral em língua escrita e vice-versa, destacando que a alfabetização envolve tanto a representação de fonemas em grafemas quanto a compreensão e expressão de significados. O texto enfatiza que a alfabetização deve estar integrada ao letramento, que é a capacidade de usar a escrita em práticas sociais. Os processos de alfabetizar e letrar são descritos como interdependentes e simultâneos.

O trabalho também destaca a importância do uso de jogos educativos na sala de aula para alfabetizar de forma lúdica e prazerosa. Kishimoto (2011) diferencia jogos educativos, que têm um objetivo pedagógico, de jogos não educativos, que são escolhidos livremente pelas crianças. O jogo educativo é visto como um potencializador da aprendizagem, promovendo o desenvolvimento infantil e a construção de conhecimento.

---

<sup>115</sup> Graduanda do curso de Pedagogia. Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN.

<sup>2</sup> Professora do Núcleo de Educação da Infância - NEI/CAp/ UFRN . Doutorado em Educação .  
XX ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL / II ENCONTRO NACIONAL DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL. NATAL-RN, 2023. CADERNO DE PROGRAMAÇÃO E ANAIS DO EVENTO.



A pesquisa ocorreu em uma escola em Natal, com alunos do 1º ano, utilizando pesquisa-ação. A metodologia incluiu observação, entrevista com uma professora e a aplicação de um jogo de alfabetização chamado Dado Sonoro. O jogo visava desenvolver a consciência fonológica e compreender a estrutura sonora das palavras. A intervenção da professora e a interação entre os alunos foram importantes no processo. Os resultados sugerem que o jogo foi eficaz na alfabetização e na promoção da interação em grupo, apesar de um empate entre os grupos na definição do vencedor.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O estudo avaliou um jogo educativo para aprimorar habilidades de alfabetização e letramento em crianças do 1º ano. Os resultados indicaram que o jogo melhorou a consciência fonológica, ajudando-as a identificar sílabas e fonemas e perceber similaridades sonoras em palavras. As crianças exploraram a relação entre fonemas e grafias, embora algumas tenham confundido representações fonema-grafema. O jogo também fomentou o letramento, promovendo trabalho em grupo, regras, diálogo e conexão entre fonemas e grafias. Houve variação nas reações das crianças ao jogo. A repetição consecutiva do jogo resultou em melhorias, como maior reconhecimento de sílabas iniciais, facilidade na associação fonema-grafia e interação grupal. O estudo sugere que jogar repetidas vezes em dias seguidos é eficaz na aquisição da língua escrita.

### **4 CONCLUSÕES/CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A conclusão enfatiza a relevância dos jogos educativos na educação, destacando seu papel na promoção de uma aprendizagem lúdica e significativa. Os jogos são benéficos para o desenvolvimento infantil, interações sociais e alfabetização, servindo como um potencializador no processo de aprendizagem. Além disso, ressalta que a integração dos jogos na educação pode alcançar metas pedagógicas e enriquecer a construção do conhecimento, especialmente durante a transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental.

### **5. REFERÊNCIAS**



SOARES, Magda. As muitas facetas da alfabetização. *In:* \_\_\_\_\_. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2021. p. 13-28.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. O jogo e a educação infantil. *In:* KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 2011. p. 15-48.



## INTERLOCUÇÕES ENTRE DIFERENTES ÁREAS DO CONHECIMENTO NO DESENVOLVIMENTO DE UM TEMA DE PESQUISA

Bárbara Raquel Coutinho Toscano Azevedo<sup>116</sup>  
Janaina Speglich de Amorim Carrico<sup>117</sup>

**Palavras-chave:** Ensino e aprendizagem. Interdisciplinaridade. Educação das infâncias.

### 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem o intuito de provocar uma reflexão sobre os desdobramentos interdisciplinares de um *Tema de Pesquisa*, deflagrado junto a uma turma de crianças de 9 anos, matriculadas no 3º ano do Ensino Fundamental do Núcleo de Educação da Infância, NEI-Cap/UFRN. Foi possível, a partir de um único tema, no caso o sistema circulatório, proposto pelas crianças e problematizado coletivamente, articular os conhecimentos das Ciências Humanas em um tema de pesquisa que convocava, em um primeiro momento, os conhecimentos das Ciências Naturais. Diante da experiência trazida neste trabalho, questionamo-nos sobre como é possível proporcionar a articulação das áreas do conhecimento, no Ensino Fundamental, a partir de um único tema de pesquisa.

### 2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

O tema de pesquisa é a abordagem metodológica adotada pela equipe do NEI-Cap/UFRN e visa articular três dimensões básicas nos processos de ensinar e aprender: os *conhecimentos dos campos de experiências e saberes* que se quer tornar disponíveis às crianças; o *contexto sociocultural das crianças*, ou seja, as suas realidades imediatas, e os *aspectos vinculados diretamente à aprendizagem*, aqui concebida como processo que propicia mudanças no desenvolvimento humano por meio da construção de conhecimentos, valores e habilidades da cultura e da sociedade (VYGOTSKY, 2011). Na dinâmica da abordagem metodológica do Tema de Pesquisa, o conhecimento produzido pelas crianças é articulado entre as áreas do conhecimento de modo que as questões iniciais das crianças, relacionadas à temática

---

<sup>116</sup> Doutoranda em Educação, professora do Núcleo de Educação da Infância/UFRN. Coordenadora de Ensino do Núcleo de Educação da Infância/UFRN.

<sup>117</sup> Doutora em Educação, professora do Núcleo de Educação da Infância/UFRN. Coordenadora de Pesquisa e Extensão do Núcleo de Educação da Infância/UFRN.

XX ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL / II ENCONTRO NACIONAL DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL. NATAL-RN, 2023. CADERNO DE PROGRAMAÇÃO E ANAIS DO EVENTO.



que desejam investigar, apontam os caminhos possíveis para o desenrolar da temática. Em nosso contexto, o tema escolhido foi o “sistema circulatório”, cuja articulação com as Ciências Naturais mostrava-se evidente. Diante disso, questionava-nos sobre como alinhar os conhecimentos das Ciências Humanas no referido estudo.

A princípio, as crianças relataram as suas experiências com o tema e apontaram o que já sabiam e o que gostariam de saber. Após um estudo inicial sobre a temática “sistema circulatório”, levantamos as questões de estudo e construímos uma rede temática a partir da qual torna-se possível organizar os caminhos do trabalho. Destacamos algumas experiências significativas que foram desenvolvidas de modo a envolver as Ciências Naturais e Sociais: **Tica cardiovascular**, uma brincadeira criada pelo grupo, como forma de compreender as trocas gasosas que ocorrem entre as veias e as artérias com o coração. Dessa maneira, as crianças construíram as regras da brincadeira, utilizaram o corpo para expressar a informação, como também envolveram as relações espaciais na escola para simbolizar um corpo humano. **Estudo de um coração humano**: outra atividade de grande relevância para nosso tema de pesquisa foi conhecer um coração humano a partir da parceria com um laboratório de anatomia da UFRN. Identificamos as partes e as funções do coração, além de desmistificar o desenho estereotipado desse órgão. **Pesquisa sobre tipos de sangue e campanha de doação de sangue**: a fim de consolidar nosso estudo construímos uma ação efetiva devido ao fato de os estoques de sangue estarem baixos, decorrente da redução das doações durante a pandemia.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em nosso relato podemos refletir um pouco sobre o trabalho pedagógico realizado com um tema de pesquisa e destacar o modo como é possível articular diferentes áreas do conhecimento. Um tema que, aparentemente, trazia maior aderência com as Ciências Naturais desdobrou-se em uma campanha de cunho eminentemente social. Nosso trabalho evidenciou as possibilidades de práticas pedagógicas inventivas e significativas, cujos protagonistas foram as crianças.

### 4. CONCLUSÕES/CONSIDERAÇÕES FINAIS

O relato trouxe um recorde do vivido, sendo possível apresentar apenas um pouco dos desdobramentos experimentados nesse tema de pesquisa. Conseguimos também, refletir sobre as possibilidades práticas do trabalho interdisciplinar a partir da articulação das Ciências Naturais, da Geografia, da Matemática, da História e da Língua Portuguesa.

### 5. REFERÊNCIAS

XX ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL / II ENCONTRO NACIONAL DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL. NATAL-RN, 2023. CADERNO DE PROGRAMAÇÃO E ANAIS DO EVENTO.



BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

DELIZOICOV, D.; ANGOTTI, J. A.; PERNAMBUCO, M. M. C. A. Ensino de Ciências: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002.

FUMAGALLI, Laura. O ensino de ciências naturais no nível fundamental de educação formal: argumentos a seu favor. In: WEISSMANN, Hilda (Org.). **Didática das ciências naturais: contribuições e reflexões**, Porto Alegre: ArtMed, 1998.

RÊGO, Maria Carmem Freire Diógenes. O currículo em movimento. Caderno Faça e Conte. Natal: EDUFRN, nº 2, 1999.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.



## O GÊNERO POEMA NA ELABORAÇÃO DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Luzia Liniane do Nascimento Silva<sup>118</sup>

Jéssica Luana da Silva<sup>119</sup>

Ivone Priscilla de Castro Ramalho<sup>120</sup>

Vanessa Alessandra Cavalcanti Peixoto<sup>121</sup>

Este trabalho é fruto das experiências vivenciadas no estágio supervisionado no Ensino Fundamental I, do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) realizado no semestre 2023.1. Trata-se de uma sequência didática elaborada para a turma do 1º ano que teve o objetivo de contribuir com o processo de alfabetização das crianças a partir dos poemas musicados de Manoel de Barros. A temática surgiu da observação dos momentos em que as crianças solicitavam ouvir na roda inicial as músicas do autor e da oportunidade de ajudá-las a desenvolver a consciência fonológica por meio das rimas. Ao final da sequência, tivemos como resultado um livro cartaz contendo o poema produzido e a socialização do produto com as crianças. As atividades desenvolvidas proporcionaram uma aprendizagem significativa, considerando o interesse da turma e a sua participação ativa, para aproximá-las das práticas de leitura e escrita.

**Palavras-chave:** Sonoridade. Leitura. Alfabetização.

### 1 INTRODUÇÃO

A escrita deve ter significado para as crianças, e, nesse sentido, uma necessidade intrínseca deve ser despertada nelas, de modo que a incorporem como uma tarefa necessária e relevante para a vida (Vygotsky, 2007). Nessa perspectiva, compreendemos os dois processos – alfabetização e letramento – como indissociáveis, simultâneos e interdependentes, em que a criança se alfabetiza em situações de letramento, no contexto e por meio de interação com material escrito real, além de sua participação em práticas sociais de leitura e de escrita (Soares, 2017). Assim, a partir do interesse das crianças pelos poemas cantados de Manoel de Barros por meio do grupo musical Crianceiras, percebemos, com isso, uma potente estratégia para introduzir o gênero poema como possibilidade de estimular a aquisição do sistema alfabético de escrita em uma turma do 1º ano.

<sup>118</sup> Discente de graduação no curso de Licenciatura em Pedagogia. UFRN.

<sup>119</sup> Discente de graduação no curso de Licenciatura em Pedagogia. UFRN.

<sup>120</sup> Docente do Núcleo de Educação da Infância – NEI/CAP-UFRN.

<sup>121</sup> Docente do Núcleo de Educação da Infância – NEI/CAP-UFRN.





## 2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Trata-se de um relato de experiência, o qual é produzido por meio de uma vivência acadêmica/profissional e que tem a descrição da intervenção como sua característica principal (Mussi, Flores e Almeida, 2021). Durante o estágio foi desenvolvida uma sequência didática em 6 encontros. Essa modalidade organizativa pressupõe um trabalho pedagógico estruturado em uma determinada progressão, durante um período definido que podem envolver textos de um mesmo autor, gênero, atividades artísticas e conteúdos interdisciplinares (Nery, 2007) e tem como finalidade auxiliar o aluno a compreender melhor um gênero textual, possibilitando empregá-lo adequadamente nas situações de comunicação (Dolz, Noverraz, Schneuwly, 2004). Assim sendo, ajuda os alunos a dominarem novas práticas de linguagem, aprimorando suas habilidades linguísticas e discursivas.

No primeiro encontro da sequência didática elaborada, apresentamos às crianças a nossa proposta e ouvimos a canção/poema Bem-te-vi do projeto Crianceiras. Este é um projeto educativo proposto pela musicalização dos poemas de Manoel de Barros pelo cantor e compositor Márcio De Camillo. O público-alvo abrange a educação infantil e o ensino fundamental. A proposta oferece aos educadores a oportunidade de mergulhar na escrita brasileira e fazer articulações com diferentes áreas do conhecimento (Camillo, 2012). No segundo encontro, explicamos o gênero biografia e fizemos a autobiografia da turma coletivamente. No terceiro, abordamos a estética do poema e escolhemos o pássaro para a escrita do poema. No quarto, aprendemos sobre o pássaro escolhido: beija-flor. No quinto, as crianças preencheram com rimas as lacunas do poema produzido por nós e escolheram o seu título. No último, apreciaram a obra realizada.

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A realização da sequência didática possibilitou as crianças aprenderem sobre as características do gênero textual poema, versos, estrofes e rimas, além de retomar o trabalho com os gêneros textuais biografia e autobiografia por meio da apresentação da história de vida de Manoel de Barros e da produção coletiva de um texto autobiográfico da turma. Durante as atividades, as crianças escreveram de maneira coletiva, leram em grupos e individualmente. Proporcionar as crianças o acesso a diferentes gêneros textuais auxilia na formação do leitor, ajudando também na compreensão das diferentes situações sociocomunicativas (Mendonça, 2007; Soares, 2017). As crianças se aproximaram da escrita e da leitura e ainda da natureza presente na escola, a correlação entre os conteúdos e a realidade do aluno é fundamental para que a aprendizagem adquira sentido (Freire, 1987). Elas participaram ativamente de todo o percurso, sendo notório o seu progressivo engajamento a cada etapa. Dessa forma, o trabalho pedagógico contribuiu para o desenvolvimento de habilidades linguísticas das crianças e, conseqüentemente, para a superação gradativa das dificuldades acerca da compreensão e uso da língua.



#### 4. CONCLUSÕES/CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta experiência contribuiu para fazermos articulação entre teoria e prática a partir das nossas observações na turma. Usamos ferramentas e conhecimentos adquiridos ao longo da nossa trajetória acadêmica, o que colaborou bastante para a nossa formação profissional e ampliação de nossas concepções e repertório.

#### 5. REFERÊNCIAS

- CAMILLO, Márcio de. Disco. 2012. Disponível em: <http://www.crianceiras.com.br/manoel-de-barros/disco>. Acesso em: 11 set. 2023.
- DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michele; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. *In*: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado das letras, p. 95-128, 2004.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- MENDONÇA, Márcia. Análise linguística: refletindo sobre o que há de especial nos gêneros. *In*: Santos, Carmi Ferraz; Mendonça, Márcia; Cavalcante, Marianne C. B. (Orgs.). **Diversidade textual: os gêneros na sala de aula**. Belo Horizonte: Autêntica, p. 73-88, 2007.
- MUSSI, R. F.; FLORES, F. F.; ALMEIDA, C. B. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Revista práxis educacional**, v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021.
- NERY, Alfredina. Modalidades Organizativas Do Trabalho Pedagógico: Uma Possibilidade. *In*: Beauchamp, Jeanete; Pagel, Sandra Denise; Nascimento, Aricélia Ribeiro do (Orgs.). **Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, p.109- 135, 2007.
- SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. – 7 ed. – São Paulo: Contexto, 2017.
- VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. – 7 ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2007.



## A TUTORIA COMO FERRAMENTA PARA UMA AVALIAÇÃO DIALÓGICA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Luiza Marina S. de Negreiros<sup>122</sup>

Luiza Marina S. de Negreiros<sup>2</sup>

Ana Luiza O. Dantas<sup>3</sup>

**Palavras-chave:** Diálogo. Tutoria. Avaliação.

### 1. INTRODUÇÃO

A mudança no sistema educacional, não visa somente o “esquecimento” da metodologia tradicional, que segundo Freire (2013) também pode ser chamada de educação bancária, mas sim a reorganização da educação, visando o “aprender” integral da criança, com foco em seu protagonismo, independentemente da idade. Surge então uma necessidade de maior atenção às especificidades de cada uma que irá vivenciar, principalmente, o ensino fundamental.

Na Apoema Escola Dialógica o ensino fundamental, anos iniciais, é estruturado por ciclos, tendo o 1º ciclo em vigor atualmente que corresponde a três etapas de ensino (1ª, 2ª e 3ª etapas) juntamente com a tutoria, que tem o papel de avaliar o processo de aprendizagem das crianças.

Neste sentido, o presente estudo tem como objetivo apresentar como experiências exitosas observações feitas nos encontros da tutoria com crianças que estão na 1ª etapa do ensino fundamental da Apoema.

### 2. ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

A ideia é que, com base nos encontros, a professora tutora compartilhe seu olhar com os professores de referência da turma a fim de que juntos busquem estratégias significativas para as aprendizagens. Os objetivos avaliados foram de Língua Portuguesa, descritos na BNCC da seguinte forma:

- (EF01LP02) Escrever, espontaneamente ou por ditado, palavras e frases de forma alfabética – usando letras/grafemas que representem fonemas;
- (EF01LP10) Nomear as letras do alfabeto e recitá-lo na ordem das letras.

A metodologia usada foi o uso do alfabeto móvel e a leitura de fragmentos de um livro.

<sup>122,2</sup> Professora tutora. Graduada em Ciências Biológicas e Pedagogia. Apoema Escola Dialógica.

<sup>3</sup> Coordenadora Pedagógica. Graduada em Pedagogia. Apoema Escola Dialógica.

XX ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL / II ENCONTRO NACIONAL DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL. NATAL-RN, 2023. CADERNO DE PROGRAMAÇÃO E ANAIS DO EVENTO.



### 3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

De início, foi observado que todas as crianças souberam as letras iniciais, mas poucas conseguiram organizar até o final da ordem alfabética. Durante a leitura, a maioria das crianças reconheceram a letra inicial das palavras e ordenou, onde é visto que a rotina com livros é essencial, tanto na escola com em outros espaços. Também é importante destacar que o respeito pelo tempo da criança é um dos pilares do ensino por ciclos.

Todas essas percepções são dialogadas com os professores de referência para que possam trabalhar as habilidades e desafios de cada um em sala de aula.

### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que a tutoria tem um papel de importância no “olhar cuidadoso” para o aprender da criança, onde visa os avanços, desafios e retornos, junto dos professores de referência, para que ela elabore seus conhecimentos.

### 5. REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.



## EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS: QUAIS POSICIONAMENTOS SÃO REVELADOS NOS DISCURSOS DAS CRIANÇAS?

Pollyana Lúcia Mangabeira<sup>123</sup>  
Juliana de Melo Lima<sup>124</sup>

**Palavras-chave:** Educação em Direitos Humanos. Discursos. Crianças.

Esta pesquisa decorre do Projeto de Ensino sobre Direitos Humanos, desenvolvido no Núcleo de Educação da Infância - CAp / UFRN, através do estágio obrigatório no Ensino Fundamental I. O estudo foi orientado pela questão: o que dizem os discursos de um grupo de crianças envolvidas em um debate sobre violações de direitos humanos? O objetivo deste estudo se constituiu em investigar os posicionamentos das crianças em relação aos Direitos Humanos. Fundamenta-se pela relevância da Educação em Direitos Humanos (EDH) na construção de uma sociedade isonômica, em que os sujeitos, enquanto seres interacionistas, concebam a si e ao outro como detentores de direitos que são inalienáveis.

Classificada como exploratória e descritiva, a pesquisa assumiu abordagem qualitativa (GIL, 2008), sendo a Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977) decorrente da geração de dados advindos dos discursos das crianças participantes. A experiência ocorreu em quatro encontros, porém a discussão, para este trabalho, desenvolveu-se acerca do segundo encontro. Este teve como base o diálogo a partir da leitura do livro: Ser criança é... o Estatuto da Criança e do Adolescente para Crianças (2009), de Fábio Sgroi, em que foram debatidos os conceitos envolvendo a temática e os posicionamentos das crianças a respeito de violações de direitos.

Os diálogos produzidos pelas crianças revelaram posturas firmes e indignação no reconhecimento e/ou na vivência de situações que violam os direitos humanos, reforçando o que diz Kramer (2007, p. 15): “crianças são cidadãs, pessoas detentoras de direitos, que produzem cultura e são nela produzidas”.

A educação é um instituto privilegiado para integrar a vivência em Direitos Humanos, de forma que retrocessos não sejam admitidos. O processo revelou quão envolvidas as crianças são em debates e em ações que refletem no exercício da cidadania (CHAUI, 2006), corroborando que não é cabível pensar que a escola é espaço, apenas, de receber conteúdo, é importante assumi-la como lócus que interage politicamente com a sociedade.

<sup>123</sup> Professora da Educação Básica, Graduada em Pedagogia - UFRN, Secretaria Municipal de Educação de Macaíba/RN, polyana.ana@hotmail.com;

<sup>124</sup> Professora do Ensino Superior/UFRN, Doutora em Educação - UFPE, ju.mlima@yahoo.com.br.



## REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- CHAUI, Marilena. **Direitos Humanos e Educação Congresso sobre Direitos Humanos**. Brasília, p. 1-14, 30 ago. 2006.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: 6. Ed. Atlas, 2008.
- KRAMER, Sônia. A infância e sua singularidade. In: BRASIL. **Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade / organização Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento**. –Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.
- SGROI, Fábio. **Ser Criança E... Estatuto Da Criança E Do Adolescente Para Crianças**. Mundo Mirim, 2009.



## GT 05 – MOVIMENTOS SOCIAIS E PROCESSOS EDUCATIVOS - EDUCAÇÃO POPULAR E EDUCAÇÃO DO CAMPO

Apresenta estudos e experiências relacionadas aos sujeitos da educação escolar, às comunidades indígenas, da itinerância e do campo, com ênfase nas questões de risco social, no diálogo entre culturas e nos direitos humanos. De um modo geral, explora as relações entre as infâncias e os processos educativos no contexto social e político, bem como analisa os movimentos sociais relacionados à Educação, tais como: Educação do/no campo; Educação Popular.



## CURRÍCULO, CULTURAS LOCAIS E EDUCAÇÃO INFANTIL DO CAMPO – O QUE DIZEM AS PESQUISAS?

Maria Izabel Jerônimo <sup>125</sup>

Denise Maria de Carvalho <sup>126</sup>

**Palavras-chave:** Currículo. Educação do Campo. Cultura Local.

### 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho compreende um recorte de pesquisa em andamento que trata sobre a presença de culturas locais nos currículos das instituições de Educação Infantil do Campo. Compreendemos que currículos em geral precisam integrar, além da parte comum, definida na BNCCEI (BRASIL, 2017), uma parte diversificada, que envolve organização do cotidiano e experiências próprias das culturas locais. Essa questão assume caráter crucial com relação ao contexto sociocultural do Campo, cujos saberes e fazeres guardam singularidades que precisam ser reconhecidas e integradas na escola da infância. Considerando a relevância do tema para a compreensão de currículos de qualidade para as crianças do Campo, neste resumo analisamos estudos já produzidos.

### 2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

O levantamento sistemático das produções (GIL, 2008) considerou os seguintes indicadores: a) fontes - o site da Biblioteca Brasileira de Teses e Dissertações - BDTD e os Anais das Reuniões da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação - ANPED - GT7 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos; b) recorte temporal de 2009 (ano da publicação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil - DCNEI que definem objetivos e proposições para a Educação Infantil do Campo) a 2021; c) descritores: Educação Infantil; Cultura Local; Currículo; d) resumos e palavras-chave dos trabalhos.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

De um total de 53 trabalhos resultantes da pesquisa no site da BDTD, foram selecionados apenas 2, sendo uma Tese e uma Dissertação. Nos Anais das reuniões

<sup>125</sup> Mestranda em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

<sup>126</sup> Professor Associado IV da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).





da ANPED - GT7, foram encontrados 3 trabalhos, em formato de artigos . Totalizando 5 pesquisas que abordam o tema em estudo. Os estudos apontam, em relação às culturas locais nos currículos, embora não traga especificamente este termo: possibilidades de um currículo a partir da “Identidade Cultural”; currículo pensado e transformado em “práticas locais” para crianças da educação infantil do campo. Os trabalhos publicados nos anais da ANPED e selecionados estão voltados para análise de experiências educativas de crianças do campo no âmbito familiar e social; as expectativas das famílias do meio rural quanto à oferta e demanda da educação para crianças de zero a quatro anos no seu contexto local.

#### 4. CONCLUSÕES/CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas publicações identificadas, constata-se: número reduzido de estudos que abordem especificamente o tema; necessidade de mais investigações que possam oferecer a possibilidade de (re)construção de um currículo para crianças residentes no Campo e que considere sua parte diversificada, evidenciada nos documentos curriculares nacionais e/ou estaduais.

#### 5. REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, MEC, 2017.

GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. - 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.



## É URGENTE ESCUTAR AS CRIANÇAS DO CAMPO

Matteus Vinicius Gomes Luz<sup>127</sup>

**Palavras-chave:** Infâncias. Campo. Crianças.

### 1 INTRODUÇÃO

A criança é a representação do novo, nesse sentido, percebemos a singularidade do fazer pesquisa com crianças que nos mostra um campo de possibilidade de estudo, como também formas de ser/fazer pesquisador, nesse sentido presente estudo objetiva destacar o processo de escuta das crianças enquanto percurso metodológico de pesquisa.

### 2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICO

A pesquisa tem como base os estudos qualitativos na perspectiva alternativa Freire (1981) e nos direcionamentos ativistas de D'Souza (2013), por isso ressaltamos a urgência da escuta das crianças como procedimento da pesquisa, conforme os estudos de Rocha (2008). Assim a partir da observação de campo em uma turma multi de Educação Infantil com crianças de 4 a 6 anos em uma escola rural da cidade de Mossoró-RN, ressaltamos a utilização do diário de campo para apontar os primeiros achados relacionado a presença do pesquisador em sala de aula com as crianças.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As vozes, os encontros e os ditos estão presentes nos primeiros passos da pesquisa, assim percebemos que temos muito a aprender com as crianças para se fazer presente no mundo. Visto que, as crianças demonstram uma receptividade única e nos mostra o caminho a partir da observação. As crianças são capazes de revelar inicialmente, as suas curiosidades sobre a presença de um “estranho” na sala, as suas percepções sobre os conflitos que surgem na rotina da aula, afetividade em

---

<sup>127</sup> Mestrando do Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Email: matteusluz@gmail.com

XX ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL / II ENCONTRO NACIONAL DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL. NATAL-RN, 2023. CADERNO DE PROGRAMAÇÃO E ANAIS DO EVENTO.



conhecer o novo e o desejo de saber se voltamos no outro dia. Nesse sentido percebemos que para fazer pesquisa é preciso nos provocar, nos inquietar e nos desfazer todo dia e encontrar sem algo novo.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No tocante em ser um militante das infâncias percebo que a caminhada para o reconhecimento de forma plena das crianças como sujeito social de direito, ainda tem muitas travessias e alguns desvios que levam sempre aos mesmos caminhos, mas quando ouvimos as crianças estamos aprendendo a atravessar esses caminhos em comunidade e quem sabe chegar a um destino diferente.

#### 5. REFERÊNCIAS

D'SOUZA, Radha. **As prisões do conhecimento: pesquisa ativista e revolução na era da “globalização”**. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (org.). Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez, 2013. cap.4. p. 119-144.  
FREIRE, Paulo. **Criando métodos de pesquisa alternativa**. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Pesquisa participante. São Paulo: Brasiliense, 1981. p. 34-41.  
ROCHA, Eloísa Acires Candal. **Por que ouvir as crianças? Algumas questões para um debate científico multidisciplinar**. In CRUZ, Silva Helena Vieira. (org.). A criança fala: escuta de crianças em pesquisa. São Paulo: Cortez, 2008. cap.2. p. 43 -51.



## DECOLONIALIDADE E ARTE: METODOLOGIA E CONTEMPORANEIDADE

Josiane Beloni de Paula<sup>128</sup>

**Palavras-chave:** Arte. Decolonialidade. Contemporaneidade.

### 1 INTRODUÇÃO

Este texto é resultado de um compartilhamento de estudos no grupo de pesquisa: Arte e Infância Nei-Cap/UFRN, um debate sobre a decolonialidade e a arte, trazendo o olhar caleidoscópico da decolonialidade, o qual se encontra na contemporaneidade da arte. Olhar caleidoscópico porque se constitui na diversidade cultural e mira para outras formas de ver e olhar a arte e a dinâmica da sociedade a qual estamos inseridos.

O grupo Arte e Infância têm com um dos seus interesses de pesquisa as interfaces entre as Relações Étnico Raciais e os conteúdos das Arte em ambientes de Educação Infantil, o diálogo sobre Arte e Decolonialidade atendia ao desejo formação interna dos participantes do grupo. Para iniciar esse momento de formação do grupo foi preciso explicitar o que entendemos por decolonialidade. Para pensar a decolonialidade é preciso considerar a noção de independência, passamos pela descolonização, não somos mais colônia das grandes nações navegadoras, porém vivemos até hoje a colonialidade, que é imprime um padrão mundial de vida, ditado por alguns para todos.

Para a pesquisadora Catherine Walsh (2009) a colonialidade é a forma pela qual uns se sentem superiores a outros produzindo um lastro de discriminação racial.

Percebemos na arte as possibilidades de resistências as diversas formas de colonialidade e o olhar caleidoscópico da decolonialidade.

### 2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Para pensarmos esta outra forma de olhar o mundo e produzir arte, nos inspiramos na interculturalidade crítica a qual nos desperta para a sensibilidade do olhar, visualizando o mundo com um olhar outro, por outros ângulos. Sair da visão única e ver por meio de olhares outros, formas outras de ser e estar no mundo, não

---

<sup>128</sup> Doutora em Educação - UFSC. Professora seletiva da Prefeitura Municipal do Natal, anos iniciais. Assistente da Pesquisa no Projeto de Pesquisa ARTE, INFÂNCIAS E INTERCULTURALIDADE: DESAFIOS E POSSIBILIDADES PARA O TRABALHO COM O TEMA DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL. NEI-Cap/UFRN.

XX ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL / II ENCONTRO NACIONAL DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL. NATAL-RN, 2023. CADERNO DE PROGRAMAÇÃO E ANAIS DO EVENTO.



abandonando o que conhecemos, mas sim acrescentando pela pluriversidade possível, (WALSH, 2007, p. 8).

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A reflexão sobre os conteúdos de arte que se quer favorecer acesso às crianças passa por reconhecer que decolonialidade e a arte tem objetivos em comum, como questionar, resistir, chocar, descobrir (destapar), emergir outros saberes e fazeres. A arte decolonial instaura no desejo artístico uma vontade de destruição da política sociocultural do genocídio que afeta mulheres, africanos, afrodescendentes, população LGBTQIA+, povos do leste europeu, oriente médio etc. Tematizar essa dimensão cultural é urgente pois, como afirma Almeida (2019), o que revela uma vontade global de mudança no Brasil caminha a passos lentos.

### 4. CONCLUSÕES/CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentar para as crianças a diversidade cultural numa perspectiva decolonial pode desencadear questionamentos e reconhecimento de identidades culturais em diálogo. Nesse sentido a ampliação do olhar para arte pode fazer emergir novas formas de convivência pautadas no diálogo e respeito ao outro.

### 5. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Beatriz. **Os lbejus e a arte decolonial**. SP-Arte. Acessado em: <https://www.sp-arte.com/editorial/o-que-e-a-arte-decolonial>. Julho de 2023. EM  
WALSH, Catherine. ¿Son posibles unas ciencias sociales/culturales otras? Reflexiones en torno a las epistemologias decoloniales. Nómadas. **Revista Crítica de Ciencias Sociales y Jurídicas**, Colômbia, n. 26, p. 102-113, abril 2007, p. 103



## GT 06 – INCLUSÃO DIGITAL E MÍDIAS NA EDUCAÇÃO

Apresenta estudos e práticas relacionadas à educação para as mídias e as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), no âmbito da formação docente e da educação de crianças, no uso e/ou produção de mídias.



## A ROBÓTICA EDUCACIONAL COMO FERRAMENTA DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Aysllane Junie Pessoa da Cunha<sup>129</sup>

Géssica Fabiely Fonseca<sup>130</sup>

**Palavras-chave:** Educação Infantil. Robótica Educacional. Aprendizagem significativa.

### 1 INTRODUÇÃO

O uso das tecnologias da informação e comunicação (TIC's) é um grande diferencial na sala de aula, proporcionando o desenvolvimento de tecnologias em prol da educação (MARTINES; MEDEIROS; SILVA; CAMILLO, 2018).

Para Papert (2008) a robótica não é apenas a montagem e programação de robôs. Assim, o objetivo desse estudo é discutir como a robótica educacional pode atuar na sala de aula, construindo um novo olhar diante da educação infantil.

### 2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

A robótica pode ter como fundamento psicopedagógico o desenvolvimento cognitivo. A perspectiva epistemológica genética aponta para os processos de assimilação, acomodação e equilíbrio (PIAGET, 2009).

A robótica educacional contribui para a construção de novos saberes e significados, “tudo o que acontece no ambiente educacional será eternizado” (SILVA; COSTA, 2014, p.165). Assim, a experiência/prática educativa aconteceu em escola de rede privada com crianças da educação infantil em aulas específicas para cada segmento.

Diante da aprendizagem junto à robótica o desenvolvimento do trabalho em grupo, levou as crianças a vivenciarem experiências positivas no aprender, intermediado pela experimentação.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

---

<sup>129</sup> Mestre em Educação | Universidade Federal do Rio Grande do Norte| aysllanejunie@yahoo.com.br

<sup>130</sup> Doutora, Professora do Departamento de Fundamentos e Políticas da Educação| Universidade Federal do Rio Grande do Norte | gessicafabiely@hotmail.com



Nas aulas de robótica colocar a “mão na massa”, pensar e construir são uma realidade da rotina. Esses estímulos criativos e autônomos contribuem para a formação de sujeitos pensantes, críticos e participativos socialmente.

Na educação infantil é possível trazer tais aspectos de forma lúdica e construtivista, pois, os robôs despertam curiosidade e por proporcionar movimento, passa a ser visto também como uma brincadeira.

#### 4. CONCLUSÕES/CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos afirmar que a robótica educacional pode fazer parte do ensino, inclusive na educação infantil e que cada vez mais é preciso repensar a educação, desconstruindo, reconstruindo e inovando. Dessa forma, também devemos estimular que os educadores transformem verdadeiramente o ensino e que os alunos.

#### 5. REFERÊNCIAS

- MARTINES, R. S.; MEDEIROS, L. M.; SILVA, J. P. M.; CAMILLO. C. M. **O uso das TICS como recurso pedagógico em sala de aula.** Congresso Internacional de Educação e Tecnologias. 2018.
- PAPERT, S. A. **A máquina das crianças: repensando a escola na era da informática.** Porto Alegre: Artmed. 2008.
- PIAGET, J. **Seis estudos de psicologia.** Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2009.
- SILVA, K. C. C. S; COSTA, E. F. **Robótica na Educação Infantil: Uma nova perspectiva de aprendizagem.** São Paulo. 2014.





## GT 07 – ARTE E PROTAGONISMO INFANTIL

Discute as possibilidades de interfaces entre as infâncias e as diferentes linguagens artísticas (literatura, artes visuais, teatro, música, dança), considerando o protagonismo da criança. O GT propõe promover diálogos sobre a organização de práticas docentes com linguagens artísticas, evidenciando o professor como o mediador do processo de ensino aprendizagem e a criança como sujeito ativo desse processo.



## EXPERIMENTANDO, EXPLORANDO E CONHECENDO O MUNDO POR MEIO DAS SENSAÇÕES: A INSERÇÃO DE BEBÊS NA ESCOLA DA INFÂNCIA

Dominique Cristina Souza de Sena Maranhão<sup>131</sup>

Kívia Pereira de Medeiros Faria<sup>132</sup>

Gilvânia Maurício Pontes Dias de Pontes<sup>133</sup>

**Palavras-chave:** BEBÊS, ARTES VISUAIS, EDUCAÇÃO INFANTIL

### 1 INTRODUÇÃO

Os bebês já nascem em busca de se comunicar, e é por meio dos sentidos que vão aprendendo a estar nesse mundo. Quando procuram o colo, o cheiro da mãe para se alimentar, quando buscam com olhares, com o tato e o paladar e exploram as sensações, eles aprendem de forma particular e se comunicam com gestos, com sons, com o tato e com o olhar.

Compreendendo a criança enquanto um ser único, que aprende num processo contínuo, é, que os professores de bebês e crianças bem pequenas devem planejar e estruturar situações significativas, que possibilitem uma aprendizagem pelos sentidos, privilegiando experiências nas diversas linguagens, especialmente a artística, atentando sempre para o aspecto lúdico que permeia as interações.

Rosset, 2017, afirma que,

Experiências artísticas existem desde os primórdios da humanidade. A expressão de ideias e emoções acompanha os seres humanos desde as cavernas, em pinturas e artefatos criados para representar simbolicamente o mundo em que viviam.

Os bebês, como seres se iniciando no mundo humano, podem, através da exploração das linguagens artísticas, construir maneiras de expressar em linguagens artísticas. Mas, como os bebês podem experimentar tais linguagens? Essa investigação tem o intuito de fazer o levantamento de algumas possibilidades de práticas de exploração de elementos das linguagens artísticas como bebês.

---

<sup>131</sup> Pedagoga, Especialista em Arte na escola e Mestre em Arte pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. É professora efetiva do NEI-CAP/UFRN.

<sup>132</sup> Pedagoga, Mestre e Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. É professora efetiva do NEI-CAP/UFRN.

<sup>133</sup> Pedagoga, Doutora em Educação pela UFRGS. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Arte e Infância (UFRN).



## 2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Trata-se de pesquisa qualitativa a partir da observação da prática docente, considerando o nível de realidade das experiências vivenciadas (MINAYO, 1994). Em Cunha (2012) compreendemos que a criança se lança à linguagem expressiva por meio dos sentidos, do simbólico e das brincadeiras. Sobre a capacidade dos bebês de criar, imaginar, se expressar nos ancoramos em Lowenfeld e Brittain (1970) que enfatizam o contentamento dos bebês diante das suas ações com materiais e experiências com a arte. Barbieri (2012), destaca procedimentos para convocar experiências com bebês. Nos serviram de aportes também os documentos oficiais: a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010).

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A escola é espaço de descobertas e de experimentações no qual as vivências devem ocorrer de forma intencional, com mediação do docente. A experimentação das linguagens das artes pode ocorrer interação com texturas, cores e sabores. Nesses momentos a criança vivencia sensações, se expressa, conhece a si, a seus pares e aos adultos, ao mesmo tempo em que investiga as possibilidades das linguagens artísticas.

## 4. CONCLUSÕES/CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na prática pedagógica com bebês, pautada nas proposições da educação infantil, e da linguagem das artes visuais, é necessário conhecer quem são os bebês e como cada um experimenta sensações ao interagir com pessoas e objetos. Disponibilizar materiais, organizar o espaço e o tempo, que sejam desafiadores e que possibilitem desenvolver os sentidos, formas de expressão, criação e imaginação, é fundamental para que os bebês se tornem leitores do mundo a sua volta.

## 5. REFERÊNCIAS

BARBIERI, Stela. **Interações: Onde está à arte na infância?** São Paulo: Blucher, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC, 2018.



BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, 2010.

CUNHA, Susana Rangel Vieira, (Org). **As artes do universo infantil**. Porto Alegre: Mediação, 2012.

KOHL, MaryAnn F. RAMSEY, Renee e BOWMAN, Dana. Tradução Roberto Cataldo Costa. **Iniciação à arte para crianças pequenas**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

LOWENFELD, Viktor; BRITAIN, W. Lambert. **Desenvolvimento da Capacidade Criadora**. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994

ROSSET, Joyce M; WEBSTER, Maria Helena; FUKUDA, Joyce Eiko; ALMEIDA, Lucila. **Práticas comentadas para inspirar: formação do professor de educação infantil**. São Paulo: Editora do Brasil, 2017.



## ARTE E TECNOLOGIA: REFLEXÕES POSSÍVEIS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO DA INFÂNCIA

Lucineide Cruz Araújo<sup>134</sup>

Gilvania L. de Souza Miranda<sup>135</sup>

Este trabalho visa compartilhar experiências de um diálogo intitulado “Arte, Tecnologia e Infâncias Contemporâneas”, com professores de diferentes redes de ensino, proposto pelo Grupo de Pesquisa Arte e Infância, (UFRN) formado por docentes do NEI-CAP/UFRN).

**Palavras-chave:** Arte. Tecnologia. Infâncias Contemporâneas.

### 1 INTRODUÇÃO

O Arte e Infância desenvolve pesquisas e atividades de extensão objetivando a formação de professores da Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental para a articulação de práticas docentes no ensino das Artes Visuais. Destaca-se que as crianças contemporâneas estão imersas na cultura digital desde a primeira infância, o que transforma a realidade social e escolar, e permite o convívio com uma variedade de experiências concretas (corporais, plásticas, dramáticas etc.) que se constroem na relação com a cultura (OLIVEIRA, 2002).

### 2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Em forma de exposição dialogada abordou-se as concepções de criança contemporânea que produz cultura (CORSARO, 2011) e o uso das tecnologias, associado a relatos de experiências vividas em uma turma do Ensino Fundamental, do NEI/CAP/UFRN, envolvendo a inserção das tecnologias e artes, oportunizando às crianças a capacidade de apreciar, criar, pensar, expressar e registrar as descobertas e aprendizagens (FANTIM, 2012), a partir da Abordagem Triangular (BARBOSA, 2009), que propõe o ensino das Artes através das ações de ler/contextualizar/fazer.

---

<sup>134</sup> Professora do Núcleo de Educação da Infância (NEI-CAP/UFRN)  
Mestra em Inovação em Tecnologias Educacionais

<sup>135</sup> Professora do Núcleo de Educação da Infância (NEI-CAP/UFRN)  
Mestra em Educação

XX ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL / II ENCONTRO NACIONAL DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL. NATAL-RN, 2023. CADERNO DE PROGRAMAÇÃO E ANAIS DO EVENTO.



### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Formação suscitou discussões, reflexões de práticas com artes visuais e tecnologia, reiterando a importância do acesso das crianças à cultura de imagens de forma crítica e reflexiva, garantindo experiências significativas que promovam o desenvolvimento integral das crianças.

### 4. CONCLUSÕES/CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão reafirmou que experiências com artes visuais, na educação da infância contribuem para a aprendizagem das crianças, e que o acesso à cultura tecnológica deve ser proposto de forma crítica e reflexiva, garantindo vivências significativas. Pretende-se, a partir das formações que as práticas pedagógicas e estudos ampliem-se e que o uso das tecnologias nas artes visuais traga reflexões e interligações com diversas linguagens.

### 5. REFERÊNCIAS

BARBOSA, A. M.T.B. **A Imagem no Ensino da Arte**. 7<sup>a</sup> ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2009.

CORSARO, W. **Sociologia da infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

FANTIN, M.; RIVOLTELLA, P. C. (Org.). **Cultura digital e escola: pesquisa e formação de professores**. Campinas, SP: Papirus, 2012. cap. 3, p. 57-92.

OLIVEIRA, Z. M. R. de. **Educação Infantil: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2002.



## FLAUTA DOCE NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Nathalia Gabriella Fernandes Aguiar<sup>136</sup>

O trabalho é um relato de experiência a partir das aulas de flauta doce para aluno dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Objetiva apresentar e analisar os processos didáticos que ocorreram em sala de aula para assimilação ativa do conteúdo e desenvolvimento dos estudantes. Quanto aos resultados, foi possível perceber o envolvimento significativo dos discentes no instrumento e na prática em conjunto, além da importância na relação de diálogo entre professor-aluno com o estudante possuindo um papel ativo como peça chave do seu desenvolvimento e autonomia.

**Palavras-chave:** Flauta doce. Ensino Fundamental. Escola básica.

### 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho trata-se de um relato de experiência que surgiu a partir da vivência da autora em sala de aula no ensino de flauta doce nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental (AIEF) do Colégio Arco-Íris. O objetivo é apresentar e analisar os processos didáticos para a apropriação do conteúdo e desenvolvimento dos estudantes.

A escola em que o contexto aconteceu oferece formação básica do Ensino Infantil ao AIEF. Em relação ao currículo, além das disciplinas obrigatórias, é ofertado aulas de bilíngue, cultura *maker*, socioemocional, empreendedorismo, musicalização para o Ensino Infantil e flauta doce para AIEF. Além disso, há atividades extracurriculares, tais como: aulas de *ballet*, judô e natação. As aulas de flauta doce foram introduzidas no ano de 2023.

### 2 CARACTERIZAÇÃO DO COLÉGIO ARCO-ÍRIS

---

<sup>136</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Especial (PPGEESP). Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

XX ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL / II ENCONTRO NACIONAL DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL. NATAL-RN, 2023. CADERNO DE PROGRAMAÇÃO E ANAIS DO EVENTO.



O Colégio Arco-íris localiza-se na Zona Norte de Natal/RN. A escola é particular e atende do Ensino Infantil ao AIEF, totalizando quatorze turmas, seis no turno matutino e oito no vespertino.

As aulas de música foram ministradas na sala de referência dos alunos todas as segundas-feiras como parte integrante das disciplinas da escola, com duração de 40 minutos. No que diz respeito à caracterização das classes, as turmas eram bastante diferentes umas das outras, tanto no quesito de quantidade de discentes, como de comportamento e retorno nas atividades propostas.

### 3 DESCRIÇÃO DAS AULAS

Durante o primeiro mês de aula não tivemos contato com a flauta doce, pois os pais e responsáveis precisaram adquiri-lo. Nesse período, trabalhei as notas musicais e não objetivei a leitura musical de partituras, e sim a fluência musical por meio da memória visual, jogos rítmicos utilizando percussão corporal, solfejo com gráficos, imitação, apreciação musical, atividades para trabalhar o ritmo, memorização da sequência das notas musicais e apreciação musical de músicas da escolha deles sendo tocadas com a flauta doce.

As aulas foram planejadas tendo como foco o desenvolvimento dos alunos e a elaboração de um recital no final do ano letivo em que os alunos iriam tocar músicas que já existem e uma que eles criaram em sala de aula.

### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante as aulas, estratégias para motivação eram utilizadas, como: elogiar, destacar habilidades e conquistas e escutar quando o aluno estava ansioso, com receio ou frustrado em tocar algo. Dessa forma, não se ressaltava o erro e sim como fazer para melhorar (GALON, JOLY, 2021, p. 9). O processo didático centralizado na imitação, exploração e criação estabelece um paralelo com uma aprendizagem ativa e criativa em que os estudantes são sujeitos participantes do seu próprio aprendizado. Estabelecer uma relação de diálogo é primordial para a mediação do conhecimento e despertar interesse no educando.

### 5. REFERÊNCIAS

GALON, Mariana S.; JOLY, Ilza Zenker Leme. Criação musical coletiva como ferramenta de humanização. In: **Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical**, XXV, 2021, V. 4. p. 1-13, nov, 2021. Disponível em: <https://abem.mus.br/anais-congresso/v4/>. Acesso em: 30 jul. 2023.





## ENSINO DE ARTE NUMA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR E INCLUSIVA NO MUNICÍPIO DE NATAL/RN: COMPOSIÇÕES CURRICULARES NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Sanderson Tinoco da Silva<sup>137</sup>  
Maristela de Oliveira Mosca<sup>138</sup>

**Palavras-chave:** Escola em tempo integral. Propostas curriculares. Ensino de Arte.

### 1 INTRODUÇÃO

A necessidade de estruturação de uma proposta de ensino de Arte para escolas de tempo integral, numa perspectiva interdisciplinar e inclusiva emerge como uma questão incipiente no município do Natal. A primeira escola de tempo integral deste município foi inaugurada em 2018 e a partir do ano de 2023, a prefeitura prevê a criação de outras escolas neste formato.

Nessa investigação, temos como objetivo geral descrever os elementos emergentes que propiciam a construção de propostas curriculares para o ensino de Arte em escolas em tempo integral do município de Natal, numa perspectiva interdisciplinar e inclusiva. Uma proposta que considere todos os atores implicados nos processos de ensino e aprendizagem e que valorize a música como linguagem artística ao invés de tratá-la como atividade extracurricular (MOSCA, 2021).

Como objetivos específicos elencamos: descrever o locus da investigação, com foco nas linguagens artísticas, seus docentes e a articulação do trabalho coletivo; descrever as concepções docentes a respeito de um currículo inclusivo para o ensino de Arte em tempo integral; delinear os elementos balizadores para/na construção de propostas curriculares para um ensino de Arte interdisciplinar e inclusivo nas escolas de tempo integral; evidenciar os elementos identificados em relação aos cotidianos da escola locus de intervenção, visando uma produção orientadora para o ensino de Arte inclusivo em tempo integral.

### 2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

A proposta apresenta-se como uma pesquisa-intervenção do tipo cartográfica, tendo em vista a pretensão de construção de conhecimento coletivamente e por

<sup>137</sup> Mestrando - UFRN – email: [sandersontinoco@gmail.com](mailto:sandersontinoco@gmail.com)

<sup>138</sup> Professora (NEI-CAP/UFRN). Email: [maristela@nei.ufrn.br](mailto:maristela@nei.ufrn.br)



buscar não manter a relação de oposição entre pesquisador e pesquisados, mas assegurar a relação de coprodução (KASTRUP; PASSOS, 2013) e serão realizadas conversas interventivas como metodologia de pesquisa com a participação dos professores de Arte da escola escolhida.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados da pesquisa serão organizados pelo pesquisador e apresentados como material orientador para o ensino de Arte interdisciplinar e inclusivo em tempo integral, no intuito de se constituir como documento referencial para a elaboração de propostas para o ensino de Arte nas escolas de tempo integral da rede municipal de Natal, construídas ou em construção.

### 4 REFERÊNCIAS

KASTRUP, V; PASSOS, E. Cartografar é traçar um plano comum. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 25, n. 2, p. 263-280, 29 Ago. 2013.  
MOSCA, M. Currículo como *jazz*: pressupostos, perspectivas e fronteiras de/para uma *jam session* inclusiva e interdisciplinar. **Revista Espaço do Currículo**, v. 14, n. 1, p. 1-8, 2021.



## “ERA BOM MAIS LIVROS”: AS CRIANÇAS NA CONSTRUÇÃO DO PLANO MUNICIPAL PELA PRIMEIRA INFÂNCIA DE PARNAMIRIM/RN

Renata Larissa de Paiva Ferreira<sup>139</sup>

Simone Leite da Silva Peixoto<sup>140</sup>

Akynara Aglaé Rodrigues Santos da Silva Burlamaqui<sup>141</sup>

**Palavras-chave:** Escuta. Protagonismo. Criança.

### 1 INTRODUÇÃO

Atualmente a criança é entendida como sujeito social e histórico de direitos. Apesar de estar ganhando protagonismo nas pesquisas fazendo parte da investigação com participação ativa (CRUZ, 2008; KRAMER, 2019), tendo diversos documentos normativos dialogando no sentido de legitimar o direito das crianças à participação, quando se trata de políticas públicas, as crianças têm sido pouco ouvidas. Nesse sentido, objetivamos relatar a experiência vivenciada na escuta das crianças durante a elaboração do Plano Municipal da Primeira Infância 2022-2031 do município de Parnamirim/RN, Brasil.

### 2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

A ação da Secretaria Municipal de Educação, por meio da Coordenadoria de Desenvolvimento da Educação Infantil, aconteceu durante a construção do Plano Municipal pela Primeira Infância, junto às crianças (cinco anos) de três instituições de Educação Infantil dessa rede. A escuta se coloca como o principal pressuposto teórico-metodológico, onde utilizamos diferentes instrumentos para ouvi-las e vê-las a

---

<sup>139</sup>Professor/Técnica Pedagógica na Rede Municipal de Parnamirim/RN. Mestranda em Inovação em Tecnologias Educacionais - UFRN.

<sup>140</sup> Professor/Técnica Pedagógica na Rede Municipal de Parnamirim/RN e Natal. Doutora em Educação pela UFRN.

<sup>141</sup> Professora Adjunta da Universidade Federal Rural do Semi-Árido. Professora do Programa de Pós-graduação em Inovação em Tecnologias Educacionais - UFRN. Doutora em Educação pela UFRN. XX ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL / II ENCONTRO NACIONAL DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL. NATAL-RN, 2023. CADERNO DE PROGRAMAÇÃO E ANAIS DO EVENTO.



partir de suas singularidades.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise reforça que as crianças possuem uma contribuição insubstituível a dar e que o conhecimento dos seus pontos de vista pode ampliar o conhecimento sobre a realidade (Cruz, 2008). As crianças participaram relatando e desenhando melhorias, a partir de suas perspectivas, que poderiam ocorrer em sua sala, na sua escola e em seu bairro. Pontos de vista que, normalmente, são desconsiderados pelos gestores públicos.

### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A participação das crianças como sujeito de direitos é um importante passo na construção e garantia de políticas, programas e práticas pedagógicas que promovam e ampliem as condições necessárias para o exercício da cidadania. Uma participação efetiva é algo que se adquire na prática, por isto, se almejamos uma sociedade verdadeiramente democrática, é preciso oportunizar esse direito desde a primeira infância.

### 5. REFERÊNCIAS

CRUZ, S. H. V. (org.) **A criança fala - a escuta de crianças em pesquisas**. São Paulo: Cortez, 2008.  
KRAMER, Sonia; PENA, Alexandra; TOLEDO, Maria Leonor Pio Borges de; BARBOSA, Silvia Néli Falcão (Orgs.). **Ética: pesquisa e práticas com crianças na Educação Infantil**. Campinas: Papyrus, 2019. 254 p.



## GRAFISMO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: LEITURA DE IMAGENS E FORMAÇÃO DOCENTE

Gilvânia Maurício Dias de Pontes<sup>142</sup>

Elaine Tayse de Sousa<sup>143</sup>

Michelle Mayra Bezerra<sup>144</sup>

**Palavras-chave:** Educação Infantil. Artes Visuais. Desenho. Leitura de imagens. Formação docente.

### 1 INTRODUÇÃO

O desenvolvimento gráfico na infância é uma temática presente na organização das práticas de professores da Educação Infantil, que tem desafiado os docentes à produção de formas de mediação para ampliação do repertório de expressão das crianças. O desenho, desde os rabiscos aos desenhos mais elaborados fazem parte do cotidiano de crianças e adultos na Educação Infantil, assumindo diferentes formas e significados.

### 2 ASPECTOS TEÓRICO- METODOLÓGICOS

Tratamos das reflexões sobre o grafismo na educação infantil, tecidas mediante a leitura de fotografias. Tais imagens foram apresentadas em uma das ações de extensão do Grupo de Pesquisa Arte e Infância - NEI-Cap/UFRN, tendo como público-alvo professoras que atuam na Educação Infantil.

As fotografias tinham como conteúdo as ações das crianças em interação com o desenho. A apreciação destas remeteu a observação de formas de mediação docente. Esse momento foi acrescido da apresentação de pesquisas sobre o desenvolvimento gráfico na infância que consideram o desenho como um campo expandido (Derdik, 2020) que se origina do gesto da criança e se estende por diferentes superfícies; e que tratam do desenho como produção autoral e criativa das crianças, atravessada pelas informações culturais (Lavelberg, 2013 e Pillar, 2012).

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

---

<sup>142</sup> Doutora em Educação. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Arte e Infância (NEI/CAP/UFRN).

<sup>143</sup> Mestra em Educação. Núcleo de Educação da Infância (NEI-CAP/UFRN). Membro do Grupo de Pesquisa Arte e Infância (NEI/CAP/UFRN).

<sup>144</sup> Rede Municipal de Natal. Esp. em Corpo e Cultura de Movimento- UFRN.

XX ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL / II ENCONTRO NACIONAL DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL. NATAL-RN, 2023. CADERNO DE PROGRAMAÇÃO E ANAIS DO EVENTO.



As imagens e os aportes teóricos suscitaram o diálogo sobre possibilidades de materialidades, suportes e objetos riscantes, com vistas a ampliação de repertórios de práticas para além da folha A4. Nesta experiência puderam problematizar e reelaborar suas concepções acerca do desenho infantil.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenho é uma linguagem que expressa, comunica, revela subjetividades, desejos e processos criativos é passível de proposição de situações de aprendizagem. O desenho como uma das linguagens das Artes Visuais que deve ser observada no cotidiano das práticas pedagógicas em suas especificidades e relações com o desenvolvimento infantil. A mediação das interações das crianças com o desenho, seja na expressão ou leitura de imagens de outros desenhistas, requer do docente aprofundamento para propor vivências de leitura, contextualização e fazer na linguagem do desenho. (BARBOSA, 2009).

#### REFERÊNCIAS

BARBOSA, A.M.T.B. **A imagem no ensino da arte**. 7ed.rev. São Paulo: Perspectiva, 2009.

DERDIK, E. **Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil**. 3 ed. São Paulo: Panda Educação, 2020.

IAVELBERG, R. **Desenho na Educação Infantil**. São Paulo: Melhoramentos, 2013.

PILLAR, A. D. **Desenho e escrita como sistema de representação**. Porto Alegre: Penso, 2012.



## O FAZ DE CONTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: TEMA DE PESQUISA E LUDICIDADE NA BRINQUEDOTECA

Itamara Beatriz da Silva Mendes<sup>145</sup>  
Leilane Oliveira de Santana<sup>146</sup>  
Blenda Carine Dantas de Medeiros<sup>147</sup>

**Palavras-chave:** Brincar. Criança. Brinquedoteca. Tema de Pesquisa.

### 1 INTRODUÇÃO

De acordo com Barros (2009), no brincar mediado por objetos e interações, a criança vivencia novas experiências e constrói novas funções psíquicas. A brinquedoteca, espaço potencializador de brincadeiras, permite à criança explorar brinquedos e o faz de conta.

Este artigo relata uma ação de extensão de faz de conta na brinquedoteca. Justifica-se sua importância posto que o brincar potencializa o desenvolvimento infantil, e a reflexão da mediação realizada na brinquedoteca possibilita pensar práticas lúdicas e inclusivas.

### 2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Trata-se de um relato de experiência resultante de ação de extensão realizada em um colégio de aplicação, que utiliza a metodologia do Tema de Pesquisa. Assim, o trabalho pedagógico parte dos interesses das crianças.

A Turma 4 da Educação infantil definiu o circo como Tema de Pesquisa e a mediação lúdica relatada se desenvolveu no palco da brinquedoteca, configurando uma apresentação circense.

<sup>145</sup> Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Bolsista de extensão FAEX. E-mail: itamara.beatriz.109@ufrn.edu.br.

<sup>146</sup> Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Bolsista de pesquisa PIBIC/CNPq. E-mail: leilane.santana.076@ufrn.br.

<sup>147</sup> Psicóloga e Pedagoga. Doutora em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista – UNESP. Professora EBTT do Núcleo de Educação da Infância, Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – NEI-CAP/UFRN. E-mail: blendamedeiros@nei.ufrn.br.

XX ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL / II ENCONTRO NACIONAL DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL. NATAL-RN, 2023. CADERNO DE PROGRAMAÇÃO E ANAIS DO EVENTO.



### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo Wajskop (1995), ao brincar a criança interpreta os objetos, a cultura e as relações afetivas do meio social. Assim, na brinquedoteca, as crianças desenvolveram a imaginação e criatividade, interpretando personagens do circo e escolhendo o repertório musical. A atividade proposta contribuiu para a apropriação do tema de pesquisa de maneira lúdica e inclusiva, pois envolveu também as crianças com necessidades específicas.

### 4. CONCLUSÕES/CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos a importância da ludicidade explorada no faz de conta da brinquedoteca e a contribuição da extensão para formação de práticas lúdicas e significativas, de modo a refletir a prática docente.

Precisamos pensar práticas pedagógicas significativas acerca do faz de conta na educação infantil, tendo em vista que esta é uma atividade propulsora do desenvolvimento e da aprendizagem, além de compreender a brincadeira na escola como parte das práticas pedagógicas.

### 5. REFERÊNCIAS

BARROS, Flávia C. O. M. **Cadê o brincar?:** da educação infantil para o ensino fundamental [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

WAJSKOP, G. O Brincar na Educação Infantil. **Cad. Pesq., São Paulo**, n. 92, p. 62-69, fev., 1995.





## EDUCAÇÃO INFANTIL NA ARTE EM CORES E TELAS

Silvanete Pereira da Silva Oliveira<sup>148</sup>

**Palavras-chave:** Educação Infantil.Artes Visuais.Literatura Infantil.

No intuito de potencializar o imaginário infantil com a experimentação do fazer arte, propomos a composição de trabalhos com aspirações nas Artes Visuais desenvolvido com crianças pequenas na faixa etária entre 5 e 6 anos, em um Centro Infantil situado em Parnamirim/RN. Dessa forma, nossa inquietação inicial foi como poderíamos potencializar aspirações no fazer arte na Educação Infantil? Para tanto, tivemos como objetivo geral favorecer e potencializar o imaginário e o fazer infantil com elementos das Artes Visuais. Como objetos específicos, propusemos: a) observar a natureza como forma de compor a arte no sentir e ver; b) utilizar o livro literário como elemento de aproximação da arte literária e visual; c) conhecer, reconhecer e fazer uso de componentes tecnológicos no fazer arte. Para tanto, buscamos para nosso aporte teórico os estudos, entre outros, de Barbosa e Cunha (2010), Dondis (2007) e Vigotski (2017).

Nesse sentido, desenvolvemos as seguintes etapas: **sentir e ver no ambiente escolar**, na qual passeamos pela escola observando plantas e insetos, participando do manuseio da horta que proporcionou conversas, trabalhos e observações com o plantio e a alimentação saudável. Na perspectiva do sentir e ver, corroboramos com Dondis (2007, p.5), ao indicar que “A primeira experiência por que passa uma criança em seu processo de aprendizagem ocorre através da consciência tátil”, à qual somam-se “o olfato, a audição e o paladar, num intenso e fecundo contato com o meio ambiente”. Na etapa da **Arte Visual na literatura Infantil**, utilizamos livros que possuíam elementos visuais como traço, ponto, formas e cores expressivas. Para tanto, apreciamos, entre outras atividades, obras literárias no qual compomos telas com a temática “animais coloridos”. Compomos também, **o fazer artes em cores e telas**, na qual buscamos aproximar as crianças no conhecer, reconhecer e fazer uso de componentes tecnológicos diante das Normas sobre computação na Educação Básica (BRASIL, 2022).

Diante dessas iniciais ações e do experienciar a Arte Visual na etapa da Educação Infantil, corroboramos com a obra de Barbosa e Cunha (2010, p. 444), que reflete sobre o “[...] saber deambular! Ter o hábito de percorrer caminhos diferentes; abrir mão das certezas absolutas; desconfiar dos sentimentos já vividos; desvelar o olhar para o que virá; [...]”. Assim, buscamos a ampliação do debate sobre a perspectiva do fazer arte e utilizar a arte na Educação Infantil como meio

<sup>148</sup> Graduada em Pedagogia, pós-graduada em Literatura e Cultura do Rio Grande do Norte (UFRN), Educação Infantil (IFESP) e Psicomotricidade (UFRN). Professora em atuação na rede Municipal e Estadual do Rio Grande do Norte nas etapas da Educação Infantil e do Ensino Fundamental Anos Iniciais.-[silpsilvaescolas@gmail.com](mailto:silpsilvaescolas@gmail.com); <http://lattes.cnpq.br/8458866131017749>  
XX ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL / II ENCONTRO NACIONAL DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL. NATAL-RN, 2023. CADERNO DE PROGRAMAÇÃO E ANAIS DO EVENTO.



potencializador das aprendizagens e do desenvolvimento das crianças na forma de sentir, ver e experienciar o mundo a partir, também, das Artes Visuais.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, A. M. T. B; CUNHA, F. P. da. **A abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais**. São Paulo: Cortez, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Normas sobre computação na Educação Básica** – Complemento à BNCC. Brasília, DF. 2022.

Disponível em:

[https://www.computacional.com.br/docs\\_oficiais/Tabelas-Computacao.pdf](https://www.computacional.com.br/docs_oficiais/Tabelas-Computacao.pdf). Acesso em: 13 nov. 2022.

DONDIS, D. **A sintaxe da linguagem visual**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VIGOTSKI, L. S. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. *In*: LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N; VIGOTSKI, L. S. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 16. ed. São Paulo: Ícone, 2017.



## O DESENHO INFANTIL NA CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO DA CIDADE

Francisca Paloma Almeida Vital<sup>149</sup>

Renata Facó de Saboia Castro<sup>150</sup>

Esse trabalho, inspirado por “La città dei bambini” de Francesco Tonucci (1991), tem como intuito transformar os ambientes urbanos em espaços de convivência.

**Palavras-chave:** Escuta. Arte. Crianças. Espaços urbanos.

### 1. INTRODUÇÃO

Habitar a cidade, significa estabelecer relações com espaços, pessoas e até com vazios. Planejamentos urbanos devem ser discutidos para que seja possível pensar em contextos acessíveis, inclusivos e melhor estruturados para todos.

Como as crianças percebem a cidade? Como contribuir na construção do pertencimento das crianças à cidade? Essas inquietações evidenciam a relevância de dar voz àquelas "subestimadas" na estruturação urbana.

### 2. ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Para Lima (1989, p.45) “[...]as cidades, as praças, as ruas como hoje elas existem[...]” são espaços educativos em que crianças e adultos se apropriam, criando novas formas de relação.

Buscando ampliar a participação das crianças nas decisões da cidade, foi escolhida uma praça em Fortaleza, no bairro Centro, para fazer parte de ações intersetoriais de intervenção urbana. Na localidade existe um Centro de Educação Infantil que atende 75 crianças, participantes desse projeto. Como metodologia, organizamos uma proposta de escuta às crianças, associada à linguagem do desenho, sobre o que desejam que tenha nesse espaço.

<sup>149</sup> Mestranda em Artes - PPGARTES/IFCE

<sup>150</sup> Mestranda em Artes - PPGARTES/IFCE



### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo Derdyk (2020, p.33) “tudo o que vemos em nossa paisagem cultural, totalmente construída e inventada pelo ser humano, algum dia foi projetado e desenhado por alguém.” Casas na árvore, balanços e outros elementos, surgiram, através dos desenhos, como ideias para praça, dando condição para buscar a concretude de seus desejos. A curadoria do material originou um projeto de design digital unindo a fotografia real do espaço aos desenhos das crianças. A escolha dos elementos, dos traços, da localização de cada desenho, dentre outros aspectos, foi imprescindível visto sua utilização na ação de revitalização da praça.

### 4. CONCLUSÕES/CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na cidade, as crianças descobrem que a beleza é algo democrático por meio de um processo relacional e criativo com o mundo. Essa ação possibilitou criar e conceber espaços que rompem com a imposição de modelos já definidos, abrindo frestas para outros modos de pensar a cidade, legitimando e reconhecendo a autoria das crianças.

### 5. REFERÊNCIAS

- DERDYK, Edith. Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil. 3.ed. São Paulo: Panda Educação, 2020.
- LIMA, Mayumi. A Cidade e a criança. São Paulo: Nobel, 1989.
- TONUCCI, Francesco. A cidade das crianças. The project: The City of Children. Disponível em: <https://www.lacittadeibambini.org/progetto/> Acesso em: 15 julho 2023.



## COMPOSIÇÕES ENTRE CRIANÇAS, ARTES E NATUREZAS

Ivone Priscilla de Castro Ramalho<sup>151</sup>

Karyne Dias Coutinho<sup>152</sup>

Camila Ingrid Pereira Caldas<sup>153</sup>

Neste resumo discutimos sobre algumas experimentações artísticas vivenciadas no contexto da educação das infâncias durante a pesquisa “Percurso cartográfico entre arte e infância: um estudo no NEI/CAP-UFRN”, em que cartografamos os modos que aprendemos nas artes, buscando extrair delas o que pode nos potencializar a pensar a educação.

**Palavras-chave:** Entrecruzamentos. Infâncias. Artes. Naturezas. Pedagogias.

### 1 INTRODUÇÃO

Neste resumo discutimos sobre algumas experimentações artísticas vivenciadas no contexto da educação das infâncias durante a pesquisa “Percurso cartográfico entre arte e infância: um estudo no NEI/CAP-UFRN”, em que cartografamos os modos que aprendemos nas artes, buscando extrair delas o que pode nos potencializar a pensar a educação. A pesquisa é movida inicialmente pelos seguintes questionamentos: O que pode uma composição entre crianças, artes e naturezas? Que deslocamentos elas podem provocar nos nossos modos de subjetivação em torno da educação?

---

<sup>151</sup> Professora do Núcleo de Educação da Infância – NEI/CAP-UFRN. Pesquisadora do Coletivo de Estudos Poéticas do Aprender (PPGED/PPGARC/UFRN) e do Grupo de Pesquisa Arte e Infância (NEI/CAP-UFRN).

<sup>152</sup> Professora do Departamento de Práticas Educacionais e Currículo – DPEC-UFRN. Coordenadora do Coletivo de Estudos Poéticas do Aprender (PPGED/PPGARC/UFRN).

<sup>153</sup> Formanda do Curso de Pedagogia da UFRN. Bolsista de iniciação científica vinculada ao NEI/CAP-UFRN. Pesquisadora do Coletivo de Estudos Poéticas do Aprender (PPGED/PPGARC/UFRN).



## 2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Durante o estudo, fizemos uso da Cartografia (DELEUZE; GUATTARI, 1995) como estratégia de pesquisa para vivenciar experimentações artísticas entre crianças e naturezas no contexto da educação das infâncias, compreendendo que “cartografar é acompanhar um processo e não representar um objeto” (KASTRUP, 2008, p. 469).

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

No desenvolvimento da pesquisa, participamos de processos de criação de diferentes linguagens artísticas em formato de oficinas, as quais envolveram a copulação de obras artísticas (Frans Krajcberg, Van Gogh, Vik Muniz), grafite, performances, músicas (Paisagens Sonoras), poesias (Manoel de Barros), vivências teatrais (Teatro Ritual), dança contemporânea, entrelaçando-se a artistas e pessoas ligadas ao campo das artes que compuseram-nas junto a nós e às crianças.

## 4. CONCLUSÕES/CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa atuou como caleidoscópio, buscando a captura fugaz de muitos acontecimentos, e isso tem a ver com acreditar no mundo, o que significa, principalmente, “suscitar acontecimentos, mesmo pequenos, que escapem ao controle, ou engendrar novos espaços-tempos, mesmo de superfície ou volume reduzidos” (DELEUZE, 2013, p. 222).

## 5. REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Tradução de Peter Pál Pelbart. 3 ed. – São Paulo: Editora 34, 2013.  
DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia – vol. 1*. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa.– Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.



KASTRUP, V. O método da cartografia e os quatro níveis de pesquisa-intervenção. In: CASTRO, L. R. de; BESSET, V. L. (orgs.). *Pesquisa-intervenção na infância e juventude*. Rio de Janeiro: Trarepa/FAPERJ, 2008.



## O ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM ARTES VISUAIS NA ESCOLA DA INFÂNCIA

Maria Luisa Silva Rodrigues<sup>154</sup>

Elaine Santana de Oliveira<sup>155</sup>

Uiliete Márcia Silva de Mendonça Pereira<sup>156</sup>

**Palavras-chave:** arte. infância.criação.estágio supervisionado

### 1 INTRODUÇÃO

Esse trabalho objetiva refletir sobre práticas docentes desenvolvidas durante o estágio supervisionado em artes visuais nos anos iniciais do Ensino Fundamental a partir de discussões teóricas e de vivências, visando a ampliação do repertório cultural e o desenvolvimento de processos criativos pelas crianças do 5º ano matutino de 2023, do NEI-CAP/UFRN. Considerando-as como sujeitos que possuem olhar crítico, pensam, agem e se desenvolvem nas interações sociais, aprendendo, incorporando e resignificando práticas culturais (BRASIL, 1998), proporcionamos vivências que estimulassem, a criação, a liberdade, a apropriação da cultura, a expressão e leitura do mundo em suas produções artísticas.

### 2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Sob uma abordagem de natureza qualitativa, procuramos, pelo viés da pesquisa explicativa, compreender a dinâmica pedagógica do estágio supervisionado em artes visuais. No contexto da pesquisa explicativa, crianças, professores e estagiários estão imbricados durante todo o processo e contribuem no fazer educativo (OLIVEIRA, 2016). O trabalho analisa as práticas docentes em artes visuais a partir de

---

<sup>154</sup> Discente do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da UFRN e estagiária do 5º ano matutino de 2023

<sup>155</sup> Professora do Núcleo de Educação da Infância – NEI-CAP/UFRN.

<sup>156</sup> Professora do Núcleo de Educação da Infância – NEI-CAP/UFRN.





discussões teóricas da abordagem triangular proposta por Ana Mae Barbosa (1998) que compreende a história da arte (contextualização), a leitura (crítica e estética) e o fazer artístico (produção).

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para dar cor aos nossos estudos e para que as crianças desenvolvessem a criatividade e a imaginação, conhecemos a produção da artista Fayga Ostrower (OSTROWER, 1996; 2009), utilizamos técnicas de artes e diversos materiais e suportes, propusemos discussões sobre “o que é belo”, e, por fim, trabalhamos com a construção de autorretratos das crianças. estudamos em diversos meios: livros, vídeos, textos informativos e imagens.

### 4 CONCLUSÕES/CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nossa análise, consideramos que as possibilidades criativas incluíram aspectos artísticos apresentados pelas crianças e que a necessidade de transformação no modo de conhecer, de aprender e de fazer, exige mudanças tanto nos ambientes, nos espaços de aprendizagem e de reflexão, quanto na necessidade de novas atitudes, espírito coletivo, criatividade artística e pedagógica (NEI-CAp/UFRN, 2021). A proposta de trabalho apresentada entrelaça, além do artístico e do respeito às concepções de criança e infância, a criação, a imaginação, a comunicação das crianças por meio das artes visuais, como uma das linguagens da infância.

### 5 REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. Tópicos e utópicos. Coleção Arte e ensino. São Paulo. Ed. C/arte, 1998.

OLIVEIRA, Maria Marly. Como fazer pesquisa qualitativa. Petrópolis: Vozes, 2016.

OSTROWER, Fayga. Universos da arte. 9 ed. Rio de Janeiro: Campus, 1996. p. 13 - 40.

\_\_\_\_\_. Criatividade e processos de criação. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

XX ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL / II ENCONTRO NACIONAL DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL. NATAL-RN, 2023. CADERNO DE PROGRAMAÇÃO E ANAIS DO EVENTO.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE. Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Departamento de Educação. Núcleo de Educação Infantil. Proposta Pedagógica. (2021, no prelo).

VYGOTSKY, Lev Semenovich. A Formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos e superiores. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.



## **AS POTENCIALIDADES DAS ARTES NA ESCOLA: A EXPERIÊNCIA DOCENTE DE PEDAGOGAS DO NEI-CAP/UFRN**

Camila Ingrid Pereira Caldas  
Karyne Dias Coutinho

**Palavras-chaves:** Pedagogia; Arte/Educação; Escola; NEI-Cap/UFRN.

A presente pesquisa tem como objetivo refletir as potencialidades das artes na escola de Ensino Fundamental, motivada pela ausência das artes na infância da pesquisadora, bem como posteriormente em sua formação acadêmica em pedagogia. A partir disso, envereda-se numa busca pelas artes na escola, para além do currículo escolar formal, procurando saber as possibilidades de relações entre o trabalho de pedagogas e as artes na escola.

### **1 INTRODUÇÃO**

A presente pesquisa tem como objetivo refletir as potencialidades das artes na escola de Ensino Fundamental, motivada pela ausência das artes na infância da pesquisadora, bem como posteriormente em sua formação acadêmica em pedagogia. A partir disso, envereda-se numa busca pelas artes na escola, para além do currículo escolar formal, procurando saber as possibilidades de relações entre o trabalho de pedagogas e as artes na escola. A pesquisa é movida pelas seguintes questões: De que maneira o campo das artes chega à formação de professores pedagogos? Como o campo das artes pode potencializar as práticas de professores pedagogos na escola? Para além da disciplina de artes — que deve ser ministrada por professores de artes, devidamente formados em suas licenciaturas específicas de artes visuais, teatro, dança e música —, como os professores do Ensino Fundamental podem trabalhar com artes, interdisciplinarizando-as com outras disciplinas?

### **2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS**

Partindo da ideia de conversa como metodologia de pesquisa, realizou-se um Grupo Focal composto por quatro pedagogas do Núcleo de Educação da Infância – o Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (NEI-CAP/UFRN). Como principal referência teórica deste estudo, destaca-se a obra XX ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL / II ENCONTRO NACIONAL DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL. NATAL-RN, 2023. CADERNO DE PROGRAMAÇÃO E ANAIS DO EVENTO.



*Arte em Questões*, de Isabel Marques e Fábio Brazil (2014), entre outros textos de estudiosos das artes na escola.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dentre os resultados, pode-se perceber que as pedagogas participantes da pesquisa reconhecem a importância e a necessidade de professores de artes na escola, com formação específica em licenciaturas em dança, música, teatro e artes visuais, mas não se eximem de também realizarem um trabalho com artes nas suas turmas, já que uma pedagoga atua e pesquisa na interface dos conhecimentos, considerando-se as práticas voltadas para a infância.

### 4. CONCLUSÕES/CONSIDERAÇÕES FINAIS

No caso da atuação de pedagogas, trata-se de considerar a experiência com a arte como seres humanos que somos, a partir das memórias e afetos pelos quais passamos, entendendo-se que as artes constituem um repertório de conhecimentos ao qual os alunos precisam ter acesso durante seus anos escolares. A arte é considerada pelas participantes como uma das formas do conhecimento humano, tendo a escola o papel fundamental de possibilitar esse acesso às crianças e aos professores, com a mesma importância como uma pedagoga trabalha em relação a outras áreas do conhecimento.

### 5. REFERÊNCIAS

MARQUES, Isabel A. et al. *Arte em questões*. São Paulo: Cortez, 2014.  
MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (orgs). *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.



## O BOI DE REIS NO ENSINO FUNDAMENTAL: ARTE, CULTURA E PROTAGONISMO INFANTIL

Francisco Ivanilton Honorato da Silva

Elaine Santana de Oliveira

Uiliete Márcia Silva de Mendonça Pereira

**Palavras-Chave:** arte. infância. protagonismo infantil. criação.

### 1. INTRODUÇÃO

Concebendo a importância do ensino da arte nas instituições de educação da infância, este trabalho objetiva refletir sobre o processo criativo do experimento artístico intitulado “O Boi de Reis Nordestino” integrado à prática pedagógica com uma turma de 5º ano matutino de 2023, do NEI-Cap/UFRN, no enfoque do Tema de pesquisa (NEI-CAP/UFRN, 2021) “A história do Brasil: um país multicultural”. As atuais discussões envolvendo a criança contemporânea a posicionam em local de destaque devido ao acesso à informação, aliado às novas concepções acerca do ser criança, permitindo um redimensionamento do seu papel social e dando-lhes outras possibilidades de ser e estar no mundo. Diante desse entendimento, as crianças podem ser consideradas atores sociais importantes, possuidoras de ideias críticas e reflexivas (SARMENTO, 2003).

### 2. ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

A partir de uma abordagem de natureza qualitativa, pelo viés da pesquisa explicativa, objetivamos compreender como se dá esse processo encadeado pela epistemologia das linguagens artísticas por meio de experiências ricas de significados, visando compreender a formação da cultura do povo brasileiro, por meio do extrato artístico “O Boi de Reis Nordestino”, envolvendo o teatro e a dança.

A pesquisa explicativa compreende que os dados obtidos no espaço educativo são repletos de singularidades referentes aos sujeitos envolvidos e às relações que estabelecem com o meio. Esses sujeitos estão imbricados durante todo o processo e contribuem no fazer educativo (OLIVEIRA, 2016).



### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para nos aprofundarmos na discussão acerca do caminho trilhado para a criação do experimento artístico, refletimos acerca de práticas docentes em teatro na infância a partir de discussões teóricas e da proposição de vivências na abordagem triangular proposta por Ana Mae Barbosa (1991). Por meio de leituras de imagens, vídeos e contextualizações, construímos a composição performativa de cenas, de leitura e contextualização da música do Boi de Reis e dos passos coreográficos.

### 4. CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhar com essas linguagens significa proporcionar experiências na subjetividade e na liberdade da criança de se manifestar, considerando-a um sujeito aprendente nas relações com o outro e com o meio em que está inserida. No contato com as diversas formas de linguagens e participando do processo de criação, as crianças são motivadas a serem leitoras/apreciadoras/produtoras da arte.

### 5. REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Ana Mae. Tópicos e utópicos. Coleção Arte e ensino. São Paulo. Ed. C/arte, 1998.
- OLIVEIRA, Maria Marly. Como fazer pesquisa qualitativa. Petrópolis: Vozes, 2016.
- SARMENTO, Manuel Jacinto. As culturas da infância nas encruzilhadas da Segunda Modernidade. In: SARMENTO, M. J.; CERISARA, A. B. (org.). Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação. Porto: Asa, 2003.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE. Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Departamento de Educação. Núcleo de Educação Infantil. Proposta Pedagógica. (2021, no prelo).